

VOL. 4 N. 3 - 2023

EDIÇÃO ESPECIAL

open minds

ISSN: 2675-5157

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E
POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO



Open Minds

PARECERISTAS AD HOC

Profa. Dra. Anne Caroline Dias Rocha Prado (UESB, Brasil)
Prof. Dr. Christian Fernando dos Santos Moura (IFSP, Brasil)
Prof. Dr. Dánie Marcelo de Jesus (UFMT, Brasil)
Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza (UFPE, Brasil)
Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros (UEPB, Brasil)
Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University, Egito)
Profa. Dra. Maria de Lourdes Otero Brabo Cruz (UNESP, Brasil)
Profa. Dra. María Isabel Pozzo (IRICE-Conicet-UNR, Argentina)
Profa. Dra. Mona Mohamad Hawi (USP, Brasil)
Prof. Dr. Ramon Diego Câmara Rocha (UFRN, Brasil)

REVISORES

Lais de Sousa Nóbrega Aguiar Pereira
Rickison Cristiano de Araújo Silva
Helaine de Souza Maciel
Rivaldo Ferreira da Silva

PROJETO GRÁFICO

Déborah Letícia Ferreira de Sousa

IMAGENS

Freepik
Creative Fabrica

Edição Especial - Revista de Divulgação Científica Mentés Abertas: Divulgação científica e popularização do conhecimento [recurso eletrônico]. v. 4 n. 3 (2023). - São Paulo: Open Minds International Journal, 2023.

ISSN: 2675-5157

DOI: 10.47180/RevDivulg1aED2675-5157

Disponível apenas online.

1. Artigo - Periódicos. 2. Conto brasileiro - Periódicos. 3. Poesia brasileira - Periódicos. 4. Resenha - Periódicos.

SUMÁRIO

EDITORIAL 6

Fábio Marques de Souza

APRESENTAÇÃO - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO 8

Jean Carlos da Silva Monteiro

Déborah Letícia Ferreira de Sousa

ARTIGOS

COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL E ACOLHIMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE
SOBRE O BEM-RECEBER E O PARADIGMA DO DOM (E) DA HOSPITALIDADE 16

Silvia Garcia Nogueira

A RAMIN, A LICENCIATURA E A EXTENSÃO COMO CONTEXTOS UNIVERSITÁRIOS DE ENSINO,
PESQUISA E FORMAÇÃO DOCENTE EM/PARA PLE NA UNESP 22

Marta Lúcia Cabrera Kfourri

“AS MARCAS DA TORTURA SOU EU”: DILMA ROUSSEFF E SUA PARTICIPAÇÃO NA
RESISTÊNCIA À DITADURA CIVIL MILITAR 26

Elizabeth Christina de Andrade Lima

AS MÃOS NO CINEMA: UMA BREVE JORNADA DA MAIS ANTIGA FERRAMENTA HUMANA 32

Ronny Diogenes de Menezes

Fábio Marques de Souza

O BRASIL E O CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS) .. 37

Carlos Enrique Ruiz Ferreira

ELIS REGINA, A SÍNTESE DA MPB? 42

Débora Helen de Oliveira

COMO ENSINAR UMA GERAÇÃO QUE VIVE HIPERCONNECTADA? 49

Jean Carlos da Silva Monteiro

A LITERATURA OITOCENTISTA DE AUTORIA FEMININA COMO OBJETO DE LEITURA LITERÁRIA: PROVOCAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO SUPERIOR	52
<i>Marcelo Medeiros da Silva</i>	
O JOGAR COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL	58
<i>Eumar Pereira Lopes</i>	
<i>Jean Carlos da Silva Monteiro</i>	
PROJETO GELATECA, DA LETRAMAR	60
<i>Jacklaine de Almeida Silva</i>	
FESTAS LITERÁRIAS INTEGRADAS DA PARAÍBA (FLIPB)	63
<i>Jacklaine de Almeida Silva</i>	
QUANDO A TECNOLOGIA SE VOLTA EM FAVOR DA INCLUSÃO	66
<i>Ana Lucia Bezerra dos Santos</i>	
“AFF... ESCREVER, PARA QUÊ?”	70
<i>André Monteiro de Moraes</i>	
O VALOR DO LÚDICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	72
<i>Maria do Socorro da Silva Cardoso</i>	
“E A CIGANA ANALFABETA, LENDO A MÃO DE PAULO FREIRE” À LUZ DE BAKHTIN, FREIRE E VIGOTSKI	75
<i>Fábio Marques de Souza</i>	
<i>Déborah Letícia Ferreira de Sousa</i>	
DIÁLOGOS D’O CÍRCULO DE BAKHTIN COM A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	77
<i>Ivo Di Camargo Junior</i>	
A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA VIVÊNCIA COTIDIANA	80
<i>Fátima Luzimary Pedrozo Tavares</i>	

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

POR QUE ESCREVO?	84
<i>Hugo Amaro</i>	
COMO DESTRUIR UM LIVRO	90
<i>Danilo Costa Nunes Andrade Leite</i>	

^^ MANIFESTO FELINO ^^ - O (PÓS)HUMANO QUE LOGO SOU: OBSERVATÓRIO FURIOS@ DE UM GATO-GAROTA	94
<i>Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega</i>	
SOLIDÃO	114
<i>Cristiane Navarrete Tolomei</i>	
ESTÁ FEITO	115
<i>Zé Luiz do Candeeiro</i>	
AO HOMEM QUE EU QUIS	116
<i>Amiel Nassar Rivera</i>	

RESENHAS

CINEMA E MEMÓRIA DE FUTURO: CENAS DE UMA NARRATIVA À LUZ DE BAKHTIN	121
<i>Manassés Moraes Xavier</i>	
ENTRE MÁSCARA, ESPETÁCULOS E AUSÊNCIAS: DEGUSTANDO A LITERATURA DE NEY ANDERSON	125
<i>Everton William de Lima Silva</i>	
PENSAR E ESCREVER SOBRE O TEMPO PRESENTE NA OBRA “O DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA EM TEMPOS DE BOLSONARO E ARAÚJO”	128
<i>Carlos Enrique Ruiz Ferreira</i>	
PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SERVIÇO SOCIAL	133
<i>Fábio Marques de Souza</i>	

EDITORIAL

Prezados leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a mais recente edição especial da *Open Minds International Journal*, dedicada à divulgação científica, à popularização do conhecimento e ao combate à desinformação. Vivemos em uma era em que a informação circula de forma veloz e abrangente, mas junto a esse progresso tecnológico, enfrentamos desafios inéditos em relação à confiabilidade daquilo que consumimos.

A desinformação, como destacado por Pini (2022), tornou-se uma preocupação crescente em nossa sociedade digital. A propagação deliberada de informações falsas, muitas vezes envolta em elementos de verdade, levanta sérias ameaças não apenas à nossa compreensão do mundo, mas também à nossa coexistência harmoniosa. O objetivo malicioso de prejudicar indivíduos, grupos ou instituições tem ramificações profundas que se estendem desde o nível pessoal até o âmbito global.

Outro fenômeno que, infelizmente, cada vez é mais recorrente, é o negacionismo, um desafio intelectual que coloca em xeque fatos inquestionáveis, minando a base do conhecimento construído pela humanidade ao longo do tempo. O negacionismo, como descrito por Szwako e Ratton (2022), é uma ameaça à compreensão objetiva da história, da ciência e das questões sociais.

No entanto, nem tudo é sombrio. Celebramos os esforços contínuos de cientistas, educadores e comunicadores que trabalham incansavelmente para divulgar o conhecimento de maneira acessível e envolvente. A popularização da ciência desempenha um papel vital em nossa jornada coletiva em direção à compreensão e ao progresso. Nesta edição especial, reunimos artigos de divulgação científica em linguagem mais acessível, com temas importantes e relevantes do nosso tempo presente. Além disso, a edição apresenta manifestações artísticas e resenhas.

Agradecemos aos autores, pesquisadores e colaboradores que contribuíram para esta edição especial. Que este conjunto de artigos inspire discussões construtivas, catalise a busca pelo conhecimento genuíno e fortaleça nossa resiliência contra as marés enganosas da desinformação.

Com estima,

 **Prof. Dr. Fábio Marques de Souza**

Universidade Estadual da Paraíba

Organizador da Edição Especial - *Divulgação Científica e popularização do Conhecimento*

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.241>

REFERÊNCIAS

PINI, A. M. A desinformação nas eleições de Donald Trump em 2016. In: MELO, F. R. M.; NOGUEIRA, S. G.; FERREIRA, T. S. H. (Orgs.). **Mídia, opinião pública e política internacional**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022, p. 223-254.

SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A presente edição surgiu com o pretexto de promover o diálogo entre a academia e a sociedade, pois acreditamos que a ciência deve ser acessível e compreensível para todos, e que a divulgação científica é uma ferramenta fundamental para alcançar esse objetivo. Por isso, reunimos artigos e reflexões de diversos autores sobre temas relevantes para a sociedade atual relacionados à educação, literatura, tecnologia, psicologia escolar, manifestações artísticas e cultura, entre outros. Nossa intenção é contribuir para a disseminação do conhecimento científico de forma clara e acessível, estimulando o debate e a reflexão sobre esses temas tão importantes.

Deste modo, o texto “*Cooperação acadêmica internacional e acolhimento: algumas reflexões sobre o bem-receber e o paradigma do dom (e) da hospitalidade*”, de Silvia Garcia Nogueira, fala sobre uma estudante angolana que destaca a importância do afeto na cooperação acadêmica internacional. Longe de casa, a dimensão humana é perdida entre burocracia e protocolos. O paradigma do dom e da hospitalidade ressalta a necessidade de acolhimento emocional. O texto explora como receber bem estudantes estrangeiros, enfatizando afetos e vínculos. O dom da hospitalidade gera conexões duradouras, sucesso educacio-

nal e desenvolvimento mútuo.

Marta Lúcia Cabrera Kfour, assina o texto “*A RAMIN, a Licenciatura e a extensão como contextos universitários de ensino, pesquisa e formação docente em/para PLE na UNESP*”, que aborda a mobilidade global que impulsionou a superdiversidade linguística no Brasil, gerando um mosaico cultural. O Projeto PLE da UNESP acolhe migrantes com cursos de língua e cultura, promovendo formação docente e pesquisa. A RAMIN, Rede Temática de Atenção ao Migrante Internacional, amplia essa abordagem, oferecendo apoio psicossocial, jurídico e linguístico-cultural aos migrantes. A formação para o ensino de PLE é essencial diante desses desafios multiculturais, exigindo engajamento das universidades para uma formação docente completa e eficaz.

Em “*As marcas da tortura sou eu*”: *Dilma Rousseff e sua participação na resistência à ditadura civil militar*”, Elizabeth Christina de Andrade Lima fala sobre a imagem pública de Dilma Rousseff revela sua militância na luta contra a ditadura no Brasil. Ela enfrentou tortura e perseguição, mas se tornou presidente. Sua história destaca o protagonismo feminino na política, desafiando padrões. O texto explora seu passado, resiliência e força em meio a adversidades, destacando sua coragem.

No texto “*As mãos no cinema: uma breve jornada da mais antiga ferramenta humana*”, de Ronny Diogenes de Menezes e Fábio Marques de Souza, filmes clássicos exploram mãos estranhas e poderosas: uma mão com formigas, um cartunista acidentado, uma mão possuída. Desde os primeiros filmes, mãos desempenham papéis intensos e simbólicos. Do terror à comédia sombria, cinema usa mãos para emocionar e refletir sobre a humanidade. Mãos na arte revelam medos, desejos e perdas, convidando reflexão sobre a existência humana.

“*O Brasil e o Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas)*” de Carlos Enrique Ruiz Ferreira, disserta de um Brasil que busca assento permanente no Conselho de Segurança da ONU desde 1945. Participou da Conferência de São Francisco, somou na Segunda Guerra. Deu ênfase na diplomacia multilateral. Atuou como membro não permanente 10 vezes. Conselho de Segurança decide sobre conflitos. Projeto acadêmico analisa papel do Brasil e reforma da ONU. Presidente Lula defende mudança na representatividade e papel da América do Sul no Conselho.

Já no texto “*Elis Regina, a síntese da MPB?*”, Débora Helen de Oliveira lembra de Elis Regina, icônica cantora brasileira, que – em sua visão - representa a síntese da MPB. Sua trajetória inclui o programa ‘Fino da Bossa’ nos anos 60, refletindo

engajamento social e político. Sua performance incorpora dramaticidade, ironia e resistência. O canto feminino é crucial, com influência de artistas como Ângela Maria. Elis Regina é a voz marcante que personifica a evolução da música popular brasileira.

A seguir, o texto *“Como ensinar uma geração que vive hiperconectada?”*, de autoria de Jean Carlos da Silva Monteiro, conversa a respeito da educação do século 21 e suas mudanças devido à internet e às tecnologias de informação. A Geração Hiperconectada, imersa na hipermodernidade, busca aprendizado por meio da interatividade e recursos digitais. Professores enfrentam o desafio de usar tecnologias para ensinar habilidades cognitivas e incentivar o aprendizado colaborativo. Novos modelos de ensino surgem para atender alunos hiperconectados, usando dispositivos como smartphones.

Posteriormente, o texto *“A literatura oitocentista de autoria feminina como objeto de leitura literária: provocações para a educação básica e o ensino superior”*, de Marcelo Medeiros da Silva, aponta que no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, percebe-se a falta de conhecimento dos alunos sobre a literatura brasileira, especialmente a escrita por mulheres do século XIX. A ausência dessas obras no currículo afeta a formação dos futuros professores de literatura. É necessário incluir autoras e suas obras para resgatar uma memória literária feminina, desafiando estereótipos e promovendo a compreensão da cultura e da sociedade da época.

Eumar Pereira Lopes e Jean Carlos da Silva Monteiro, que assinam o texto *“O jogar como instrumento de conscientização ambiental”*, falam que, no mundo atual, inundado de informações, a criatividade é fundamental para alcançar as mentes dos usuários. A educação adota tecnologias, como aplicativos gamificados, para envolver alunos de maneira inovadora. Exemplo é o aplicativo *“Protetores do Mangue”*, que ensina sobre preservação dos manguezais de forma interativa, contribuindo para conscientização ambiental e aprendizado significativo.

Em *“Projeto Gelateca, da LetraMar”*, Jacklaine de Almeida Silva fala sobre o Gelateca, projeto idealizado por ex-alunos de Letras da UEPB, que doou bibliotecas em geladeiras para escolas carentes em Campina Grande, Paraíba. Inicialmente focado nas escolas, expandiu para a Feira Central da cidade, promovendo leituras e cultura local. O projeto ganhou reconhecimento e se estendeu para outras instituições, contribuindo para o acesso à literatura e o desenvolvimento cultural na comunidade.

Logo depois, o texto *“Festas Literárias Integradas da Paraíba (FLIPB)”*, também

de Jacklaine de Almeida Silva, descreve a FLIPB, que promove Festas Literárias Integradas na Paraíba, formando cidadãos leitores e valorizando a cultura local. Com equipe voluntária, cada festa foca na leitura e cultura, estimulando a reflexão e participação. As festas ocorrem em cidades diversas, com programação abrangente, e culminam em evento online para compartilhar resultados e fortalecer a comunidade de leitores engajados.

O texto *“Quando a tecnologia se volta em favor da inclusão”*, de Ana Lucia Bezerra dos Santos, tece acerca da necessidade de uma educação inclusiva por meio da tecnologia, especialmente após a pandemia. Destaca a importância das redes públicas de ensino, a promoção da inclusão de estudantes com deficiência, a valorização da diversidade e a superação de preconceitos. Enfatiza a integração das TICs na educação e a necessidade de políticas educacionais para uma inclusão efetiva e abrangente.

Na sequência, o texto *“Aff... Escrever, para quê?”*, de autoria de André Monteiro Moraes, questiona *“Já parou para pensar na importância da escrita em sua vida?”* Desde a infância, passando pelos desafios escolares até a comunicação atual, a escrita é como um fio condutor da história. Ela é essencial para a comunicação, desde atividades simples até desenvolver teorias complexas, conectando-nos ao mundo e transmitindo sentimentos e conhecimento.

No texto *“O valor do lúdico para a educação infantil”*, de Maria do Socorro da Silva Cardoso, disserta que Vygotsky ensina que o desenvolvimento cognitivo se dá pela interação social, especialmente na Educação Infantil. A linguagem, pensamento e aprendizado estão interligados desde a infância, onde professores desempenham papel mediador, promovendo atividades lúdicas que auxiliam na absorção de saberes, enriquecendo a cultura e permitindo uma transição suave para diferentes fases de ensino.

Em *“E a cigana analfabeta, lendo a mão de Paulo Freire¹ à luz de Bakhtin, Freire e Vigotski”*, Fábio Marques de Souza e Déborah Letícia Ferreira de Sousa afirmam que Bakhtin, Freire e Vigotski nos inspiram a refletir sobre a interconexão da linguagem, educação e diálogo. A metáfora da cigana lendo a mão de Paulo Freire ilustra a diversidade linguística e cultural. A pedagogia da autonomia de Freire destaca a criação de condições para que os alunos construam conhecimento. A busca pela transformação na educação exige diálogo, reflexão e prática empática.

No texto *“Diálogos d’o círculo de Bakhtin com a linguagem cinematográfica”*, de autoria de Ivo Di Carmargo Jr., Bakhtin nos convida a analisar o cinema sob a óti-

ca de suas teorias. A linguagem social e dialógica do Círculo de Bakhtin se relaciona com o cinema como obra coletiva com vozes diversas. Conceitos como carnavalização e polifonia podem ser aplicados na análise de personagens e enredos. O contexto histórico e cultural influencia a produção e interpretação do cinema. Analisar filmes com a perspectiva bakhtiniana revela conexões entre ficção e sociedade, enriquecendo nossa compreensão da linguagem visual do cinema.

“*A importância da psicologia escolar na vivência cotidiana*”, de Fátima Luzimary Pedrozo Tavares, tece sobre a escola moderna e o importante papel que ela tem de socializar o conhecimento humano acumulado ao longo do tempo. A Psicologia Escolar desempenha um papel importante, aplicando teorias como as de Vygotsky, Wallon e Skinner para criar práticas educacionais efetivas. Ela ajuda a combater a violência no ambiente escolar e a lidar com problemas da sociedade capitalista. A escola de qualidade é essencial para minimizar as mazelas sociais. A psicologia educacional contribui para a formação de indivíduos ativos e produtivos, promovendo uma sociedade mais justa e digna.

Manifestações Artísticas

Após, no texto “*Por que escrevo?*”, Hugo Amaro fala que palavras revelam a busca por sentido na competição cega pelo poder e prazer. A linguagem une, denuncia, questiona, mas é negligenciada na era das imagens. Escrever é resistir, denunciar e repor o essencial. O processo criativo é uma necessidade de sobreviver, expressar dor, revolta e compartilhar. A busca incessante por compreensão e conexão é um apelo contra a superficialidade.

Danilo Costa Nunes Andrade Leite, que assina o texto “*Como destruir uma obra*”, solicita que imaginemos três etapas: a perfeição absoluta da obra de Machado de Assis, um código secreto de interpretação revelado por ele e a leitura completa de suas análises detalhadas. No entanto, a busca por uma compreensão definitiva é estúpida, pois a literatura é uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. O papel ativo da leitura e interpretação é fundamental para conectar o passado e o futuro, reparando o que vemos com olhos frescos.

O texto “*^^ Manifesto felino ^^ - O (pós)humano que logo sou: observatório furios@ de uma gato-garota*”, de Elisa Mariana e escrito por Nihal Antônio de Meireiros Nóbrega, propõe uma reflexão sobre a relação entre humanos e animais, especialmente no que diz respeito à animalidade que nos habita. O manifesto aborda a ideia de que os humanos não são superiores aos outros animais e que

é necessário repensar a forma como nos relacionamos com eles. Através da linguagem e da perspectiva de uma gato-garota adolescente, o manifesto busca experimentar novas formas de expressão e comunicação para promover uma maior compreensão e respeito pela diversidade animal.

A seguir, o poema “*Solidão*”, de autoria de Cristiane Tolomei, aborda o tema da solidão que surge como resultado do conhecimento. A autora descreve uma sensação de isolamento e ausência do outro, representando a figura feminina como alguém que lamenta estar sozinha, imersa em suas próprias reflexões e experiências, enquanto a falta de presença do outro é evidente.

Posteriormente, o poema “*Está feito*”, de Zé Luiz do Candeeiro, trata da temática da passagem do tempo, das marcas deixadas por experiências significativas e das mudanças que ocorrem na vida de alguém. A alma é comparada a uma terra rachada, sugerindo que a jornada da vida pode ser árida e difícil. A presença de alguém - possivelmente uma pessoa querida que partiu ou se distanciou - é percebida como uma chuva que ocorreu em um período de seca, trazendo alívio e renovação emocional. Mesmo que essa presença tenha ido embora sem deixar palavras, deixou uma marca profunda no eu lírico, representada como uma cicatriz no peito. O poema revela uma sensação de esperança e aceitação diante das incertezas da vida, sugerindo que, embora a pessoa talvez nunca volte, o impacto positivo que ela causou já está consolidado e não pode ser apagado.

Em “*Ao homem que eu quis*”, o autor Amiel Nassar Rivera conta a história de um protagonista que, embora não tenha nascido mulher, traz consigo a sina que afetou as mulheres de sua família. se apaixona por um homem mais jovem e começa um relacionamento intenso com ele. No entanto, o amante parte repentinamente, deixando apenas um bilhete. O protagonista lida com a perda de forma resignada, mas ainda sente a dor da despedida. O conto explora temas de amor, perda e identidade de gênero de uma forma única e envolvente.

Resenhas

Na sequência, o texto “*Cinema e memória de futuro: cenas de uma narrativa à luz de Bakhtin*”, Manassés Moraes Xavier aborda a relação entre cinema e Teoria Dialógica da Linguagem, explorada nos escritos de Volóchinov, destaca como a palavra é moldada por interações sociais e culturais. O livro ‘A memória de futuro analisada pela linguagem cinematográfica’ de Ivo Di Camargo Junior explora a relação entre Bakhtin e o cinema, analisando filmes como expressões discursivas

que constroem significados através de diálogos verbais e visuais.

No texto “*Entre máscara, espetáculos e ausências: degustando a literatura de Ney Anderson*”, Everton William de Lima Silva descreve um homem busca diversão noturna, encontra um rapaz em um bar, e a narrativa envolve sexo e emoções complexas. A história realista descreve os detalhes da noite e da manhã seguinte, explorando desejos, solidão e culpa. O conto se encerra com uma reviravolta quando o homem entra em uma igreja para celebrar uma missa de sétimo dia.

Carlos Enrique Ruiz Ferreira, que assina o texto “*Pensar e escrever sobre o tempo presente na obra O discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo*”, explora a análise dos discursos da política externa brasileira sob o governo de Bolsonaro. Utilizando a abordagem de Bakhtin, eles investigam temas como ideologia, religião e negação presentes nos enunciados do presidente e do ministro Ernesto Araújo. A obra destaca a influência desses discursos na sociedade, mostrando como a ideologia bolsonarista se mantém mesmo após o término do governo. A análise profunda revela conexões entre linguagem, política e cultura, oferecendo insights sobre o contexto sociopolítico contemporâneo do Brasil.

Por fim, o texto “*Práticas sociais, cultura e produção de conhecimento em Serviço Social*”, de Fábio Marques de Souza, fala sobre Flávio José Souza Silva, um jovem pesquisador em Serviço Social, brilha com sua inteligência e dedicação. Seu livro “*Cultura e Produção de Conhecimento em Serviço Social*” examina a relação entre cultura e a profissão. Utilizando a Teoria Social Crítica, ele analisa teses de doutorado, expondo influências pós-modernas e conservadoras. Sua pesquisa questiona visões fragmentadas da cultura e oferece *insights* cruciais para compreender a profissão em tempos de crise. Com abordagem crítica e teoria marxiana, o livro se destaca como uma valiosa contribuição para a área, desafiando perspectivas conservadoras e enriquecendo o entendimento sobre cultura e Serviço Social.

Boa leitura!

 **Jean Carlos da Silva Monteiro**

 **Déborah Letícia Ferreira de Sousa**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.244>

COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL E ACOLHIMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BEM-RECEBER E O PARADIGMA DO DOM (E) DA HOSPITALIDADE

id SILVIA GARCIA NOGUEIRA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.245>

“Desde que cheguei aqui, sinto falta de um abraço”.

A

fala de uma estudante angolana durante uma entrevista que realizei em situação de



pesquisa em 2022 no Brasil e em Portugal¹ chama a atenção para a dimensão afetiva da cooperação acadêmica internacional. Este tema geralmente é tratado em uma perspectiva burocrática e/ou política, no nível dos protocolos assinados por estados e instituições de ensino. Entre papéis, processos e reuniões formais, perde-se o olhar humanizado para os indivíduos que constroem a mobilidade estudantil.

Uma grande parte dos/as estudantes estrangeiros/as que ingressa nas uni-

versidades para fins de capacitação é composta por jovens que vivenciam morar longe da família pela primeira vez. Nesse sentido, estudar no exterior é uma ação voltada para a formação profissional e, igualmente, relacionada à construção de autonomia desse ser humano, a partir da marca da experiência migratória. Mas não é tudo.

Particularmente no que tange àquelas/as do Sul Global², sobre essas pessoas pairam ainda expectativas estatais e familiares de estímulo ao desenvolvimento do país de origem (no primeiro caso) e de mobilidade social (no segundo). O fantasma do não-cumprimento ao esperado gera sofrimento e, em última instância, coloca em risco a própria cooperação, o objetivo de internacionalização das instituições de ensino superior (IES) e os esforços realizados

¹ O projeto de pesquisa intitulado “Lusofonia e acolhimento de estudantes da CPLP em universidades brasileiras e portuguesas” foi desenvolvido no período de 1 de fevereiro a 31 de julho de 2022 no âmbito de dois estágios pós-doutorais realizados em simultâneo em Portugal no Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação dos Formadores” (CIDTFF) da Universidade de Aveiro (UA/Aveiro) e no Brasil junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos (PPGEST) e ao Laboratório de Estudos sobre a Política Externa Brasileira (LEPEB) da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói/Rio de Janeiro). Aproveito para agradecer o acolhimento que ambas as instituições me ofertaram e o valioso diálogo com os supervisores dos pós-doutoramentos, Betina Lopes e Susana Pinto (UA) e Adriano de Freixo (UFF). Agradeço ainda aos interlocutores e às interlocutoras do estudo pela generosa disponibilidade de compartilhar informações, interpretações próprias e sentimentos sobre o assunto comigo.

² Conforme apresentado em outro lugar (BARROS e NOGUEIRA 2015, p.118), os conceitos de “Norte” e “Sul” são vagos e/ou polissêmicos, referidos a um “sistema político hierarquizado de classificação internacional” em que “Sul” corresponde a um “conjunto de países que poderiam ser identificados como de Terceiro Mundo, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou mesmo potências emergentes”, em contraste com o “Norte”, países de Primeiro Mundo, desenvolvidos ou grandes potências. Ressalte-se que “mais importante que as definições de um e outro é a assimetria que marca a relação entre países que pertencem a um ou outro conjunto” (idem).

pela família. Este artigo parte deste contexto, que além de colocar desafios concretos à operacionalidade da cooperação cotidianamente construída, inclui ainda dimensões afetivas envolvidas na experiência migratória da capacitação no exterior.

Diante da questão norteadora da pesquisa como um todo, na qual se baseia a presente reflexão, sobre como a cooperação acadêmica internacional é construída cotidianamente e de que modo os estudantes são recebidos no Brasil e em Portugal, a questão da hospitalidade surge como uma necessidade concreta, tanto em suas dimensões materiais (alojamento, alimentação, entendimento do sistema acadêmico, língua de ensino e comunicação) quanto nas imateriais (sentimentos de solidão ou amizade, fracasso ou sucesso, ansiedade/depressão ou entusiasmo e vislumbre de futuro melhor).

A opção pelo método etnográfico adotado, que pressupõe observar, conversar, vivenciar, participar, estar e interpretar junto aos/às e com os/as interlocutores/as da pesquisa – no caso, cerca de 40 estudantes de Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Timor-Leste, no Brasil e em Portugal –, evidencia o entendimento da cooperação acadêmica internacional sob o paradigma do dom (e) da hospitalidade (NOGUEIRA e ARAÚJO, 2019; IÓRIO e NOGUEIRA, 2019; CAILLÉ, 2002).

Nessa direção, ao lado de ações práticas e empíricas a serem adotadas pelos anfitriões, receber bem os/as alunos/as estrangeiros/as implica na adoção de uma perspectiva que inclua também os afetos envolvidos na mobilidade estudantil, de modo que esses sujeitos se sintam acolhidos.

O DOM E A HOSPITALIDADE NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA

A dimensão cotidiana da cooperação acadêmica internacional requer uma abordagem multidimensional. Entrelaça protocolos entre Estados a IESs, processos de desenvolvimento nacional/local, mobilidade social, projetos familiares e objetivos individuais. A capacitação no exterior abrange estratégias de projeção internacional do país e formação de alianças entre os Estados, capacitação profissional voltada para o desenvolvimento do estado emissor (em particular os do Sul Global), construção de autonomia e amadurecimento dos/as estudantes, internacionalização das universidades receptoras. Esta ultrapassa o próprio universo acadêmico, impactando sobre políticas educacionais – ao incorporar (ou não) diferenças culturais presentes na mobilidade estudantil - e vinculando-se a processos e objetivos heterogêneos dos sujeitos da cooperação (NOGUEIRA, 2021, 2004; ALMEIDA, 2016; SEBASTIÁN, 2004).

Particularmente em cooperações de tipo Sul-Sul (CSS), do e no Sul Global, elas são percebidas como importante mecanismo para a promoção do desenvolvimento humano (CAIXETA, 2014), o reforço de modelos de desenvolvimento nacional/regional, além do estímulo à solidariedade diante das desigualdades no cenário internacional (MUÑOZ, 2016). Este é o caso, da cooperação estabelecida entre o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), ou o asiático Timor-Leste.

Diferentemente de um referencial orientado pelo pressuposto de horizontalidade entre os membros da CSS, em cooperações do tipo Norte-Sul, a lógica da cooperação é marcada por uma assimetria – no caso de Portugal, na relação da ex-metrópole com as ex-colônias (Brasil, Palops, Timor-Leste), com as quais há um entendimento de atenção a elas como orientação de política externa (MENDES, 2011).

Pensar a cooperação acadêmica sob o paradigma do dom e da hospitalidade significa ressaltar os vínculos mútuos estabelecidos entre os parceiros, sejam eles Estados, instituições e/ou indivíduos. De acordo com Nogueira e Araújo (2019, p.102), “é justamente nas interrelações que vinculam os indivíduos que o paradigma do dom repousa”.

O dom, assim, é simultaneamente “motor e performador” (CAILLÉ, 2002, p. 19) das alianças. Isso porque, tal

como entende Mauss (1966), em uma relação de troca – que envolve os atos de dar, receber e retribuir -, como pode ser lida a cooperação acadêmica aqui tratada, o dom trocado vincula os parceiros, gera obrigações mútuas e carrega sempre algo deles que segue para o outro. Por isso mesmo o dom trocado pode ser algo material ou imaterial, espiritual, ainda que, como Perrot (2011) interpreta, ele seja “mais mental que material”, pondo em questão a identidade dos parceiros. Isso porque o doador dá algo de si no dom, que é recebido e acolhido pelo outro parceiro da troca. Esse último, por sua vez, tendo acolhido o que recebeu, deve retribuir à altura o dom, fortalecendo, a partir da dívida criada com o doador, o vínculo fundado e alimentado por ambos através de prestações e contraprestações (NOGUEIRA, 2014).

Na situação da cooperação acadêmica internacional, na recepção de estudantes estrangeiros, o dom em jogo é o da hospitalidade. Ser hospitaleiro implica em doar-se. Para Perrot (2011), quem pratica a hospitalidade recebe o outro, e quem é recebido doa a si mesmo. Esse movimento constrói um sentimento de pertencimento comum. O acolhimento, entretanto, pressupõe tanto confiança entre anfitriões e hóspedes quanto respeito a regras de boa conduta da “casa” (NOGUEIRA, 2014; PERROT, 2011).



É na tensão construída pelas interpretações de anfitriões (IESs) e hóspedes (estudantes) sobre o que é acolher e receber bem (e ser bem acolhido e bem recebido) que a perspectiva da cooperação acadêmica sob o paradigma do dom e da hospitalidade possibilita inserir a dimensão afetiva dos sujeitos cooperantes. Não à toa são significativos os desafios enfrentados pelas instituições e pelos sujeitos da cooperação, que revelam e doam algo de si ao outro em um espaço ao mesmo tempo geográfico, social e simbólico, permeado por situações eventualmente de desconfiças mútuas, por um lado, e, por outro, por incertezas ou não compreensão quanto às regras do jogo.

Em especial no universo da pesquisa em tela (estudantes lusófonos em universidades brasileiras e portuguesas), na ótica dos estudantes, alguns dos problemas apontados foram: 1) os professores nem sempre aceitam as variantes do Português utilizadas pelos/as alunos/as em seus trabalhos acadêmicos, o que pode gerar neles sentimentos de ansiedade, fracasso, incompetência e exclusão, atrapalhando inclusive a percepção de integração com a turma e a absorção de conteúdos; 2) na chegada ao país, à cidade e à universidade de destino, além de estranhamentos culturais significativos, dificuldades para encontrar alojamento, diferenças climáticas e falta de infor-

mações sobre como se deslocar na cidade, a localização dos diferentes setores da universidade e o funcionamento do sistema acadêmico são apontados como fatores que geram ansiedades e receios relativos à integridade física, ao isolamento social, ao desempenho acadêmico e à falta de acesso ao lazer (em sua maioria, são jovens!); 3) a falta de ajuda com a burocracia das renovações de vistos para estudo e, diferentemente, a pouca atenção dada pelas IESs à saúde emocional e mental dos/as estudantes reforça o peso da responsabilidade que carregam junto às suas famílias (que investem recursos financeiros e sonhos de um futuro melhor) e ao seu próprio país (que conta com a capacitação profissional no exterior como estratégia de investimento voltado para o desenvolvimento).

ACOLHIMENTO COMO UM ABRAÇO: MAIS ALGUMAS PALAVRAS

As “pessoas que encontramos não são para ser dissecadas, mas antes para ser acolhidas, e os afetos nos permitem acolhê-las o máximo possível em suas diferenças, suas estranhezas, suas multiplicidades e duplicidades” – é o que Jean-Luc Mariceau (2020, p. 60) nos lembra. Nesse caminho, “ser afetado requer hospitalidade ao que está por vir e afetar cria uma responsabilidade para o frágil, o vulnerável, o diferente”

(p.59). Entretanto alerta que “não há método para acolher”, pois se constitui em “uma sensibilidade, uma atitude, uma ética” (p.60). Para ele, o estrangeiro, que representa a diferença, nos “interpela” (p.61).

A incorporação do paradigma do dom (e) da hospitalidade na cooperação acadêmica internacional propriamente dita e como tema a ser estudado exige de anfitriões (universidades) e hóspedes (estudantes), mas também de pesquisadores sobre o assunto, um nível de afetação que permita a todos o aprendizado mútuo, a disponibilidade para a interpelação, a construção conjunta de soluções aos desafios e o desejo de fortalecimento de vínculos sociais criados. É preciso ter clareza também o que de si vai para o outro e o que do outro se recebe.

As atitudes adotadas em relação às sensibilidades e visões de mundo distintas, interpretações variadas sobre os próprios sentidos da cooperação e experiências diversas vivenciadas cotidianamente pelos agentes envolvidos é que fazem a diferença entre o acolhimento efetivo e afetivo ou o protocolar, burocrático, formal.

Entre as consequências possíveis da primeira opção estão: alianças duradouras entre os Estados parceiros; maior projeção internacional das instituições de ensino superior com base em boa reputação; sucesso nos objeti-

vos estratégicos de formação de quadros capacitados para atuarem em projetos particulares de desenvolvimento dos países de origem dos estudantes; possibilidades concretas de mobilidade social das famílias dos/as alunos/as e amadurecimento profissional e pessoal dos próprios estudantes.

Assim como no abraço desejado pela estudante angolana interlocutora da pesquisa, que pressupõe disponibilidade para a aproximação estreita com o outro, confiança no que se vai receber e entregar de si para quem abraça, a cooperação nesses termos pode operar como um abraço acolhedor ansiado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, André Albino. 2016. “A internacionalização do ensino superior por ser uma via de humanização?”. In: Rogério Adolfo de Moura e André Albino de Almeida (orgs.), *Internacionalização do Ensino Superior: desafios e perspectivas*. Curitiba: Editora CRV, pp. 27-44.
- BARROS, Deolindo de, NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2015. “Cooperação Educacional Internacional Brasil/África: do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)”. *Revista de Estudos Internacionais (REI)*, 6(2): 117-133.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAIXETA, Mariana B. 2014. *Cooperação Sul-*

-Sul como nova tendência da cooperação internacional: o discurso e a prática da cooperação técnica do Brasil com São Tomé e Príncipe para o combate à tuberculose. Brasília: UNB.

IORIO, Juliana, NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2019. O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. *REMHU*, 27(56): 197-215.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1966.

MENDES, Nuno Canas. Notas sobre a política externa portuguesa e os interesses portugueses em Timor Leste. In: LEACH, Michael., Et al., (Eds.). *New Research on Timor Leste. Proceedings of the 3th. Timor Leste Association Conference*, Díli, 2011, p. 125-128.

MORICEAU, Jean-Luc. 2020. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG (Encontros 2 – Diferenças e vulnerabilidades: hospitalidade e acolhimento).

MUÑOZ, Enara Echart. Una visión crítica de la cooperación Sur-Sur, prácticas, actores y narrativas. In: *Cooperación Sur-Sur, política exterior y modelos de desarrollo en América Latina*. Maria Regina Soares Lima, Carlos R.S. Milani, Enara Echart Muñoz (Eds.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2016.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2021. Estudantes timorenses em Portugal e no Brasil: uma perspectiva etnográfica da cooperação acadêmica. In: Suzani Cassiani, Vicente Paulino e Patrícia Giraldo (Orgs.), *Deco-*

lonialidade na Educação de Timor-Leste: Dilemas e Perspectivas. Florianópolis/Díli: Repositório de Práticas Interculturais da UFSC e Centro de Estudos de Cultura e Artes da UNTL. pp. 29-49.

_____. 2014. “Cooperação educacional Brasil-Timor-Leste e a dádiva da hospitalidade paraibana: reflexões sobre uma experiência”. In: Mirian Santos, Regina Petrus, Anita Loureiro (orgs.), *Recortes Interdisciplinares sobre Migrações e Deslocamentos*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.

NOGUEIRA, Silvia Garcia, ARAÚJO, Wemblley Lucena de. 2019. “Cooperação Brasil-Timor-Leste sob o paradigma do dom e da hospitalidade”. *Carta Internacional*, 14(2): 100-126.

PERROT, Danielle. 2011. “Dádiva. Hospitalidade e reciprocidade”. In: Alain Montandon (dir.), *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas*. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 63-72.

SEBASTIÁN, Jesús. 2004. *Cooperación e internacionalización de las universidades*. Buenos Aires: Biblos.

SILVIA GARCIA NOGUEIRA É UMA EX-JORNALISTA FORMADA PELA PUC-RIO QUE VIROU ANTROPÓLOGA E SE TORNOU PROFESSORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. O INTERESSE PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL E AS INTERAÇÕES HUMANAS SEMPRE FOI UMA CONSTANTE, SE REFLETINDO TANTO NOS SEUS ESTUDOS DURANTE O MESTRADO E O DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA NO MUSEU NACIONAL/UFRJ, QUANTO EM SUA ATUAÇÃO EM GRUPOS DE PESQUISA COMO O CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GOVERNANÇA/CEAPPG-UEPB E O MOPRI/ MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. É PARTICULARMENTE FASCINADA PELAS DISTINTAS PERSPECTIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS DO SUL GLOBAL EM UM PAÍS DIFERENTE DO SEU. TEM APRENDIDO MUITO COM ELES.
SILVIANOGUEIRA@SERVIDOR.UEPB.EDU.BR



A RAMIN, A LICENCIATURA E A EXTENSÃO COMO CONTEXTOS UNIVERSITÁRIOS DE ENSINO, PESQUISA E FORMAÇÃO DOCENTE EM/PARA PLE NA UNESP¹

 MARTA LÚCIA CABRERA KFOURI

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.246>

Segundo Moita Lopes (2013), a atual mobilidade acentuada de pessoas significa que o linguajar – escrever e falar atravessando línguas diferentes e usando estratégias para agir na vida social – por entre as fronteiras aumentou no Brasil. Gerou-se, assim, o que o autor denomina *superdiversidade*, fenômeno que envolve a explosão no número de imigrações, com relação à nacionalidade, línguas, etnias, culturas e religiões, afetando políticas sociais relativas à força de trabalho, moradia, educação, em países/cidades que recebem os imigrantes. Nesse sentido, observamos que pessoas, textos e línguas estão cada vez mais em movimento em um mundo desterritorializado, com o objetivo fundamental de compartilhar conhecimentos, discursos e vida. Tais práticas envolvem identidades em contínua construção, sempre se fazendo e se refazendo, ou seja, identidades cada

vez mais fluidas e mutantes. O português é um dos recursos comunicativos usados por participantes de práticas discursivas hibridizadas em meio a fronteiras virtuais e “reais”, nas quais “as práticas linguísticas estão baseadas em negociação” (CANAGARAJAH, 2007).

Nesse cenário, caracterizaremos, no presente texto, as ações de ensino, pesquisa, extensão e formação docente na área de PLE - Português Língua Estrangeira², a partir de um projeto de configuração extensionista, oferecido em uma universidade pública do interior paulista (IBILCE-UNESP), a migrantes provenientes de distintos países, nas situações de imersão acadêmica e social. Também traçaremos reflexões e projeções para ações futuras.

¹ Este texto é uma adaptação de apresentação na mesa-redonda “A UNESP, a RAMIN e o caminho com os migrantes e refugiados”, realizada durante o Primeiro Simpósio da Rede Temática de Atenção ao Migrante Internacional (RAMIN-UNESP), em dezembro de 2022. A termo PLE

² O termo “língua estrangeira” é atribuído ao português ensinado como outra língua, de acordo com a SIPLÉ – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. Para nós, trata-se de um termo guarda-chuva, que compreende a área como um todo, no âmbito do ensino-aprendizagem e de formação docente.

O PROJETO “PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)”¹: TRAJETÓRIA EXTENSIONISTA

O Projeto de Extensão “Português Língua Estrangeira (PLE)” (UNESP-PROEC)¹ visa o acolhimento linguístico-cultural de migrantes internacionais e refugiados inseridos em São José do Rio Preto e região ou em outras localidades, por meio de cursos semestrais de difusão do conhecimento, tendo como norteadora uma abordagem comunicativo-interculturalista de ensino de línguas e de formação de professores como agentes de interculturalidade, entre outras atividades de língua-cultura. Quanto à formação docente, salientamos que, desde 2018, os estudantes dos cursos de Licenciatura em Letras (Integral e Noturno) têm na grade a disciplina semestral obrigatória “Português Língua Estrangeira: Ensino e Formação Docente”, proposta no processo de reestruturação do curso, a partir dos resultados das ações desenvolvidas no projeto de Extensão PLE.

Em linhas gerais, tem-se como objetivos do Projeto contribuir com a formação humanística de todos os envolvidos, por meio da integração universidade e demandas sociais (universalização do ensino); possibilitar a formação docente (inicial e continuada) para/em PLE, bem como a ampliação de visão de

mundo, de língua-cultura e de profissional, promovendo o diálogo com outras línguas-culturas; gerar pesquisas relativas ao ensino e à formação docente em PLE, sob o prisma da Linguística Aplicada; Atender aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 – ONU (Objetivo 4- Educação de Qualidade; Objetivo 10- Redução de Desigualdades; e Objetivo 16- Paz, Justiça e Instituições Eficazes). Suas atividades iniciais deram-se no primeiro semestre de 2012, para atender a uma demanda específica de sete alunos estrangeiros da pós-graduação em Engenharia de Alimentos do IBILCE-UNESP², a pedido da coordenação do curso, caracterizando-se, naquele momento, exclusivamente como atendimento à comunidade interna. Esse quadro alterou-se ano após ano, pela própria configuração social e econômica mundial e pelo cenário de globalização, deslocamento e refúgio, tornando-se majoritariamente constituído da comunidade externa, tendo sido atendidos, até o momento, participantes de mais de quarenta nacionalidades. Até 2019, as atividades do projeto eram realizadas de forma exclusivamente presencial. Durante a pandemia, ou seja, entre os anos de 2020 e 2021, foram atendidas turmas online de haitianos, sírios e venezuelanos. Também em 2021, realizamos o primei-

¹ Tal projeto é idealizado e coordenado por esta autora, docente vinculada ao Departamento de Educação do IBILCE-UNESP.

² IBILCE é a sigla do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.



ro curso online de aperfeiçoamento de professores em/para PLE, com duração de seis meses e carga horária de 180 horas, atendendo a cerca de cem inscitos geograficamente espalhados pelo Brasil e pelo mundo, o que gerou diversas parcerias com universidade e outras instituições. Em termos de produção científica, o projeto já gerou dissertações de mestrado, iniciações científicas, publicação de livro e de capítulos de livro, participações em eventos nacionais e internacionais com apresentações de trabalho, além de entrevistas, programas e matérias em podcasts, na mídia impressa e televisiva. Foi também indicado como referência para a aprendizagem de português pela Rede Brasil Cultural, braço do ministério das Relações Exteriores.

Em 2022, passamos a integrar a Rede Temática RAMIN- Rede de Atenção ao Migrante Internacional (UNESP-PROEC), uma ação de extensão que tem como unidades executivas da UNESP, além da de São José do Rio Preto, a de Araraquara, a de Assis, a de Franca, a de Marília, que é a unidade-sede, e a de São Paulo. A RAMIN busca articular, na forma de rede, programas e projetos de extensão da Unesp voltados para a promoção da atenção, acolhimento e apoio ao migrante internacional. Quanto aos Programas e Projetos vinculados à RAMIN, podem ter como público-alvo tanto os próprios migrantes e refu-

giados e suas famílias, quanto aqueles que, por motivos diversos, atendem, trabalham ou têm alguma forma de envolvimento com a população migrante. Passamos a ter como mais um objetivo disseminar o trabalho da RAMIN como Rede Temática, as unidades envolvidas e seus parceiros nas ações de acolhimento psicossocial, jurídico, humanitário e linguístico-cultural de migrantes internacionais e refugiados de diferentes origens e situações, divulgando, assim, a UNESP como instituição.

Como reflexões e projeções para ações futuras enquanto PLE/RAMIN, acreditamos que, mais do que adquirir conhecimentos de língua-cultura, é importante propiciar o desenvolvimento da consciência crítica do estudante sobre a diversidade de aspectos da(s) cultura(s) brasileira(s) e também de sua(s) própria(s) cultura(s) de origem, a fim de que se tornem cidadãos participativos em sociedades cada vez mais multiculturais. Observamos, igualmente, que a demanda pelo atendimento às mais diferentes necessidades em torno da área de PLE, movida pela intensificação dos movimentos migratórios, tem envolvido profissionais de atuações diversas no ensino de português como língua não-materna, fato que gera uma necessidade urgente de formação docente para esses contextos.

As Universidades brasileiras precisam se debruçar e se posicionar sobre

essa realidade, no sentido de considerar que a formação profissional para a docência na área de PLE, que nasce majoritariamente da extensão, é contexto fértil para pesquisas, formação inicial e continuada e justificativa para a instauração de políticas de formação plena docente em/para PLE.

Para saber mais sobre as ações e desdobramentos da RAMIN, visite as páginas ramin.unesp e [cursoplebrasil](https://www.instagram.com/cursoplebrasil) no instagram e no facebook, além da página oficial da UNESP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAGARAJAH, A. S. *Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. The modern language journal*, v. 91, p. 923 – 939, 2007.

MOITA LOPES, L. P. Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, cap. 3, p.101-119.



MARTA LÚCIA CABRERA KFOURI TRAZ CONSIGO O FASCÍNIO PELO PODER DAS PALAVRAS, CONQUISTADO NOS CORREDORES DA UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, NO BELÍSSIMO CAMPUS DO IBILCE - INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS, EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP.

NESSE AMBIENTE DE DESCOBERTAS, ELA TRILHOU SEU CAMINHO ATÉ SE TORNAR MESTRE E DOUTORA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, MIRANDO O AMPLO UNIVERSO DA LINGÜÍSTICA APLICADA.

NO IBILCE, ELA RECONSTRÓI SABERES COMO PROFESSORA-ASSISTENTE NO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, ONDE ORIENTA A JORNADA DE FUTUROS MESTRES DAS PALAVRAS E DO ENSINO. COM CARINHO, ATUA NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS, ILUMINANDO A TRAJETÓRIA DE DISCIPLINAS COMO “LINGÜÍSTICA APLICADA: ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA”, “PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE” E “ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS I E II: LÍNGUA ESTRANGEIRA”, SEJA NO CALOR DO DIA OU NA SERENIDADE DA NOITE. SEU CORAÇÃO BATE FORTE PELAS SALAS DE AULA, PELA PESQUISA E PELO SERVIÇO À COMUNIDADE. ELA É UMA ARTESÃ DE EDUCADORES DE LÍNGUAS, INSPIRANDO-OS A SEREM AGENTES DE CONEXÕES INTERCULTURAIS E PROMOTORES DA HUMANIZAÇÃO.

ELA TAMBÉM É UMA LÍDER, COORDENANDO A REDE TEMÁTICA RAMIN - REDE TEMÁTICA DE ATENÇÃO AO MIGRANTE INTERNACIONAL (PROEC-UNESP), QUE BUSCA ACOLHER E COMPREENDER AQUELES QUE BUSCAM NOVOS HORIZONTES, NOVAS VIDAS.

MARTA É A MAESTRINA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA INGLÊS (UNESP-CAPES), REGENDO A TAREFA DE APRENDER A SER PROFESSOR DE LÍNGUAS COM AMOR.

COMO EDITORA-CHEFE DA REVISTA MOSAICO (IBILCE-UNESP), ENCANTA-SE COM OS RESULTADOS DOS MOSAICOS DE CONHECIMENTO E DE DISCURSOS QUE SE ESPALHAM PELAS PÁGINAS EDITADAS.

SEU LEGADO É VASTO, ESPALHADO EM LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E ARTIGOS, ALÉM DE BRILHAR COMO ANFITRIÃ DE EVENTOS E COMPARTILHAR SUA SABEDORIA EM PALESTRAS NO BRASIL E NO EXTERIOR.

MARTA TAMBÉM JÁ VIAJOU POR DIFERENTES CENÁRIOS EDUCATIVOS, SENDO PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA E PORTUGUESA EM ESCOLAS REGULARES E EM ESCOLAS DE IDIOMAS, E ORIENTANDO CURSOS DE LETRAS E TRADUÇÃO EM FACULDADES PARTICULARES.

ASSIM, MARTA LÚCIA CABRERA KFOURI ESCREVE SUA HISTÓRIA COMO UMA PROMOTORA DA LINGUAGEM E DA EDUCAÇÃO, INSPIRADA PELAS NOVAS GERAÇÕES DE PROFESSORES DE LÍNGUAS.

“AS MARCAS DA TORTURA SOU EU”: **DILMA ROUSSEFF** E SUA PARTICIPAÇÃO NA RESISTÊNCIA À DITADURA

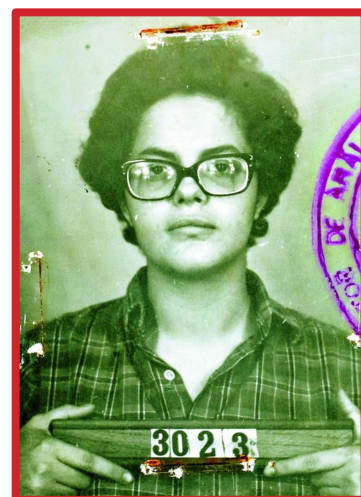
ID ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.247>

Nos últimos 14 anos tenho me dedicado à pesquisa sobre a construção da imagem pública da ex Presidenta Dilma Vanna Rousseff, sob diferentes aspectos: dentre eles, como as revistas semanais hegemônicas construíram imagens e discursos para apresentá-la. Observei que nos anos de sua aparição pública, passando por duas eleições, nas quais saiu vitoriosa, governando por quatro anos e tendo o seu segundo governo interrompido definitivamente no dia 30 de agosto de 2016, por um processo de *impeachment* que, segundo minha visão, foi um julgamento midiático, jurídico, parlamentar e misógeno¹, restou pesquisar outro importante aspecto sobre ela: a da mulher estigmatizada como “subversiva”, que aos 22 anos, no dia 16 de janeiro de 1970, é presa e passa dois anos e seis meses detida, primeiro,

por vinte e dois dias no DOI-Cod de São Paulo, onde vivencia a truculência do Regime e onde será, como alhures afirmou, “barbaramente torturada”. Depois nos DOI-Cod de Minas Gerais, Rio de Janeiro e, por último, é transferida para a denominada “Torre das Donzelas”, no presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo.

Parece-me que é exatamente com a visibilidade pública de Dilma Rousseff como candidata ao maior cargo público do Brasil, e por seu passado de militante política de esquerda, fato este que foi bastante utilizado por seus opositores, apresentando-a, no mínimo, como uma “mulher perigosa”, que o tema da ditadura e o protagonismo feminino ganham destaque, não só midiático,



¹ Como resultado de anos de pesquisa, publicamos no ano de 2022, pela editora Mentres Abertas o livro intitulado: A Imagem Midiática de Dilma Rousseff sob o olhar da Antropologia da Política.



mas também e, sobretudo, acadêmico.

Nesses termos, a história pessoal de Dilma Rousseff suscitou uma curiosidade acadêmica: como terá sido à sua participação na luta contra a ditadura militar? Me refiro a uma conjuntura na qual, antes do golpe civil militar de 1964, a mulher não era vista como sujeito político, ao contrário, parecia haver na sociedade da época uma espécie de “acordo tácito” para invisibilizar o feminino, enquanto estratégia de poder do masculino.

Assim, o intento com este artigo é de fazer um pequeno levantamento bibliográfico sobre a participação da ex Presidenta Dilma Rousseff na luta e resistência contra a Ditadura Civil Militar no Brasil, implantada em 31 de março de 1964, como também de seus depoimentos sobre as sessões de tortura e de como elas se realizavam, por meio do registro de suas próprias memórias, narradas em diferentes momentos e entrevistas.

“A VIDA QUER É CORAGEM” – O PROTAGONISMO DE DILMA VANA ROUSSEFF E O REGIME MILITAR

Dilma Rousseff ganha notoriedade na mídia hegemônica e na disputa entre opositores políticos como alguém que militou na resistência à ditadura militar exatamente quando é escolhida, pelo então presidente Luis Inácio

Lula da Silva, para ser o seu sucessor, nas eleições de 2010. Durante a sua primeira campanha presidencial ela e José Serra despontam como os “favoritos” a ganharem a eleição e a época, no sentido de desconstruir a imagem pública de Dilma, seus opositores, com o apoio da mídia hegemônica a colocam como guerrilheira e subversiva durante a Ditadura Militar.

Uma breve busca na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube resulta em milhares de vídeos que propõem contar “sua verdadeira história”, a “história não contada” ou revelar os “segredos” de seu “passado negro” e apurar os “crimes por ela cometidos”. (NASCI-MENTO, 2022, p.117)

De saída, tal fato já gera um grande impacto na cultura brasileira, pois a ocupação de espaços na política foi e continua a ser marcado por uma realidade de subrepresentação do feminino, pois,

a relação entre mulher e política tem sido tema tabu na sociedade brasileira. O lugar do homem é no comando do mundo político, à mulher, resta o privado, onde muitas vezes os homens também comandam. Invadir o espaço público, político e masculino foi o que fizeram essas mulheres, ao se engajarem em organizações de esquerda, clandestinas, para fazer oposição, juntamente com os homens, ao regime militar. Ousaram participar da política, espaço que marca a diferença e a exclusão. (COLLING, 1997, p.03)

A primeira vez que a participação de Dilma Rousseff na luta contra o regime militar ganha repercussão midiática foi em 2003, quando ela depôs, na condição de Ministra da Casa Civil da Presidência da República, no Governo Lula, em uma comissão do Senado Federal, momento no qual o então senador Agripino Maia, ao fazer menção a seus depoimentos aos militares durante a ditadura militar, teria anos depois admitido que “mentia muito” para sobreviver, e indaga se ela continuaria a mentir para seus pares, ao que respondeu:

O que aconteceu ao longo dos anos 1970 é a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstância porque o direito à livre expressão estava enterrado. Não se dialoga com o pau de arara, o choque elétrico e a morte. (...) Qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais, entrega pessoas para serem mortas. (...) Diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira. E isso, senador, faz parte e integra a minha biografia, da qual eu tenho imenso orgulho. (...) ¹

Dilma Rousseff entra cedo na militância política, aos 16 anos ela já fazia parte da POLOP – Organização Revolucionária Marxista Política Operária; depois no Colina – Comando de Libertação Nacional, e, finalmente, na VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, todas elas organizações

clandestinas, no Estado de Minas Gerais. Dilma com apenas 22 anos já “era dirigente da VAR-Palmares, organização criada em junho de 1969 pela fusão da VPR de Lamarca com os Comandos de Libertação Nacional (Colina), formado basicamente por intelectuais e universitários mineiros. (VILLAMÉA, 2023, p.56). A fim de estruturar a VAR-Palmares no Estado de São Paulo, parte para a nova missão no ano de 1970, quando finalmente é presa.

No ano de 2011 o jornalista mineiro, Ricardo Batista Amaral escreve a biografia de Dilma Rousseff, baseado em entrevistas concedidas por ela a diferentes jornais, revistas e jornalistas. Uma delas relata sobre a sua prisão, quando é presa na “rua Martins Fontes, na cidade São Paulo, quando três carros da Oban a captura.” (AMARAL, 2011, p.70)

Acrescenta Amaral, “Nos 22 dias seguintes, Dilma Rousseff conheceria o inferno da tortura, aonde se chegava cruzando a cancela do DOI-Codi na rua Tutóia.” (AMARAL, 2011, p.71). A partir de relatos oferecidos por Dilma ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho, no ano de 2003, e utilizados por Amaral (2011), pode-se ler o seguinte relato sobre a tortura por ela sofrida sob o comando do capitão Benoni de Arruda Albernaz:

Pergunta: Onde eram os choques
Dilma: Em tudo quanto é lugar. Nos pés, nas mãos, na parte interna das coxas, nas orelhas. Na cabeça é um

¹ Transcrição do vídeo disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/video/2008/6188/>, acesso em 03 de março de 2023.



horror. No bico do seio. (...)Aí você se urina, você se caga todo (...)

Pergunta: Quanto tempo demorava uma sessão dessas?

Dilma: Nos primeiros dias muito tempo. A gente perde a noção. Você não sabe quanto tempo nem que tempo é. Sabe por quê? Porque para, e quando para não melhora, porque ele fala o seguinte: “Agora você pensar um pouco”. Parava, me retiravam e me jogavam nesse lugar de ladrilho, que era um banheiro no primeiro andar do DOI-Codi. Com sangue, com tudo. Te largam. Depois você treme muito, você tem muito frio. Você está nu, né? É muito frio. Aí voltava. Nesse dia foi muito tempo. Teve uma hora que eu estava em posição fetal. (AMARAL, 2011, p.73)

Após intenso interrogatório no DOPS DOI-Codi Dilma é transferida para o Presídio Tiradentes, para a ala de mulheres também conhecido como a “Torre das Donzelas”.

No livro escrito pela ex-militante política Ana Maria Ramos Estevão e prefaciado por Dilma Rousseff, lançado no ano de 2021, é possível ler um comovente relato de experiências vividas por mulheres muito jovens que uniram-se, sobretudo, umas as outras para suportarem não só a tortura física, mas, sobretudo psicológica sofrida pelo regime e a capacidade pela autora narrada de, com resiliência, alegria e sentimento de companheirismo e luta, sobreviverem ao arbítrio. Escreve Dilma sobre o tempo vivido na Torre das Donzelas:

(...) As lembranças ressaltam e valorizam, em meio à crueldade de uma ditadura que brutalizava suas vítimas, pequenos e grandes gestos de solidariedade e amizade entre militantes muito jovens – tínhamos a maioria, entre 20 e 25 anos – todas dispostas a sonhar com outro país e com coragem de lutar por ele. (ESTEVÃO, 2021, p.16)

É possível, sem dúvida alguma, afirmar que por todo o tempo de aparição pública e enquanto esteve Presidenta do Brasil, Dilma se mostrou reconciliada e envaidecida por seu passado de militante política a lutar pela volta da democracia no Brasil pois ela

soube transformar as adversidades que enfrentou em forças para seguir adiante e reafirmar seus valores. Entretanto, ao mesmo tempo que a sociedade brasileira debateu intensamente a ditadura militar, por ocasião dos seus 50 anos, de modo a construir uma visão de rechaço à violência e ao autoritarismo, grupos vieram a público invocar o retorno do regime militar. (JOFFILY, 2016, p.11)

Em seu primeiro discurso de posse, como palavras finais, disse a Presidenta:

Queria dizer a vocês que eu dediquei toda a minha vida à causa do Brasil: entreguei, como muitos aqui presentes, minha juventude ao sonho de um país justo e democrático, suportei as adversidades mais extremas, infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco tenho

ressentimento ou rancor. Muitos da minha geração que tomaram pelo caminho não podem compartilhar a alegria desse momento. Divido com eles esta conquista e rendo-lhes minha homenagem. (SCHMIDT, 2011, p.101)

Alguns anos depois, exatamente no dia 17 de abril de 2016, já em seu segundo mandato, o então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro assim votou pela admissibilidade do julgamento de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff:

Pela forma como conduziu os trabalhos da casa, parabéns Presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o Comunismo, pela nossa liberdade, contra o Fórum de São Paulo. **Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff**, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, para o Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (Grifos nossos. Transcrição livre. YouTube – acesso em 18/04/2020)

Ao sofrer definitivamente a condenação por “crime de responsabilidade”, cujo resultado foi o seu afastamento definitivo da presidência do Brasil, Dilma proferiu as seguintes palavras no dia 30 de agosto de 2016:

(...) É o segundo golpe de Estado que enfrento na vida. O primeiro, o Golpe Militar, apoiado na truculência das armas, da repressão e da tor-

tura, me atingiu quando eu era uma jovem militante. O segundo, o Golpe Parlamentar, desfechado hoje, por meio de uma farsa jurídica me deruba do cargo para o qual fui eleita pelo povo. (...) ¹

Trazer para o texto, mesmo que brevemente, um pouco da biografia de Dilma Rousseff, creio provocar um sentimento de respeito e admiração pela mulher pública e democrata que foi Dilma. Superação, força e resiliência fazem dela uma estadista que foi “odiada” desde sempre, por ser alguém sensível à dor e misérias alheias e por tomar a mulher como bandeira principal de seus quase dois governos. Os machistas, misóginos e violentos não deixaram, mas ela, ressurgiu das cinzas, mais forte ainda, porque dela “a vida quer é coragem”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo Batista. **A vida quer é coragem. A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil**. Rio de Janeiro, Sextante, 2011.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo, Globo, 1998.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES,

¹ Transcrição livre da Presidenta Dilma Rousseff. Consultar o vídeo disponível no YouTube, acesso em 20/05/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=gKkpe53jaPk>

Maria T. Porciuncula; MARZOLA, Norma; LIMA, Valentina da Rocha. **Memórias das Mulheres do Exílio**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

ESTEVIÃO, Ana Maria Ramos. **Torre das Guerreiras e outras memórias**. São Paulo, Editora 106, Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

JOFFILY, Olivia Rangel. **Esperança Equilibrista. Resistência feminina à ditadura militar no Brasil**. Florianópolis, Editora Insular, 2016.

NASCIMENTO, Juliana Marques do. **Guerrilheiras. Memórias da ditadura e militância feminina**. São Paulo, Alameda, 2022.

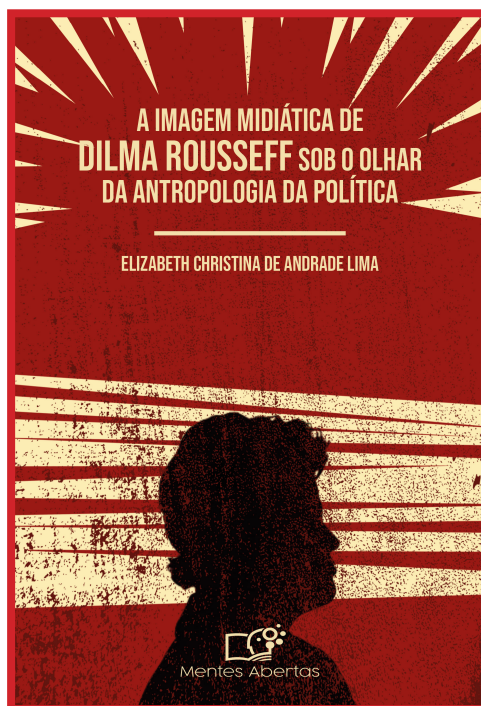
SCHMIDT, Benito Bisso. “É da época e deu”: usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. In: Perseu. História, Memória e Política. São Paulo, Perseu Abramo, 2007.

PROFUNDA ADMIRADORA DE DILMA ROUSSEFF, A AUTORA É PROFESSORA TITULAR DE ANTROPOLOGIA DA UFCG. NASCIDA NO ANO DE 1964, ANO DO GOLPE CIVIL MILITAR NO BRASIL, SE TIVESSE NASCIDO PELO MENOS 15 ANOS ANTES, CERTAMENTE TERIA ENGROSSADO COM DILMA E TANTAS OUTRAS MULHERES, À RESISTÊNCIA E LUTA CONTRA A DITADURA MILITAR. MESMO ASSIM CRESCER EMBA-



LADA À MUSICA DE VANDRÉ: “CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO, SOMOS TODOS IGUAIS BRAÇOS DADOS OU NÃO”. VIVA À RESISTÊNCIA, DITADURA NUNCA MAIS!

CONHEÇA O E-BOOK:



AS MÃOS NO CINEMA: UMA BREVE JORNADA DA MAIS ANTIGA FERRAMENTA

 **RONNY DIOGENES DE MENEZES**

 **FÁBIO MARQUES DE SOUZA**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.248>

Um buraco na palma de uma mão do qual saem dezenas de formigas, um grave acidente que decepa a mão de um cartunista, a mão possuída por um demônio que persegue o seu dono, uma mão grotesca que auxilia uma família em diversas tarefas. Essas situações estranhas podem parecer impossíveis, mas elas foram materializadas em diversos filmes que, hoje, são considerados clássicos. Desde os tempos mais remotos, a mão tem desempenhado um papel fundamental na vida dos humanos. Ao longo da pré-história até os dias atuais, ela recebeu valorização por parte de todas as sociedades. Elas sempre permearam o imaginário popular, pois elas são responsáveis por habilidades fundamentais para a humanidade, como contar, se defender, modelar e viver em sociedade.

O cinema, desde os seus primórdios, tem explorado o potencial expressivo e narrativo das mãos de diversas manei-

ras, criando uma variedade de representações que evocam emoções intensas nos espectadores. Desde filmes de terror psicológico até comédias sombrias, as mãos têm sido protagonistas, desafiando convenções e fornecendo um campo fértil para a expressão artística e a reflexão sobre a condição humana. Além disso, as mãos na sétima arte têm sido veículos para abordar questões sociais, políticas e existenciais, enriquecendo ainda mais o significado desses membros tão fundamentais em nossas vidas. Por isso, agora iniciaremos uma breve jornada sobre como as mãos foram retratadas em alguns filmes importantes na história do cinema.

O PROTAGONISMO E ANTAGONISMO DAS MÃOS

A obra mais antiga que temos registro e que retrata as mãos de forma enfática é o curta-metragem “Um cão andaluz”, lançado em 1929. Ele foi fruto de uma parceria entre o diretor Luis Buñuel e o artista plástico Salvador

Dalí, o que deu ao filme uma atmosfera surreal que pode ser até considerada confusa por alguns. Ao longo da obra, podemos observar que as mãos dos personagens sempre estão em destaque, na película elas afiam uma navalha, que posteriormente é utilizada para cortar um olho; mãos que estão infestadas de formigas; mãos decepadas e jogadas na sarjeta; mãos que cometem abusos e perseguem uma mulher.

Um cão Andaluz, 1929



Esse diretor prosseguiu sua jornada com as mãos através do filme “Anjo Exterminador”, lançado em 1963. Por meio de representações também surreais, Buñuel nos apresenta um casal burguês que organiza um jantar para seus amigos. Misteriosamente, todos ficam presos em uma sala na mansão, sem trancas ou grades aparentes. Nesse clima tenso, uma mão surge, tentando enforcar uma das convidadas, contudo não fica claro se tudo aquilo é real ou somente fruto do desespero mental que os personagens se encontram. Em consequência disso, à medida que os dias passam, os instintos de sobrevivência começam a prevalecer sobre a

etiqueta aristocrática.

“Anjo exterminador”, 1963



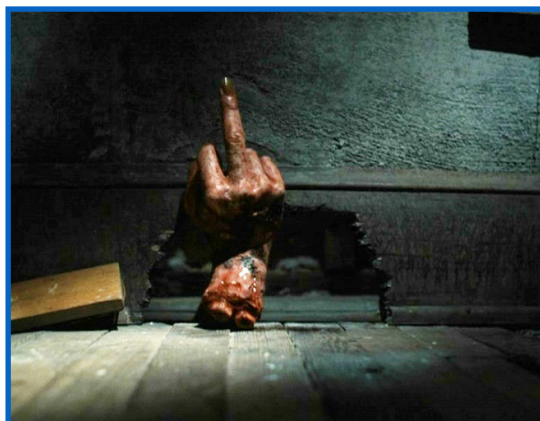
O terror psicológico também utiliza a mão como uma entidade assustadora em um filme trash. Esse é o caso de “A Mão”, lançado em 1981 e dirigido por Oliver Stone. Nesse longa-metragem, um desenhista de histórias em quadrinhos perde uma de suas mãos em um acidente de carro e, logo em seguida, passa a ser perseguido por ela, que busca assassinar todos ao seu redor, incluindo seus entes queridos. É interessante observar que nesse filme a mão assume um sentido metafórico profundo, uma vez que, antes do acidente, ela era o instrumento do trabalho e sucesso do protagonista, e é a sua ausência que acaba se tornando o motivo de sua insanidade.

“A mão”, 1981



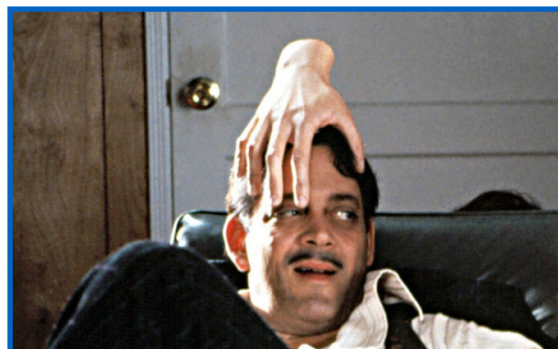
Outro filme que utiliza o terror para apresentar o poder destrutivo da mão é *Evil Dead 2*, 1987 (*Uma Noite Alucinante 2*, em português). Nele, Ash Williams, interpretado por Bruce Campbell, encontra-se preso em uma cabana amaldiçoada, onde forças malignas são despertadas por um livro antigo. Durante um confronto com o mal, Ash é forçado a cortar sua própria mão, que é possuída pelo espírito demoníaco. A cena é notável pela sua mistura única de terror e comédia. Após cortar a mão, Ash enfrenta uma batalha hilariante contra o membro amputado, que assume vida própria e o ataca de maneira grotesca. A mão possui uma personalidade maligna e se torna um elemento central da narrativa, perseguindo Ash pela cabana e causando-lhe inúmeras dificuldades. Essa sequência é um exemplo do estilo peculiar do diretor Sam Raimi, que mescla horror e humor de forma inventiva. A cena da mão cortada se tornou uma marca registrada do filme e é lembrada como um dos momentos mais memoráveis e impactantes da franquia “*Evil Dead*”.

“Uma Noite Alucinante 2”, 1987



Com uma pegada sombria e ao mesmo tempo leve, a comédia “*Família Adams*”, de 1991 apresenta uma mão sem corpo que, mesmo sendo coadjuvante, é fundamental para o desenvolvimento da trama. A história gira em torno de uma família peculiar, na qual o personagem Mãozinha desempenha um papel essencial na resolução dos problemas.

“Família Adams”, 1991



A tensão psicológica de perder algo tão importante é explorada no filme “*Perdi meu Corpo*”, lançado em 2019. A trama acompanha a jornada de uma mão que foi separada do corpo e agora busca reencontrá-lo, possivelmente com o desejo de se reunirem novamente como um todo. Essa jornada é longa e repleta de obstáculos e fracassos. Na

obra, a busca da mão por seu corpo se torna uma metáfora para todas as perdas que seu proprietário enfrentou ao longo da vida. Mesmo diante disso, ele procura algo que o faça sentir-se completo e retomar o controle da situação.

“Pedi meu corpo”, 2019.



A ETERNA BUSCA DAS MÃOS

É notável como no cinema essas mãos estão constantemente em busca de algo, seja a morte, um objeto ou o próprio corpo. Em alguns momentos, elas desempenham o papel de um «deus ex machina», resolvendo todos os problemas enfrentados pelas personagens na trama. Essa busca também reflete a realidade em nossas vidas. Nossas mãos estão sempre empenhadas em nossa sobrevivência, trabalho, busca por reconhecimento e na produção de arte.

A presença das mãos na sétima arte é um testemunho do seu poder simbólico e narrativo. Ao explorar o potencial expressivo e interpretativo das mãos, as obras têm mergulhado nas profundezas da condição humana, revelando

medos, desejos, perdas e busca por um reencontro existencial. Por meio das mãos, os cineastas têm retratado tensão psicológica, proporcionado momentos de comédia sombria e estabelecido conexões emocionais com o público. Em suma, as mãos na sétima arte são mais do que meros elementos visuais, elas são agentes poderosos que enriquecem as narrativas cinematográficas e nos convidam a refletir sobre nossa própria existência e experiência humana.

Porém o cinema não é a única forma de arte que utiliza as mãos a expressividade e simbolismo das mãos. As artes plásticas, a dança, a literatura, a fotografia e diversas outras formas de expressão também o fazem. Um tipo de arte que tem a mão como protagonista é a arte surda e convido você a conhecer mais sobre ela lendo os artigos abaixo. Boa leitura!

REFERÊNCIAS SOBRE AS ARTES SURDAS:

Family dog: resistência pela arte surda.

As mãos na arte surda: uma ferramenta de confronto e afirmação dos valores sociais surdos,

A filosofia do ato responsável: as artes surdas no processo de formação de professores.

A arte na cultura surda.

BÔNUS – OUTROS FILMES QUE TÊM A MÃO COMO “PROTAGONISTA/ANTAGONISTA”

La Main du diable (1943), de Maurice Tourneur.

The Beast With Five Fingers (1946), de Robert Florey.

Dr Terror’s House of Horrors (1965), de Freddie Francis.

And Now the Screaming Starts! (1973), de Roy Ward Baker

Demonoid(1981), de Alfredo Zacarías.

Idle Hands (1999), de Rodman Flender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARDENBERG, T. et al. Evolution of representation of the hands in plastic arts. **Acta ortop. bras.**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 15-24, Sept. 2002.

KENDON, Adam. **Gesture: Visible Action as Utterance.** Edição Inglês. Cambridge Cambridge University Press, 2004.



CARUARUENSE, RONNY DIOGENES DE MENEZES É UM PROFESSOR APAIXONADO QUE ENCONTROU NA UFRN A SUA CASA ACADÊMICA, ONDE LECIONA E PESQUISA NA ÁREA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS). ELE É ALGUÉM QUE VIVENCIA O “NEGRO DRAMA”, SENTINDO O ÓDIO, O PREÇO E A COBRANÇA. ESSA VIVÊNCIA O CONDUZIU

A UM PERCURSO DEDICADO AO CONHECIMENTO. RONNY CONCLUIU SEU MESTRADO NA UEPB E DOUTORADO EM LINGUAGEM E ENSINO NA UFCG, CONSOLIDANDO SUA EXPERIÊNCIA COMO MEMBRO DA COMUNIDADE SURDA E ENRIQUECENDO SEU TRAJETO COMO PESQUISADOR. ATRAVÉS DE SEU ATIVISMO SOCIAL E ACADÊMICO, ELE BUSCA INCANSAVELMENTE PROMOVER A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA, BUSCANDO DEIXAR UMA MARCA SIGNIFICATIVA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS COMPROMETIDOS COM A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA E CULTURAL.

PAULISTA DE NASCIMENTO E PAIRAIBANO DE CORAÇÃO, FÁBIO MARQUES DE SOUZA TEM FORMAÇÃO NAS ÁREAS DE LETRAS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E EDUCAÇÃO. ASSIM COMO BELCHIOR, SUA MAIOR ALUCINAÇÃO É SUPORTAR O DIA A DIA E O SEU DELÍRIO É A EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS.



O BRASIL E O CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS)¹

 CARLOS ENRIQUE RUIZ FERREIRA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.249>

A conquista de um assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas é um sonho antigo do Brasil. O país participou da Conferência de São Francisco (1945), sendo um dos 50 países fundadores da Organização das Nações Unidas (ONU). Na Segunda Guerra Mundial, o Brasil somou esforços militares para a derrota do Eixo e chegou a ser cogitado, pelos Estados Unidos da América, para compor o Conselho de Segurança da recente Organização enquanto membro permanente. Não deu certo.

Faz parte da tradição diplomática brasileira conferir centralidade aos mecanismos multilaterais e às organizações internacionais. Em particular, a ênfase e a participação no sistema ONU, e em particular no Conselho de Segurança (CS) se destacam. No âmbito mais geral da Organização, em seus vários

órgãos, o país possui uma trajetória de grande contribuição no que tange à agenda do desenvolvimento. O país exerceu o papel de líder na criação do G77 e da UNCTAD.

No CS, nota-se a prioridade que o país confere pelo número de mandatos que exercemos enquanto membro não permanente. O Brasil é, junto com o Japão, o Estado que mais participou do órgão na qualidade de membro não-permanente: foram 10 mandatos, totalizando 20 anos. Atualmente o país está em seu 11.º mandato, biênio 2022-2023.

Como se sabe, o Conselho de Segurança é o órgão das Nações Unidas que tem como prerrogativa, de acordo com o Capítulo VII da Carta, definir se há conflitos ou fenômenos políticos, sociais, militares que coloquem em risco a paz e segurança da Nações. Em risco ou em flagrante atentado à paz e segu-



¹ Este artigo é produzido nos marcos dos projetos “A Política Externa Brasileira e a Reforma do Conselho de Segurança da ONU” (Edital 09/2021) e do “Centro de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança” (Edital 04/2018), ambos aprovados e financiados pela FAPESQ, Governo do Estado da Paraíba.



rança compete ao órgão intervir, inclusive militarmente, como reza o artigo 42 do Capítulo VII. O artigo permite ao Conselho de Segurança “levar a efeito, por meio de forças aéreas, navais ou terrestres, a ação que julgar necessária para manter ou restabelecer a paz e a segurança internacionais. Tal ação poderá compreender demonstrações, bloqueios e outras operações, por parte das forças aéreas, navais ou terrestres dos Membros das Nações Unidas”. Sem sombras de dúvidas, a relevância do CS para as relações internacionais é incontestável.

Temos, em suma, duas questões adjacentes que fazem com que o tema seja de extrema pertinência acadêmica e política. Por um lado, a importância do CS para a ordem internacional e para a *high politics*. Por outro, a participação do Brasil no órgão e sua aspiração a se tornar um membro permanente. Não obstante a magnitude do tema, a literatura sobre a atuação do Brasil no CS, durante os biênios em que ocupou uma vaga de membro não permanente ainda é escassa. E isso ficou evidente quando foi realizada a consultoria para a Fundação Friedrich Ebert que redundou no *paper* “*Brazil as a Non-Permanent Member of the UN Security Council During the 2010-2011*”, de minha autoria). O *paper* efetua uma análise das principais posturas do país no órgão, no enfrentamento das grandes ques-

tões, em especial nas operações de paz e debates sobre a reforma, que foram tratadas neste biênio.

Uma vez notada a lacuna na literatura especializada, alguns professores da Universidade Estadual da Paraíba, com o apoio de colegas da Universidade de Brasília e alguns diplomatas, criaram o Grupo de Pesquisa “O Brasil e o Conselho de Segurança da ONU”, em 2012. Neste mesmo ano, aprovamos no Edital Universal/2013 do CNPq o Projeto de Pesquisa: “A Política Externa Brasileira no Conselho de Segurança da ONU no Pós-Guerra Fria”, concluído em 2017.

Concentramo-nos, sobretudo, nos últimos biênios em que o Brasil tinha estado no CS, na qualidade de membro não permanente, a saber: 1993-1994, 1998-1999, 2004-2005 e 2010-2011. Estamos a tratar, portanto, de um recorte temporal que se situa no pós-guerra fria, no âmbito do Sistema Internacional e, de redemocratização pós ditadura, no âmbito doméstico. Ao longo deste período foram publicados uma série de artigos científicos, realizados seminários e defendidas dissertações e monografias. Podemos destacar dois artigos científicos que versaram sobre os últimos biênios analisados. O primeiro artigo, de 2015, intitulou-se “*Brasil como miembro no permanente del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas en el mandato 2010-2011*” publicado na *Revista Foro Internacional* (vol.55 no.4 México oct./



dic. 2015) de autoria de Alexandre Leite e Carlos Ferreira. E o artigo “O Brasil no Conselho de Segurança da ONU: um panorama sobre o mandato 2004-2005.”, publicado na *Brazilian Journal of International Relations*, por Carlos Ferreira e Wembley Lucena, em 2017.

Ademais, algumas dissertações de mestrado ocuparam-se das operações de paz no Haiti e no Timor Leste, tendo em vista que são países prioritários para a Política Externa Brasileira (sendo um país da América Latina, estando em nosso contexto regional e outro partícipe da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, CPLP), e sobre a Responsabilidade ao Proteger, conceito lançado durante a presidência de Dilma Rousseff e sob o ministério de Antonio Patriota. Por fim, ainda nos marcos do projeto, realizamos dois seminários nacionais, contando com diversos professores e diplomatas. Estiveram na UEPB, no Campus V, em João Pessoa, onde estão sediados os cursos de Relações Internacionais (graduação e pós-graduação), os Professores Doutores: Antonio Jorge Ramalho (UNB), José Flávio Sombra Saraiva (UNB), Henrique Altemani (UNB), Eugênio Diniz (PUC-MG), Mariana Baccharini (UFPB). Também estiveram os seguintes diplomatas: o Embaixador Celso Amorim, o Ministro Milton Rondó e Marcelo Costa.

Passados alguns anos, desenhamos um outro projeto, que em 2022 foi

aprovado. Ele intitula-se “A Política Externa Brasileira e a Reforma da ONU”, sendo financiado pelo Edital Universal da FAPESQ, Governo do Estado da Paraíba. Serão três anos de pesquisa. Este projeto também se ocupa de um recorte histórico a partir da década de 1990. É nesse momento que os debates sobre a necessidade de uma reforma da ONU se intensificaram, sendo a reforma do Conselho de Segurança um dos temas mais enaltecidos. A composição do órgão é uma das questões mais polêmicas. O órgão reflete a ordem internacional dos pós II Guerra Mundial, sendo privilegiados os cinco únicos membros permanentes: Reino Unido, Estados Unidos da América, França, Rússia e China. Estes possuem o poder de veto, ou seja, nenhuma resolução que fira os interesses de algum desses membros pode ser aprovada. São eles que definem, então, o que configura e o que não configura uma ameaça à paz e ordem internacionais. Um dos pontos da reforma é justamente ampliar o número de países permanentes, sendo incluída uma representação dos países em desenvolvimento.

Nas discussões sobre a Reforma, o Brasil lançou oficialmente sua candidatura a um assento permanente no Conselho de Segurança em 1994, na XLIX Sessão Ordinária da Assembleia Geral da ONU (AG-ONU), por intermédio do Embaixador Celso Amorim, então Mi-

nistro de Relações Exteriores do governo presidido por Itamar Franco. Desde então, todo governo brasileiro – em que pese os distintos matizes políticos – prosseguiu na defesa do assento permanente.

Destarte, o atual projeto objetiva produzir conhecimentos e análises científicas sobre as diversas formulações e ações de política externa sobre Reforma do Conselho de Segurança da ONU, a partir de 1994 (ano em que o Brasil lançou sua candidatura). Ainda, compreendendo a necessidade da popularização da ciência e tecnologia, o projeto já iniciou a divulgação destes conhecimentos, a partir da criação de conteúdo especializado digital divulgados em mídias sociais criadas no marco deste projeto. Temos entendido que um dos grandes desafios da contemporaneidade na C&T é sua democratização e popularização. Logo, concentraremos esforços nesse viés de divulgação científica. O site www.brasilonu.online e a mídia social @obrasilnasnacoesunidas do Instagram são realizações desta nova fase de pesquisa.

Vale a pena ressaltar algumas das justificativas tradicionais que legitimariam a aspiração do Brasil, como: a tradição de respeito à paz e ao direito internacional, a defesa dos direitos humanos, da integridade territorial, da democracia, a liderança do país na América Latina e entre os países em desenvolvimento,

além do peso econômico, territorial e populacional. Mas um fato novo merece ser considerado: a importância que o recém-eleito presidente Luiz Inácio Lula da Silva está conferindo ao tema. A sua primeira aparição internacional, na COP 27, ainda como presidente eleito, mas não empossado, deu o tom. Lula ou-sou. Não apenas invocou a necessária inclusão de novos membros, mas questionou o próprio poder do veto. Isso é fato novo na política externa do país, tendo em vista que a própria proposta do G4 — grupo composto pela Alemanha, Japão, Índia e Brasil — é bastante cauta quanto ao tema. Recentemente, em maio de 2023, o presidente Lula disse, durante o encontro do G7, que “os mecanismos multilaterais de prevenção e resolução de conflitos já não funcionam.” Ainda em maio de 2023, na Cúpula dos Presidentes da América do Sul o presidente afirmou:

Se os cinco membros não respeitam o Conselho de Segurança, o que estão fazendo dentro do Conselho de Segurança? Por isso é que nós achamos que a América do Sul tem que ter uma participação maior, mais efetiva. E não é o Brasil estar lá sozinho; o Brasil para ir lá, nós temos que mudar a representatividade. Se o Brasil for convidado, o Brasil tem que ser representante da América do Sul. Significa que, antes de a gente discutir uma coisa lá, a gente tem que aprovar aqui na América do Sul para que a gente possa ganhar força e credibilidade. É uma mudança mui-



to forte que nós estamos querendo fazer na geopolítica mundial.

Lula destaca a importância de uma participação maior e mais efetiva da América do Sul no Conselho de Segurança da ONU. Ele questiona a legitimidade dos membros do Conselho de Segurança que não o respeitam, levantando a necessidade de uma representatividade adequada. O Presidente argumenta que o Brasil, se convidado a fazer parte do Conselho de Segurança, deveria ser o representante da América do Sul, defendendo que as decisões discutidas no Conselho de Segurança deveriam ser previamente aprovadas pelos países sul-americanos, a fim de fortalecer a região e obter maior credibilidade.

Essas declarações sugerem uma abordagem mais regionalizada e colaborativa na geopolítica mundial, em que a América do Sul alcance uma maior influência e participação nas decisões internacionais. Lula destaca a relevância de uma mudança significativa na estrutura geopolítica atual para garantir uma representação mais justa e equitativa dos interesses sul-americanos.

Há muito que se observar e estudar...

CARLOS RUIZ É PROFESSOR E MILITANTE. DOCENTE DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UEPB E COORDENADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GOVERNANÇA. MILITA NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, COSMOPOLÍTICAS E DIREITOS HUMANOS. KUIAINAN@GMAIL.COM



ELIS REGINA, A SÍNTESE DA MPB?

 DÉBORA HELEN DE OLIVEIRA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.250>

Por vezes, discute-se os questionamentos oriundos de uma possível evolução e institucionalização da MPB no século passado, orientando-nos numa reflexão que propõem conceber um grande nome da música brasileira, a tal qual é conhecida pelas performances sustentadas não apenas por seu talento irreduzível na substância de sua voz, mas de toda dramaticidade, ironia, orgulho e comoções possíveis que a intérprete de “Arrastão”, “Atrás da Porta”, “O Bêbado e o Equilibrista” entre outros sucessos, produziu em todo seu gesto performático¹. Elis Regina² é pre-



sente, porém de forma atemporal, pois a cantora, a quem abordamos nosso foco de análise, está presente na materialização daquilo que entendemos como música, daquilo que entendemos como um efeito e produção de vocalidade³ que preenche espaços e alcança a sensação de prazer de seu interlocutor, e fundamentalmente, se faz presença acurada na reflexão perdurante até os dias de hoje: Seria Elis Regina, uma síntese da MPB?

ELIS E O FINO DA BOSSA

Elis Regina esteve presente em todo o desenvolvimento daquilo que denominamos como Música Popular Brasileira. Por volta da década de sessenta, onde a aparição da MPB se deu como emergente, Elis inicia sua trajetória com

¹ Apossamo-nos do léxico performático ao dizer sobre a performance de palco, de vídeos e toda e qualquer apresentação que Elis Regina esteve.

² Suas principais canções reconhecidas, ao menos, pelas principais plataformas de streamings, como o Spotify, determinam “Águas de Março, Como nossos pais, Tiro ao Álvaro, Só tinha de ser com você, Velha roupa colorida e O Bêbado e o equilibrista” como as canções mais populares da cantora intérprete, pelo menos, em dias atuais.

³ Expressão comum no campo de Análise de Discurso, cujo significado diz sobre a produção substancial da voz.



a apresentação do programa “Fino da Bossa”, exibido pelo canal televisivo TV Record São Paulo, nos anos de 1965 a 1967. A assunção da exibição era com ninguém mais, ninguém menos que Elis Regina e seu grande parceiro, Jair Rodrigues, cuja atuação e performance foi muito bem recebida pelo público, acolhendo-os com entusiasmo e calor. Essa recepção foi tão positiva que provocou uma competição entre gravadoras (Odeon), que lançaram Elza Soares e Wilson Simonal em uma tentativa de desafiar o sucesso alcançado.

O início de sua carreira profissional, marcado por uma trajetória significativa na rádio, proporcionou um aperfeiçoamento não apenas como cantora, mas também em relação ao contato com o público, domínio do palco e microfone, além de familiaridade com a complexidade operacional de programas radiofônicos. Essa experiência foi fundamental para a introdução do programa de televisão O Fino da Bossa, em parceria com Jair Rodrigues. Todo esse conhecimento dos bastidores dos meios de comunicação, comunicação com o público e seleção de repertório tornou-se essencial para a organização de sua própria carreira.

Toda a performance de Elis, desde a sua corporalidade à sua substância vocal, se dialogavam referencialmente com todo aquele espaço radiofônico, acarretando nuances entre esse

campo da rádio e a bossa nova, o que fundamentalmente, se tornou determinante em toda sua trajetória. Não desconsideremos que Elis se destacou nos aparelhos radiofônicos, em especial no início de sua carreira profissional. Neste preâmbulo, a artista pertencia a um grupo “que transitou entre o campo do rádio para o televisivo, e assim, tinha a chance de conhecer outros músicos que desempenhavam suas músicas em espaços não semelhantes ao espaço da rádio” (Oliveira, p. 48, 2022).

O produtor de O Fino da Bossa, popularmente conhecido como Manoel Carlos, recebia elogios pelo programa, que era reconhecido como um show em que a música popular brasileira era o destaque principal. Os primeiros programas apresentavam convidados como Maria Bethânia, Nara Leão, Vinícius de Moraes, Wilson Simonal, Edu Lobo e outros artistas, representando uma diversidade de estilos, desde a Bossa Nova até o samba moderno e a música popular moderna.

Assim, o programa “O Fino da Bossa”, com toda sua técnica de marketing – que muito rendeu o sucesso necessário – promoveu Elis Regina como imagem determinante do programa, com habilidades que a referenciavam como “cantora popular moderna, de grande capacidade de transmissão, de interpretações muito pessoais e imaginativas”. (Lunardi, 2011. Pg. 37). Para



Lunardi¹ (2011), certamente, o “Fino da Bossa” demarcou toda a trajetória de Elis, pelo qual era contemplado por toda uma grande população que observava naquela programação um “porta-voz da música popular brasileira”, “e uma solução para o famoso debate entre qualidade e popularidade na MPB”. (Lunardi, 2011, pg. 100),

“O programa destacava a música popular brasileira e configurava anualmente os festivais dessa música popular. É importante a citação desses festivais na era proposta, como uma relevante produção da música popular brasileira, e que trouxe a promoção e difusão das temáticas com teor de engajamento social inscritos na valorização da própria MPB.” (Oliveira, p. 50, 2022)

Muitos compositores da época se apresentavam no programa, tocando músicas nacionais e canções de protesto originários dos movimentos estudantis. Essas músicas refletiam vozes contra a opressão e a ditadura, e eram expressas artisticamente por Elis e pelo autêntico samba de Jair Rodrigues. O programa destacava a música popular brasileira e promovia festivais que impulsionavam a valorização e a difusão da MPB, com temas de engajamento social.

O interesse pelo consumismo na MPB aumentou, e o programa ganhou destaque com uma audiência crescen-

te, com a imagem de Elis se destacando mais do que a de Jair Rodrigues. Lunardi (2011) explicou que isso ocorreu devido à maneira como Elis se apresentava, com uma performance artística e corporalidade que remetia ao estilo do rádio dos anos 1959, embora sua escolha de músicas envolvesse gestos musicais mais modernos.

Assim, o engajamento social e político era presente não somente na MPB, mas também no programa. A busca por diálogos entre a modernidade e a tradição, o engajamento bem posicionado e o mercado levantavam a concepção de uma Moderna Música Popular Brasileira, doravante MMPB, que logo depois, se popularizou em MPB, aludindo, mesmo que ao mesmo tempo, uma herança deixada pela Bossa Nova, porém “em distintivo parâmetro artístico musical, com reducionismo de gestos e uma baixa intensidade da própria vocalidade, por exemplo” (Oliveira, p. 50, 2022). Em todo plano de marketing do próprio programa, os discursos diziam sobre uma Elis rainha da bossa, interpe-lada por muito charme e muita graça, com habilidades para expressar possíveis emoções, cultivando a atenção daqueles que assistiam e acompanhavam o programa.

¹ Doutora e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com auxílio de bolsa FAPESP. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em História e Música, durante a Ditadura Militar brasileira.

ELIS E O CANTO PERFORMÁTICO

Ao revisitar o nome Elis Regina, um vasto leque de possibilidades se abre. No entanto, antes de prosseguir com essa revisita, é fundamental entender o projeto autoral de cantora e intérprete, conforme explicado por Lunardi (2011). Elis mobiliza sua performance em busca de conciliar com as demandas culturais da Música Popular Brasileira, iniciando assim o seu processo de institucionalização.

Elis materializou diversas performances ao longo de sua carreira artística, expressando-se com cantoria e gestos exortativos, ora dançantes, ora técnicos, e até mesmo espontâneos com leveza ou tensão. Sua maneira única de cantar e se expressar nos palcos chamou a atenção do público e dos jurados do I Festival da Canção, onde ela saiu vencedora. Elis demonstrou habilidade técnica e expressiva ao abordar diferentes estilos musicais, conectando-se de forma profunda com as letras das canções. Seu equilíbrio técnico e emotivo, combinado com sua gesticulação corporal, especialmente com os braços, tornou-a uma figura marcante e significativa nos palcos.

Na busca por contextualização, há o exemplo da canção “Fascinação”, em que Elis utiliza categorias técnicas vocais, alternando entre timbres agudos e mais baixos. Em outra canção, “Jar-

dins de Infância”, Elis procura transmitir uma sensação de espontaneidade e tensão, utilizando linguagem metafórica e analogias satíricas para abordar questões da conjuntura vivida. Ela considerava não apenas a sua performance artística, mas também como essa mensagem poética era percebida e compreendida pelo público, buscando uma conexão efetiva entre si e o público.

Os movimentos corporais, os gestos e toda a linguagem performática de Elis Regina eram compreendidos em sentidos que produziam um efeito simbólico de resistência, “como nas canções engajadas; ou melodramático, com expressões carregadas de forte histrionismo; e de forma mais descontraída, alegre, e muitas vezes dançante, ao cantar sambas.” (Lunardi, 2011, pg. 35). É preciso dizer que essas performances diversas mobilizavam não somente uma linguagem corporal com expressões e todo um corpo dançante, mas também uma estrutura que demandava técnicas, mesmo quando exibidas em efeito de espontaneidade, mas não pode-se negar que esses pontos já diziam sobre um projeto que trazia Elis, mesmo com esse diálogo presente com técnicas e até mesmo com o próprio público. Portanto, neste projeto artístico de Elis, a cantora intérprete considerava não somente sua atuação performática em si, mas também a maneira como tal é compreendida e recebida pelo seu in-

terlocutor, pelo público.

ELIS E O CANTO POLÍTICO

No contexto da performance de Elis Regina, sua vocalidade e gestos marcantes contribuíram para o surgimento de um novo gênero musical conhecido como “música de festival”. Esse gênero, por sua vez, influenciou toda a trajetória da música popular brasileira, posteriormente sendo reconhecido como MPB (Música Popular Brasileira), conforme mencionado por Mello (2003). Marcos Napolitano também destaca que o processo de redimensionamento e consolidação da sigla MPB foi impulsionado por intervenções culturais que buscavam resolver questões relacionadas ao nacional-popular, com uma abordagem cultural e política. (Napolitano, 2010).

Durante a década de 1960, especialmente a partir de 1967, alguns artistas e compositores eram constantemente observados pelo Departamento de Ordem Política e Social, mesmo que não fossem perseguidos formalmente. Sua associação com grupos politizados e membros da esquerda provocava certa contrariedade entre aqueles que defendiam o regime militar. A cantoria de canções com temáticas nacional-populares fortalecia a visibilidade de Elis Regina como uma artista engajada em questões sociais, sendo considerada

uma cantora nacionalista. Mesmo que sua educação política não fosse um fator explicitamente presente, sua associação com esses grupos já era suficiente para atrair atenção e provocação por parte das autoridades da época.

Para a historiadora Lunardi (2011), Elis Regina se colocou historicamente como representante de certas práticas de resistência no ambiente artístico contra o regime militar da época, assim como diz a pesquisadora:

“Tal resistência aparecia nos setores artísticos defendendo a música popular brasileira contra a invasão estrangeira, numa estratégia nacionalista de luta contra o “Imperialismo” liderada pelas esquerdas, sobretudo na década de 1960, e nos setores mais estritamente políticos a partir de “Falso Brillhante” quando, declaradamente, tornou-se uma artista engajada.” (Lunardi, 2011. p.156).

Elis não era aleatória em seu repertório. Algumas canções como: “Sinal Fechado”, “Cais”, “Lapinha”, “Madalena”, “O Bêbado e o Equilibrista”, entre outras, são canções que invocam o engajamento com questões políticas, sociais e culturais. Assim, a cantora reproduzia nomes importantes em seu cancionário, como Vinicius de Moraes, Baden Powell, Edu Lobo. Quando permitia a exposição artística de sua voz, a cantora mobilizava determinadas representações de uma classe – diga-se intelectual – que não temia seus questionamentos sobre o acontecimento

do regime militar, com canções que apresentavam questões sociais “e um posicionamento de defesa de identidades nacionais” (Oliveira, p. 56, 2022). Outro exemplo foi quando a cantora apresentou seu memorável show “Falso Brilhante”, entre a década de 70, constituindo sua própria imagem como grande cantora intérprete do país, com recorde de público, a permanência dos cartazes e a aprovação da própria crítica. Embora Elis manifestou certas posições com discursos nacionalistas no início de sua carreira, pode-se dizer que a figura da intérprete se consagrou como “cantora de resistência” (Lunardi, 2001. p. 165).

ELIS E O CANTO VOCAL

O que é a voz? Certamente, a vocalidade demarca a presença do sujeito no ato de dizer, de cantar. Por isso, é fundamental considerar as modulações da voz, o que permite os efeitos de sentido que se posicionam ao enunciar. No caso de Elis Regina, por exemplo, tem-se uma mulher que atribui efeitos de dramaticidade, utilizando a própria voz “para mobilizar a coerção de um poder com o qual se defronta”. (Oliveira, p. 57, 2022). Para o linguista Pedro de Souza (2017), a voz detém um funcionamento, e se significa no tom em que se coincide a pessoa posicionada, em outras palavras, a pessoa que fala na fala.

Aqui, refere-se aos efeitos que a vocalidade pode provocar, sendo esta determinada historicamente, se colocando como possibilidades de determinadas subjetividades enunciadas na instância daquele sujeito que canta.

O canto feminino, fundamentalmente aqueles que recordam os canais radiofônicos, de certa forma, se comunicavam com a subjetividade dita, pela qual a mulher se posiciona (discursivamente) na MPB, assim, “era necessário o alinhamento dessas subjetividades para fazer ouvir a própria vocalidade” (Oliveira, p. 58, 2022). Há historicidade sobre o canto e a presença feminina na produção da voz, e que conseqüentemente, impõe discursos sobre o estilo da mulher que almejasse ser artista. Já Elis, não escondia sua admiração por Ângela Maria, demonstrando sua devoção pela cantora até mesmo em seu canto:

“... ‘ter descoberto que podia ser cantora a Ângela Maria, comecei a minha carreira de cantora imitando descaradamente em extrema felicidade que eu confesso isso a Ângela Maria, até hoje, em certos momentos das minhas apresentações, eu saco na minha voz a voz da Ângela Maria, e tenho profundo orgulho disso, e Ângela Maria é realmente pra mim a maior cantora que o Brasil já teve até hoje, e vai continuar tendo durante algum tempo. Se Deus quiser, ela vai viver muito pra gente ainda” (entrevista Elis).

Assim, é fundamental contextualizar

essas cantoras, essas artistas e a reprodução das subjetividades nesta relação da instância discursiva e a produção da voz. Portanto, “a inscrição da subjetivação é considerada pelas marcas da historicidade, o que por meio dessa observação histórica, nota-se a presença de uma singularidade do canto feminino como voz inscrito na canção popular” (Oliveira, p. 59, 2022).

CONTRIBUIÇÕES FINAIS

Elis Regina marcou presença em todo o desenvolvimento da MPB. Sua visibilidade é presente desde a era radiofônica, também nos festivais de canção, e até em movimentos sociais pela qual foi (e ainda é) aclamada como imagem da resistência, imagem da personalidade marcante e imagem de talento memorável, permitindo a construção de um projeto autoral que memorizou todo o campo da Música Popular Brasileira. Podemos dizer que Elis Regina é, fundamentalmente, a síntese da MPB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUNARDI, Rafaela. **Em busca do “Falso Brilhante”**. *Performance e projeto autoral na trajetória de Elis Regina (Brasil, 1965-1976)*.

OLIVEIRA, Débora Helen de. **A construção do ethos de sujeitos femininos em canções interpretadas por Elis Regina**.

NASCIDA NA TERRA “ONDE O PEIXE PARA” (ORIGEM TUPI), DÉBORA HELEN DE OLIVEIRA É DOUTORANDA EM LINGÜÍSTICA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGL) PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR) COM ÊNFASE NA ÁREA DE LINGUAGEM E DISCURSO. MESTRE EM LINGÜÍSTICA PELO MESMO PROGRAMA. É ESPECIALISTA (2019) EM METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PELA UNIVERSIDADE BRAZ CUBAS. É GRADUADA (2017) EM LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA (UNIMEP). UMA PAIXÃO: COMPREENDER A INTERSECÇÃO ENTRE MÚSICA E SOCIEDADE.



COMO ENSINAR UMA GERAÇÃO QUE VIVE **HIPERCONNECTADA?**

 JEAN CARLOS DA SILVA MONTEIRO

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.251>

A educação do século XXI vem passando por significativas transformações. Isso porque a internet trouxe consigo um leque de novas oportunidades virtuais marcadas pela difusão e utilização das atuais Tecnologias de Informação e Comunicação. Fruto da revolução tecnológica, em que computadores e telecomunicação têm um papel importante nas mudanças sociais, da democratização e forte uso das tecnologias digitais da informação e comunicação, nasce a Ge-

ração dos Hiperconectados, uma cultura em constante mudança, baseada na informação e no conhecimento.

Essa Geração vive em uma sociedade caracterizada por um intenso fluxo de informações, que a cada dia amplia o acesso a elas, gerando maior distribuição do conhecimento e oportunidade de aprendizagem para bilhões de pessoas por meio dos recursos midiáticos. Esta é a hipermodernidade. Momento em que as tecnologias abrem espaços para uma série de possibilidades a nível educacional, promovendo habilidades,



competências e estimulando a aprendizagem de uma geração de crianças, jovens e adultos mais que conectados.

À vista disso, novas metodologias e propostas didáticas no processo de aprendizagem são construídas e outras são reformuladas, caracterizando, assim, uma mudança sociocultural que altera as relações sociais, os comportamentos e as formas de perceber e de se comunicar com o outro. Surge, então, ferramentas digitais, de fácil uso, muitos gratuitos, que oferecem inúmeras contribuições na atual conjuntura em que as formas de comunicar e de aprender estão mais descentralizadas e distribuídas, nos mais diferentes formatos e mídias, em busca de um aprender mais motivacional, colaborativo e, principalmente, significativo.

“Interatividade” tornou-se a palavra-chave dessa geração que passa bastante tempo com o computador ligado e interagindo de forma simultânea em variadas janelas na web, em plataformas que oferecem uma diversidade de músicas, vídeos, imagens, podcasts, infográficos e um excesso de informações linkadas num mesmo texto. A utilização desses recursos multimidiáticos no processo de ensino-aprendizagem se tornou um desafio diário para os professores, uma vez que inúmeras pesquisas apontam a colaboração das tecnologias digitais na aquisição das inúmeras habilidades, como fomen-

tar a flexibilidade cognitiva, ou seja, a capacidade que o aluno tem de usar a criatividade para lidar, adaptar-se ou resolver tarefas mutáveis no processo de aprendizagem.

Para além de incentivar o uso das tecnologias, os professores têm a tarefa de ensinar os alunos a gerir o conhecimento numa proposta de aprender a aprender, que agora está disponível a todos os que estão hiperconectados em rede. O conhecimento, antes limitado aos livros, passa a ser distribuído em grande escala pela internet e o que era apenas textual ganhou interatividade e agora se apresenta em formato multimídia, por meio de músicas, vídeos, imagens, podcasts, infográficos, links e hipertextos.

As tecnologias promoveram mudanças no processo, que vai desde a produção até o compartilhamento das informações, disposto em um sistema que pode ser acessado por todos, em que indivíduos receptores e emissores podem ser capazes de enviar e receber informações. Mergulhados num universo cada vez mais informacional e tecnológico, novos modelos de ensino, como o e-learning, b-learning, m-learning e app-learning são oferecidos por meio das tecnologias com o intuito de promover o bom desempenho do aluno em diversas atividades que abrangem os processos educacionais.

Computadores, tablets, smartpho-

nes e outros recursos são também inseridos no cotidiano e utilizados como ferramenta educacional que facilitam a execução de determinadas tarefas. O emprego das tecnologias na sala de aula permite ao professor ressignificar o processo de construção do conhecimento, de forma mais interativa, lúdica e colaborativa, transformando o modelo de ensino tradicional que, muitas vezes, não atende mais às demandas da geração de alunos cada vez mais hiperconectados.

Compreende-se que é necessário oferecer, a essa nova geração, o maior número possível de recursos e estímulos compreendidos em novas metodologias e propostas didáticas na sala de aula. Diante do exposto, acredita-se que o domínio das tecnologias se faz necessário tanto na prática educativa e formadora dessa geração, como na prática social e na complexidade procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informação e recursos tecnológicos produzidos.

A interação e a construção colaborativa de conhecimento com as tecnologias ampliam, entre alunos, o potencial de incitar o desenvolvimento de habilidades para escrever, ler e interpretar textos que podem ser utilizadas como uma estratégia no processo de aprendizagem desses alunos. Nessa perspectiva, os professores Jean Carlos da Silva Monteiro, Juliana Campos Lobo, Ma-

nassés Morais Xavier e Robéria Nádia Araújo Nascimento organizaram a obra “As tecnologias digitais na construção do conhecimento de uma geração hiperconectada”, lançada pela Editora Mentis Abertas.

A coletânea proporciona o desenvolvimento de novas reflexões sobre a interdisciplinaridade entre os campos da comunicação e da educação, sobretudo, acerca dos benefícios das tecnologias digitais e como elas estão se constituindo como ferramenta de reconfiguração da construção do conhecimento de uma geração hiperconectada.

JORNALISTA, PEDAGOGO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA E MESTRE EM CULTURA E SOCIEDADE PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. LÍDER DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA. AUTOR E ORGANIZADOR DE DEZENAS DE LIVROS, ARTIGOS E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES NAS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA. FALECOMJEANMONTEIRO@GMAIL.COM



CONHEÇA!



A LITERATURA OITOCENTISTA DE AUTORIA FEMININA COMO OBJETO DE LEITURA LITERÁRIA: PROVOCAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO SUPERIOR

 MARCELO MEDEIROS DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.252>

Em nosso exercício profissional no curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas – Campus VI – da Universidade Estadual da Paraíba, temos constatado o quão exíguo é o conhecimento dos nossos alunos, graduandos em Língua Portuguesa, acerca da produção literária brasileira e mais exíguo ainda é o contato efetivo deles com textos literários. Inclusive não foram lidas obras que deveriam fazer parte do repertório mínimo de leitura de quem concluiu o ensino médio, tendo em vista que é nessa etapa escolar que a Literatura aparece como um componente curricular obrigatório, ainda que, em alguns casos, seja tomada como apêndice de Língua Portuguesa.

Dentre as razões para o desconhecimento de obras que deveriam compor, minimamente, o repertório de

leitura de quem vai, uma vez formado, atuar na formação de leitores, visto essas obras fazerem

parte, por exemplo, do cânone escolar e, por isso mesmo, estarem, ainda que sob a forma de fragmentos, presentes em livros didáticos, muitos dos graduandos alegam que não as conheciam porque não tiveram aula de literatura ou porque as aulas havidas foram todas voltadas para o estudo de aspectos históricos das escolas literárias, da memorização de figuras de linguagem, de informações biográficas sobre alguns autores, rarissimamente de autoras.

Apesar dessa realidade, a universidade não tem se preocupado, devidamente, com o aprimoramento do letramento literário de seus graduandos, já que, para muitos docentes do ensino supe-



rior, essa deveria ter sido obrigação da educação básica e, portanto, não constitui, necessariamente, um problema para a universidade, visto que a esta cabe fomentar apenas a leitura crítica do texto literário, o que muitas vezes se confunde com o conhecimento de vertentes da teoria e da crítica literárias e, de certa forma, não implica necessariamente a experiência efetiva de leitura subjetiva com o texto literário.

Diante da realidade educacional brevemente descrita acima, percebemos que, se há um pouco conhecimento de obras e autores que, legitimados por determinadas instâncias (como as academias de Letras, o nosso sistema escolar, a mídia, a crítica literária oficial), deveriam ter sido conhecidos ao longo do percurso dos estudantes na educação básica, o desconhecimento



se intensifica significativamente quando as obras tomadas como referência nessa formação são de autoria feminina, já que sobre a produção literária de mulheres tem recaído uma severa política de silenciamento e ocultamento. Caso as obras sejam de escritoras do século XIX, o desconhecimento só não é maior que o

estranhamento materializado na indagação: e houve escritora no Brasil do século XIX?

Mesmo consideradas nomes importantes em sua época, várias escritoras oitocentistas tiveram, paulatinamente, sua produção apagada e “esquecida”, como é o caso de Júlia Lopes de Almeida, Carmem Dolores, Francisca Júlia, Gilka Machado, para citarmos apenas algumas. Com exceção de Francisca Júlia, a quem nossos historiadores sempre se referem em notas de rodapé em suas historiografias literárias, e de Júlia Lopes de Almeida, que teve grande projeção em vida, foi considerada, depois da morte de Machado de Assis, a grande romancista oitocentista, mas não escapou, após sua morte, de ter sua obra esquecida, nenhuma das autoras que citamos consta em nossas obras críticas, dicionários e coletâneas, apesar de essas obras serem constantemente reeditadas e usadas em cursos de Letras.

Diante desse vazio, defendemos, como temos reiterado em trabalhos que vimos desenvolvendo na iniciação científica e na pós-graduação, que é de suma importância a inclusão de obras de autoria feminina no rol dos textos que são escolhidos para leitura e análise nas disciplinas de literatura ofertadas nos cursos de Letras, uma vez que as obras usadas como material didático, em sua maioria, não contemplam a pro-

dução literária feminina, sobretudo os escritos de autoras de tempos pretéritos. Ao advogarmos a favor do contato com textos de autoria feminina de tempos pretéritos nas práticas de leitura na educação superior e no ensino básico, não nos deixamos mover pelo desejo da inclusão pela inclusão simplesmente, como se, em tendo sido produzido por mulheres, o texto já merecesse ser objeto de estudo.

O resgate de autoras e obras, o qual compreende não apenas a edição, o estudo crítico, mas, em especial, a circulação para que possam ser lidas pelos leitores e leitoras do presente, não deve ser tomado como positivo apenas porque os textos foram escritos por uma mulher, mas, sim, porque esses textos são uma fonte que nos possibilita “chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres, saber mais sobre como as mulheres desde sempre enfrentaram seus temores, desejos e fantasias e também as estratégias que adotaram para se expressarem publicamente, apesar de seu confinamento ao pessoal e ao privado” (WEIGEL *apud* MUZART, 2006, p. 76).

Por isso, advogar a favor dos textos de autoria feminina como objeto de leitura literária tanto na educação básica quanto no ensino superior é assumir um compromisso político com a (re) construção de uma memória feminina em nossa literatura, trazendo à tona

vozes femininas há muito emudecidas. Cremos que para cumprir com esse intento a sala de aula revela-se um lócus mais que privilegiado porque podemos junto com os alunos/as avaliar os escritos femininos, confrontá-los com os textos de autoria masculina, levantar hipóteses sobre a canonização destes e a exclusão daqueles e, assim, instigar possibilidades de pesquisas sobre a relação mulher, escrita e historiografia literária em nosso país.

Sendo a escrita uma prerrogativa masculina, fazer dela um exercício efetivo foi bastante angustiante para o feminino. Mesmo sabendo escrever, o que não era a realidade de muitas mulheres, sobre o que elas escreveriam, se se deveria escrever sobre feitos viris? De que grandes feitos haviam participado para poder transfigurá-los artisticamente? Diante de um cenário marcado por uma miríade de adversidades, escrever revelou-se para as mulheres um grande conflito pessoal e social, uma vez que a prática da escrita era considerada algo que quebrava a concepção de feminilidade e de fragilidade tomada como própria do feminino. Escrever era, portanto, uma atividade que



exigia atividade mental, conexões com o mundo da ação, aspectos estes que estavam distantes da concepção que se tinha acerca da condição feminina e dos atributos inerentes ao até então considerado sexo frágil.

Todos esses óbices à presença feminina no campo da produção literária procuravam tornar invisível “a legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação” (SCHMIDT, 1995, p. 183) e fomentaram uma política de silenciamento sobre tal produção de autoria feminina de tempos pretéritos que perdurou, em nossa literatura, até meados da década de 1970, período em que apenas três escritoras eram conhecidas do grande público e da crítica: Raquel de Queiroz (1910-2003), Cecília Meireles (1901-1964) e Clarice Lispector (1920-1977). Afora essa tríade, não se noticiava a presença de mais nenhuma mulher em nossas Letras, como se não tivéssemos uma memória literária feminina, daí o espanto de muitos quando indagados sobre que autoras do século XIX conhecem.

Apesar da instrução precária, decorrente de séculos de indigência cultural, as mulheres brasileiras burguesas da segunda metade do século XIX começaram a escrever. Para a divulgação de suas ideias, recorreram à imprensa e também à publicação de livros dos mais variados gêneros, os quais vieram

a lume e conferiram às suas autoras o mérito de terem desempenhando um papel que não lhes foi fácil – o pioneirismo no processo de constituição de uma tradição literária feminina em nosso país:

Na impossibilidade de reconhecer-se numa tradição literária, em que as limitações impostas pelas imagens literárias lhes apontavam o papel de musa ou criatura, o que as excluía automaticamente do processo de criação, as escritoras, especialmente as do século 19, tiveram que lutar contra as incertezas, ansiedades e inseguranças quanto ao seu papel de autora, quanto à sua autoridade discursiva para afirmar e representar determinadas realidades, ausentes ou falseadas no espelho que a cultura lhes apresentava (SCHMIDT, 1995, p. 187).

Mesmo tendo conseguido uma boa repercussão entre as leitoras, as escritoras de outrora não escaparam das críticas depreciativas por parte dos leitores masculinos que “desqualificava(m) a produção ou simplesmente a ignorava(m) e, na pior das hipóteses, zombava(m) ou caluniava(m) as autoras que, tendo-se conscientizado dos seus direitos, invadiram a esfera pública, até então domínio exclusivo dos homens” (CUNHA, 2007, p. 438).

Hoje, quando temos a oportunidade de (re)ler a produção dessas pioneiras, o que mais chama atenção é o fato de elas não só terem desafiado o cânone literário, escrevendo quando deveriam

estar preocupadas com as lides domésticas, como também terem ido de encontro aos ditames comportamentais, não aceitando o “destino de mulher”, que lhes reservava o confinamento à esfera privada do lar. Em razão disso, na esteira de Rago (2005), advogamos que o estudo da literatura produzida pelas escritoras do século XIX é um material importante para a reflexão não só sobre o nascimento de uma cultura feminina e, de certa forma, feminista no Brasil, mas, principalmente, sobre a família, a vida doméstica, a visão dos oprimidos, razão por que essa literatura precisa circular nas práticas sociais de leitura, especialmente, em espaços de formação de leitores como a escola e a universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Helena Parente. A coragem transgressora das escritoras oitocentistas. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*. Campina Grande: EDUEP, 2007, p. 429-447.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Poeira de arquivo: vozes da *belle-époque*. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília Acioli e SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maracó: EDUFAL, 2006, p.76-82.
- RAGO, Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil (1900 – 1932). In: SWAIN, Tânia Navarro e MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (orgs.). *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005, p. 195-216.
- SCHMIDT, Rita. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora Universitária/UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG – Letras; 3), p. 182-189.
- PARA UM MAIOR APROFUNDAMENTO SOBRE O TEMA, EIS UMAS SUGESTÕES DE ARTIGOS:**
- SILVA, Marcelo Medeiros da. História literária, cânone e escrita de autoria feminina: reflexões sobre Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco. *Miscelânea* (Assis. Online), v. 11, p. 95-115, 2012.
- SILVA, Marcelo Medeiros da. Poesia e resistência no Brasil: o caso das poetisas oitocentistas. *Revista Ártemis*, v. 14, p. 44-53, 2012.
- SILVA, Marcelo Medeiros da. Letras e silêncios: a literatura de autoria feminina na Paraíba. *Muitas Vozes*, v. 7, p. 355-374, 2018.
- SILVA, Marcelo Medeiros da. Flores do sertão: mulher e representação social em “A barragem”, de Ignez Mariz. *Revista Odisseia*, v. 3, p. 88-108, 2018.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Palavra e desejo de mulher: notas sobre lírica e erotismo em Graça Nascimento. *Tabuleiro de Letras*, v. 13, p. 58-74, 2019.

SILVA, Marcelo Medeiros da; Vilela, Josivânia da Cruz. Vozes de outrora: a poesia de autoria feminina no Brasil do entresséculo (XIX/XX). *Ipotesi (JUIZ DE FORA. ONLINE)*, v. 23, p. 98-112, 2019.

DOUTOR EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, DOCENTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, TEM SE VOLTADO, ESPECIALMENTE, PARA A REFLEXÃO ACERCA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA DO SÉCULO XIX E PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E AS PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. SOB O PSEUDÔNIMO DE AMIEL NASSAR RIVERA, TEM DOIS LIVROS DE LITERATURA PUBLICADOS: AO HOMEM QUE EU QUIS (2021) E POEMAS DE AMOR E ESPERAS (2022).

MARCELOMEDEIROS_SILVA@YAHOO.COM.BR



O JOGAR COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

 **EUMAR PEREIRA LOPES**

 **JEAN CARLOS DA SILVA MONTEIRO**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.254>

Em um mundo onde somos bombardeados incessantemente com um oceano de informações que envolvem todos os aspectos da vida cotidiana, do trabalho à educação, das inovações do futuro às mídias e propagandas, a verdadeira essência desses dados reside na criatividade com que eles atingem seu objetivo final: a mente do usuário. Novas formas de expressão, interação e comunicação emergem da interseção da cultura presente no meio em que vivemos, moldada e transformada por aqueles que a consomem.

Nos últimos anos, a educação de crianças, jovens e adultos assumiu uma abordagem cada vez mais tecnológica, impulsionada pelo período pandêmico. O tradicional quadro branco vai gradualmente desaparecendo das paredes e sendo substituído por telas digitais, conectadas à nuvem, transmitindo e recebendo uma infinidade de informa-

ções das pequenas mãos dos alunos para servidores gigantescos espalhados pelo mundo.

Aos professores cabe a árdua tarefa de se manterem atualizados em relação às tecnologias emergentes, sabendo que muitas delas provavelmente estarão obsoletas amanhã. A introdução de aplicativos nos processos formativos e as possibilidades que eles oferecem para uma aprendizagem mais motivadora, interativa, inovadora e significativa são fundamentais.

Surgem, então, ambientes gamificados nos quais atividades focadas em metas, progresso do jogador ao longo das etapas e mecanismos de recompensa podem promover um cérebro mais ativo, ágil e multifacetado, capaz de executar inúmeras ações. Com um mercado repleto de possibilidades acessíveis, podemos tomar como exemplo um jogo gratuito que proporciona absorção de conteúdo e conscientização

sobre os impactos ambientais nos mangues.

O aplicativo “Protetores do Mangue”, por exemplo, utiliza métodos voltados para o aprendizado por meio de elementos de jogos e realidade mista, ou seja, tanto virtual quanto aumentada, como a gamificação e o metaverso, presentes ao longo da maior faixa contínua de mangue, que se estende desde a costa marítima do Pará até o Maranhão. As fases e etapas do jogo levantam questionamentos todos voltados para a preservação dos manguezais, concebidos como um jogo de perguntas e respostas.

Imerso no universo do jogo “Protetores do Mangue”, a gamificação desempenha seu papel com maestria, buscando gerar uma aprendizagem envolvente e competitiva, oferecendo praticidade e funcionalidade. Seu objetivo é encontrar soluções indispensáveis para a preservação do bioma no contexto do jogo, que podem ser aplicadas na realidade vivida pelos jogadores. É um jogo que leva conhecimento ao usuário, e esse é o seu valor primordial na criação de uma consciência ambiental e do desejo de preservar o ecossistema dos manguezais.

Por meio do artigo intitulado **“Protetores do Mangue: Gamificação, Jogo e Aprendizado sobre a Preservação dos Manguezais”**, publicado na Revista Internacional de Estudos Científicos, os

pesquisadores Eumar Pereira Lopes e Jean Carlos da Silva Monteiro, da cidade de São Luís/MA, mergulham profundamente no mundo do aplicativo **“Protetores do Mangue”**.

Nesse estudo, eles destacam as funcionalidades-chave do aplicativo, ressaltando seus recursos e sua integração no contexto pedagógico, enquanto analisam a importância da utilização do jogo como uma ferramenta didática para impulsionar a aprendizagem. Significativas leituras!



EUMAR PEREIRA LOPES É ADMINISTRADOR, PÓS-GRADUANDO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI. ENTUSIASTA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E DA CULTURA POPULAR. MEMBRO DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA.

JEAN CARLOS DA SILVA MONTEIRO É JORNALISTA, PEDAGOGO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA E MESTRE EM CULTURA E SOCIEDADE PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. LÍDER DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA. AUTOR E ORGANIZADOR DE DEZENAS DE LIVROS, ARTIGOS E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES NAS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA.



PROJETO GELATECA, DA LETRAMAR

 JACKLAINE DE ALMEIDA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.255>



projeto “Gelateca” é iniciativa de um grupo de professores de Língua Portuguesa que concluiu o curso de Letras na Universidade Estadual da Paraíba, em 2001, e, há anos, se reencontra para celebrar a amizade: LetraMar (Turma de Letras Marcos Agra: UEPB/2001).

Em 2021, na festa de 20 anos de conclusão do curso, a equipe resolveu desenvolver um projeto social em sua área de trabalho: a leitura. Foi aí que nasceu o projeto “Gelateca na escola” que, durante 12 meses, de novembro de 2021 a novembro de 2022, organizou e doou gelatecas (bibliotecas em geladeiras) para 13 escolas carentes de leitura da cidade de Campina Grande e 1 para uma escola da cidade de Lagoa de Roça, na Paraíba, homenageando, em cada uma das entregas, um professor da UEPB que, na época do curso, marcou a turma.

Para o desenvolvimento do projeto, em 2022, contamos com a parceria da FLIC (Feira Literária de Campina Grande), que nos acompanhou nas entregas e colaborou com a doação de livros literários e paradidáticos para compor o acervo da gelateca. Para cada entrega, havia uma pequena cerimônia, onde os membros da LetraMar e da FLIC homenageavam os antigos professores da LetraMar e explicavam como se daria o desenvolvimento do projeto: uma experiência de leitura com o material recebido na escola com seu resultado na FLIC 2022.

O projeto teve uma repercussão maior do que o esperado. Por esse motivo, no ano seguinte, 2023, a LetraMar decidiu dar continuidade ao trabalho em outro espaço: a Feira Central de Campina Grande-PB, convidando as 13 escolas públicas que, no ano anterior, haviam recebido a gelateca. Assim, surgiu o projeto “Gelateca fora da escola: vem ler na Feira!”

Com o apoio da FLIC e uma parceria com a administração da Feira Central de Campina Grande, a Letramar organizou o novo projeto envolvendo a valorização da cultura da terra, dando ênfase a artistas e gêneros literários populares. Desse modo, a população campinense (alunos e transeuntes) passou a ter acesso aos bens culturais oferecidos por nossa cidade e pode refletir sobre o espaço da Feira Central de Campina Grande como patrimônio histórico e cultural.

O projeto foi iniciado em março do corrente ano, com a apresentação da peça “A Feira”, encenada pelo Grupo de Teatro Bultrins, de Lagoa de Roça e se encerra em novembro, na FLIC. As 13 escolas de Campina Grande passaram a frequentar mensalmente a Feira, ora para apresentar o resultado do projeto desenvolvido em suas salas de aula ora para assistir a apresentação dos resultados dos projetos dos colegas, todos sobre a cultura que circula ou circulou no ambiente da feira: literatura de cordel, poesia matuta, repente, forró, peça teatral, ciranda, teatro de bonecos.

Em cada apresentação, são colocados novos livros na gelateca, arrecadados pelas 13 escolas, para serem lidos ou doados aos frequentadores do local. Cada encontro tem sido um momento de partilha de experiências de leituras e uma oportunidade para (re)conhecer a Feira Central de nossa cidade como um

patrimônio histórico e cultural. Além disso, as turmas envolvidas serão convidadas a participar da Flic, para que, envolvidas em projetos culturais e de leitura, possam compreender a importância do evento para a cidade.

O projeto da gelateca vem rendendo bons frutos. De acordo com Antonio Candido (2004), a literatura é um bem, um direito que não pode ser negado ao ser humano, pois é a arte que aguça nossa sensibilidade, nos fazendo seres humanos melhores, mais críticos, sensíveis e reflexivos diante da sociedade na qual estamos inseridos. Certamente por esse motivo a gelateca tem sido reconhecida como projeto significativo e de importância para a sociedade campinense.

A prova desse reconhecimento é termos sido convidados, por outras instituições, a exemplo da ONG “Nossa Ramadinha Melhor” e do Clube Campestre de Campina Grande, para desenvolver com eles um projeto de leitura com a gelateca. Para o primeiro, faremos uma cerimônia de entrega no segundo semestre do corrente ano, intitulado “Gelateca fora da escola: vem ler na Ramadinha”. Para o segundo, “Gelateca fora da escola: vem ler no Clube Campestre”, realizaremos um projeto de leitura na brinquedoteca do Clube, com livros para serem usados pelos frequentadores do espaço (os filhos dos sócios). Para isso, faremos

uma programação para a faixa etária e uma vez por mês – de junho a outubro –, a LetraMar, em parceria com o Clube, organizará uma atividade voltada para leitura com as crianças.

A gelateca da brinquedoteca do Clube e a entregue à ONG da Ramadinha, assim como as dos projetos anteriores receberão o nome de um professor da LetraMar (Turma de Letras Marcos Agra: UEPB/2001), em sua homenagem.

O resultado dos projetos de 2023 será apresentado na VI FLIC (Feira Literária de Campina Grande), em novembro. Além disso, as crianças envolvidas serão, todas, convidadas para participar da FLIC, para que possam compreender a importância da leitura e do trabalho dessa feira para a sociedade campinense.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____ **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto,

2006.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação do Estado. Conhecimentos de literatura. In: **Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias**. João Pessoa: [s.n.], 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. (Revista e ampliada). João Pessoa: Idéia, 2002.



A LETRAMAR (TURMA DE LETRAS MARCOS AGRA: UEPB/2001) É UMA TURMA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA QUE ESTUDOU JUNTA DE 1998 A 2001, ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO. DEPOIS DA FORMATURA, O GRUPO CONTINUOU SE REUNINDO PARA CELEBRAR AS AMIZADES, FAZENDO CHURRASCOS,

FESTAS, BAILES, PASSEIOS E VIAGENS. EM 2021, DURANTE A PANDEMIA, DECIDIRAM SE DEDICAR, DE FORMA VOLUNTÁRIA, TAMBÉM A PROJETOS SOCIAIS DE LEITURA, UMA FORMA DE RETRIBUIR OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA. NO MESMO ANO, INICIARAM O PROJETO “GELATECA NA ESCOLA”, DISTRIBUINDO 14 GELATECAS (BIBLIOTECAS EM GELADEIRAS) PARA 14 ESCOLAS CARENTES DE LEITURA DA PARAÍBA. O PROJETO FOI CONCLUÍDO NO FINAL DE 2022. NO ANO SEGUINTE, PARTIRAM PARA OUTRO PROJETO – “GELATECA FORA DA ESCOLA: VEM LER NA FEIRA!” – ONDE PASSARAM A TRABALHAR COM GÊNEROS LITERÁRIOS POPULARES COM O PÚBLICO DA LOCALIDADE E AS ESCOLAS QUE HAVIAM RECEBIDO AS GELATECAS NO ANO ANTERIOR. O PROJETO TEM CRESCIDO E, NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2023, IRÁ PARA UM CLUBE DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB: CLUBE CAMPESTRE. A EXPECTATIVA É, A CADA ANO, DESENVOLVER PELO MENOS DOIS PROJETOS DE LEITURA COM A GELATECA.

CONHEÇA O PROJETO:

@letramar2001
Letramar uepb2001

FESTAS LITERÁRIAS INTEGRADAS DA PARAÍBA

 JACKLAINE DE ALMEIDA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.256>

As Festas Literárias Integradas da Paraíba (FLIPB), idealizadas pela “LetraMar (Turma de Letras Marcos Agra: UEPB/2001)”, são formadas por uma equipe que reúne e organiza – de forma integrada, voluntária e anual – festas literárias municipais/distritais, com o intuito de formar cidadãos leitores e dar visibilidade à Paraíba como um espaço de leituras. O grupo FLIPB é formado por sete pessoas, sendo um idealizador de cada festa local, obrigatoriamente da área de leitura (Letras ou Pedagogia).



O objetivo da realização dessas festas literárias é incentivar a leitura em cada comunidade. Nesse sentido, a proposta da FLIPB tem uma importância significativa para a Paraíba, tendo em vista que a partir da leitura e da cultura o ser

humano pode refletir sobre si, sobre o outro e sobre a sociedade na qual está inserido, de modo a se tornar um ser humano melhor, mais crítico, reflexivo e participativo no seu meio social. Por esse motivo, é de grande importância o desenvolvimento de eventos culturais locais que envolvam a leitura de textos literários e de outras artes – como cinema, música, dança, pintura, artesanato –, de modo a levar, para a comunidade, artistas os mais diversos, mas, sobretudo, artistas da terra, valorizando e dando visibilidade à arte da localidade.

A Paraíba possui, hoje, apenas, 10 festas/feiras literárias, distribuídas nas localidades de Boqueirão, Barra de São Miguel, Campina Grande, Pocinhos, Queimadas, Areia, Barra de Mamanguape, Cabaceiras, Solânea e Juripiranga. Essas festas/feiras movimentam as cidades o ano inteiro, fazendo com que seus moradores se engajem no evento e compreendam a leitura e a cultura como um direito do cidadão, como ex-

põe Antonio Candido (2004): a fantasia é um bem e é um direito incontestável.

Foi justamente pensando nesse cidadão leitor em formação que a FLIPB decidiu organizar novas festas¹ e integrá-las, em cinco aspectos: 1) o nome das festas (a letra “i” usada de modo diferente das festas já existentes, passando a representar o termo integrada), 2) o cronograma (abril: lançamento integrado, on-line; outubro: festas; novembro: resultado das festas, on-line), 3) o planejamento (em equipe), 4) os projetos (alguns integrados), 5) o espaço geográfico (Estado da Paraíba). Todavia, devido às inúmeras individualidades de cada cidade/distrito, os eventos serão adaptados às suas realidades locais. Nesse sentido, cada festa escolhe seu tema e escritor homenageado, dando preferência a artistas da terra.

Para 2023, a FLIPB está organizando sete festas literárias em cidades/distritos paraibanos: em Fagundes, teremos a Festa Literária Integrada de Fagundes (FLIF), idealizada pelo professor Bráulio Maciel; em Lagoa de Roça, a Festa Literária Integrada de Lagoa de Roça (FLILAR), idealizada pela professora Isabelly Chaves; em Nova Palmeira, a Festa Literária Integrada de Nova Palmeira (FLINP), idealizada pelo professor Valdí Medeiros; em Catolé do Rocha, a Festa Literária Integrada de Catolé do Rocha (FLICAR), idealizada pelo professor Ra-

fael Melo; em Santa Terezinha (distrito de Massaranduba), teremos a Festa Literária Integrada de Santa Terezinha (FLIST), idealizada pela professora Jacklaine Almeida; em São José da Mata (distrito de Campina Grande), a Festa Literária Integrada de São José da Mata (FLISJOM), idealizada pela professora Luzeide Tavares; e, por fim, em Galante (distrito de Campina Grande), a Festa Literária Integrada de Galante (FLIGA), idealizada pela professora Jackeline Almeida.

A proposta da FLIPB se divide em três momentos: 1) o lançamento (integrado), ocorrido no mês de abril; 2) as festas, no mês de outubro, de forma distribuída e organizada; 3) o resultado das festas, em evento (on-line) realizado em novembro.

O lançamento ocorreu de forma integrada, no mês de abril, com a exposição de uma mesa-redonda virtual e um sarau poético, com autores paraibanos. As festas ocorrerão de forma distribuídas e organizada de modo que, no mês de outubro, a leitura circule no solo paraibano através de palestras, apresentações culturais, apresentações de resultados de projetos de leitura com alunos, mesas-redondas, lançamento de livros, apresentações musicais, espetáculos teatrais, apresentações cinematográficas, saraus, encontros de clubes de leitura, brincadeiras, contação de histórias, danças regionais, exposição

1 A escolha do termo festa, em vez de feira, se deu por se considerar um nome mais atrativo para a população, tendo em vista que feira denota um aspecto mais mercadológico, enquanto festa expressa um momento recreativo, atrativo.

de livros, teatro de bonecos, encontro de leitores e cordelistas, jogos de tabuleiro, bingos literário, oficinas, etc.

O resultado das festas será socializado e discutido em evento on-line, no mês de novembro, com o objetivo de integrar as leituras realizadas nos espaços leitores onde o projeto foi desenvolvido e de refletir sobre as práticas de leitura experienciadas e sobre novas possibilidades de projetos para o ano seguinte. Acreditamos que, com essa prática, conseguiremos formar, a cada ano, uma comunidade maior de leitores, engajados no trabalho de expansão e valorização da leitura, da arte e da cultura local.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____ **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Círculos de leitura e letramen-**

to literário. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação do Estado. Conhecimentos de literatura. In: **Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias**. João Pessoa: [s.n.], 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. (Revista e ampliada). João Pessoa: Idéia, 2002.

A FLIPB (FESTAS LITERÁRIAS INTEGRADAS DA PARAÍBA), NASCIDA NO FIM DE 2022, É UMA EQUIPE IDEALIZADA PELA LETRAMAR (TURMA DE LETRAS MARCOS AGRA: UEPB/2001), QUE OBJETIVA REUNIR E ORGANIZAR – DE FORMA INTEGRADA, VOLUNTÁRIA E ANUAL – FESTAS LITERÁRIAS MUNICIPAIS/DISTRITAIS, COM O INTUITO DE FORMAR CIDADÃOS LEITORES E DAR VISIBILIDADE À PARAÍBA COMO UM ESPAÇO DE LEITURAS. O GRUPO FLIPB É FORMADO, HOJE, POR SETE IDEALIZADORES, SENDO UM DE CADA FESTA LOCAL, TODOS FORMADOS NA ÁREA DE LEITURA: LETRAS OU PEDAGOGIA. AS LOCALIDADES ONDE A FLIPB VAI ATUAR, EM 2023, SÃO: FAGUNDES, LAGOA DE ROÇA, NOVA PALMEIRA, CATOLÉ DO ROCHA, ALAGOA NOVA, SANTA TEREZINHA (DISTRITO DE MASSARANDUBA), SÃO JOSÉ DA MATA E GALANTE (DISTRITOS DE CAMPINA GRANDE).

QUANDO A TECNOLOGIA SE VOLTA EM FAVOR DA INCLUSÃO

 ANA LUCIA BEZERRA DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.257>

O presente artigo vem ao encontro dos desafios que se fazem presentes no cotidiano de inúmeros estudantes e docentes que ainda necessitam que seja promovido um sistema educacional verdadeiramente inclusivo, especialmente devido ao fato de que as tecnologias digitais de informação e comunicação, sobretudo após a pandemia do COVID-19, mostram-se elementos estruturais que guiarão a educação formal em âmbito mundial de maneira definitiva.

Bem assim, ninguém duvida de que se faz necessário uma educação imersa em uma sociedade que se proponha inclusiva, mas que por motivos diversos ainda não se faz realidade, entre os motivos, podemos citar as questões materiais e a própria permanência da sociedade de classes como exemplos que limitam a efetivação de uma autêntica justiça social a todos.

Sabemos que as redes públicas de ensino são aquelas que mais atendem os estudantes das diversas camadas da população brasileira, e especialmente nessas escolas deve ser feito investimentos para que todo tipo de tecnologia venha a serviço da prestação de serviço público de qualidade.

Vale ressaltar que por tecnologia podemos entender todo tipo de recurso que sirva ao propósito de promover uma educação efetiva e que auxilia os estudantes a compreenderem de que formas o conhecimento artístico e cultural da humanidade é um legado que pertence a todos, e que é de essencial importância para que cada membro da sociedade se perceba como um agente capaz de promover uma melhoria válida para todos.

O desafio que ainda se faz presente



é a promoção de uma educação inclusiva que ofereça meios realmente inserir os estudantes com deficiência em todo tipo de contexto no âmbito da Educação, cultural, das Artes, com fomento a participação destes meios de interação e socialização no ensino regular, contribua no processo de integração em sua totalidade e de forma permanente, visando atender, os direitos dos discentes em suas necessidades específicas necessárias que engloba as novas aprendizagens.

Julgamos que a melhor forma de promover um trabalho que permita a promoção de uma ação pedagógica com qualidade e eficiência, com absoluto respeito aos direitos de ensino e aprendizagem necessariamente deve se dar por meio da promoção e inclusão ativa dos estudantes com deficiência nas salas de aula do ensino regular, seja da rede particular, seja da rede pública.

Como é notório, estudantes e famílias necessitam cotidianamente superar todo tipo de preconceito que ainda faz com que a humanidade não possua os valores e os paradigmas que permitam identificar a proximidade de uma circunstância em que não será necessário o esforço de convencimento de denúncia, pois toda a coletividade estará engajada para fazer com que os estudantes estejam respeitados em sua dignidade.

Em especial, os profissionais da edu-

cação ainda buscam superar todo o tipo de desafio existente em nossa sociedade brasileira, na qual muitos ainda não compreendem que a inclusão deve ser naturalizada no contexto diário da vida de todos, sendo que todos os espaços devem prezar pela construção de uma educação escolar que valorize e priorize a diversidade entre as pessoas, não deixando de considerar a alteridade como elemento benéfico que nos faz exercitar a solidariedade e a capacidade de compreender as múltiplas formas que cada indivíduo é capaz de ofertar para o bem de toda a sociedade.

Tendo em vista o presente contexto social, diz Xavier e Serafim (2020, p. 45) duas implicações do uso da tecnologia:

A primeira refere-se à necessidade dos professores atualizarem-se e incorporarem em suas práticas docentes o uso de TICs, promovendo significados eficientes à formação de seus alunos-eficientes no sentido de dialogarem com a inter-relação entre tecnologia, conteúdo programático (disciplina) e vida social.

A segunda no contexto da TICs, o processo de ensino-aprendizagem é, por natureza, interativo, o que requer um novo modelo de sistema educativo, baseado, principalmente, nos modelos tradicionais de ensino que se ficam em uma concepção mecânica de aprendizagem, vinculada à perspectiva de que o professor é único detentor do conhecimento e o ato de ensinar é visto como uma atividade linear. (XAVIER; SERAFIM, 2020, p. 45)

A excepcionalidade social causada pela ocorrência da pandemia do COVID-19 entre os anos 2020 e 2021 fizeram com que problemas organizacionais que ainda marcam a educação ficassem expostos de maneira inequívoca, apesar do fato de que muitos pesquisadores dedicam suas vidas para a promoção de uma educação inclusiva que se dê de forma vigorosa na finalidade de fazer com que a realidade social possa se transformar a partir das salas de aula, tanto quanto fora dela e em benefício dela, uma vez que a escola é uma instituição que se volta para todos.

A tecnologia sempre acompanhou a humanidade desde os tempos mais primórdios, e na atualidade esta se faz presente especialmente na sua forma digital, em que o processo de globalização e de intercâmbio de dados e de pessoas se faz de forma mais dinâmica, voltada à instantaneidade em face da realidade das conexões online entre instituições e indivíduos. De acordo com Morán (2015), podemos dizer que a tecnologia se destaca como forma de promover a integração de todos os tempos e espaços, realidade em que o ensinar e aprender ocorrem de forma interligada.

As políticas educacionais em nosso país ainda devem voltar-se para a implementação de estratégias e recursos que visem a superação dos desafios da concepção de educação especial à luz

da perspectiva inclusiva. Como o Brasil é um Estado que prioriza a criação de normativas para regulamentar a maneira como se dará os processos educacionais, as diferentes comunidades escolares em nosso país devem buscar a realização de trabalhos que se voltem à obtenção da maior participação possível das pessoas assim como de melhores oportunidades no processo de ensino e aprendizagem.

A viabilização da tecnologia em suas várias formas e entendimentos pode promover o ensino híbrido como forma de concatenar as possibilidades síncronas e assíncronas entre todos os estudantes e professores, fazendo com que a educação formal se comunique com a realidade de cada estudante, superando as limitações de tempo e distância, assim como contemplando as demandas pessoais de cada estudante, especialmente aqueles que possuem algum tipo de deficiência.

Para que uma inclusão seja bem-sucedida em nosso país, especialmente em vista do fato de que as condições econômicas e familiares devem ser contempladas na criação de uma estratégia, a convivência de todas as pessoas que integra no contexto escolar deve considerar que também é igualmente importante a permanente comunicação com órgãos governamentais, sobretudo porque na atualidade é possível uma maior verificação das ações

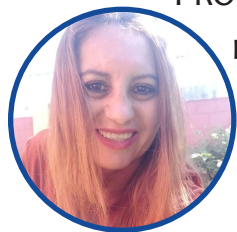
promovidas por meio da utilização das ferramentas digitais disponíveis.

No âmbito social e político, a retomada da discussão da forma como a tecnologia é utilizada, assim como cada estudante com deficiência deve ser atendido deve considerar que cada indivíduo possui demandas pessoais que devem ser contempladas e que somente se forem atendidas, poderão dar condições de vislumbrarmos uma sociedade justa e digna para todos.

REFERÊNCIAS

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas, São Paulo, v. 2, p. 15-33, 2015.

XAVIER, Manassés Moraes; SERAFIM, Maria Lúcia. **O WhatsApp impactando novas possibilidades de ensinar e de aprender no contexto acadêmico**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020



PROFA. MESTRANDA EM CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO NA UNIGREN-
DAL/RECIFE - PE



“AFF... ESCREVER, PARA QUÊ?”

 **ANDRÉ MONTEIRO MORAES**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.258>



Você aqui já parou para pensar quantas vezes, na história da sua vida, foi reproduzido esse discurso que nomeei como título? Talvez por ter visto a escrita, em determinado tempo de minha vida, como algo enfadonho reproduzir como título. Caso tenha feito essa mesma indagação, na vida, saiba que é normal também, afinal, escrever cansa. Entretanto, é importante fazer juízo de valor sobre o papel da escrita na nossa vida.

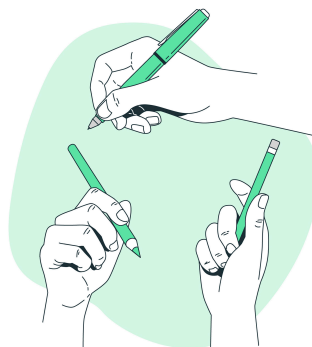
Lembro-me muito bem, como se fosse hoje, quando minha avó, Nair, fazia questão de que eu deixasse uma tarefa de casa aos sábados ou domingos para quando ela fosse nos visitar me ensinar. Ora, “logo no final de semana estudar?”, podendo estar assistindo desenho ou brincando na rua, era quase que ritualística essa façanha.

Pois bem, me apegando às memórias da infância lembro-me quando ela segurava minha mão, com as suas já envelhecidas e enrugadas, e me fazia

desenhar a letra “B” representando a inicial de um desenho enorme de uma borboleta. Talvez fosse aquela imagem para posteriormente colorir que me despertasse coragem de, em pleno sábado, escrever perfeitamente as curvas, em cursivo, da letra em questão.

Nas próximas etapas da vida escolar o “B” não era mais um desafio, como novas experiências geram novos desafios, era preciso saber o que fazer com a escrita. Como usá-la, para que usá-la, em que situações a empregar “corretamente”. Aqui, sim, eu comecei a ver a escrita como algo enfadonho. Óbvio, eu agora precisava saber como a escrita

poderia ser representada em palavras, caracteres e sinais gráficos. Era preciso saber como o ato de escrever era empregado, em



seus tempos verbais, qual a sua etimologia e qual a sua intensionalidade.

Se um dia, escrever por meio das regras foi enfadonho, peço desculpas a muitos que me ensinaram por meio do Bechara e tantos outros, eu não sabia o porquê, eu só ia conforme o barco levava. O tempo vai nos ensinando a magia do que está por traz dessa “força motriz” na relação entre a mão, um equipamento de registro e a intensão.

É justamente nesse processo dialógico, que me apego a Bahktin, compreendendo - o como um mecanismo de interação textual no qual o texto revela a existência de outras obras que lhe causam inspiração ou influxo, que encaro essa passagem de escrita. E com as lembranças de sua importância, na visão de Ruth Rocha e Otávio Roth em *O homem e a comunicação: o livro da escrita*, quando é didaticamente explicado, que sem a escrita não seria possível ao homem ter História.

Ainda mais, é oportuno dizer que toda uma sociedade civilizada precisa de escrita seja para o desenvolvimento de atividades simples – como leitura de placa – a atividades mais complexas – como desenvolvimento de teorias, para uso da arte, da filosofia, da religião, da ciência.

Hoje a minha escrita é uma forma de declaração de um sentimento histórico que ao chegar em você, neste momen-

to, é porque tem uma função específica; a de comunicação. Como a Ruth, também acredito que, é próprio do homem comunicar-se e estender a notícia de sua existência aos pontos mais longínquos do universo. Por isto, eu pergunto a você: sobre o que tem sido a escrita em sua vida, ela tem servido para quê?

NATURAL DE SÃO PAULO - SP E CRIADO EM PERNAMBUCO, ANDRÉ MORAES TEM NA ESCRITA O SEU EU. ELE SE DESDOBRA EM LINHAS QUILOMÉTRICAS ENTRE O SEU DOUTORADO EM EDUCAÇÃO NA UFRN, SUA GRADUAÇÃO E MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL NA UEPB E, AGORA, SUAS IDEIAS PEDAGÓGICAS NA UPE. DE VOLTA ÀS SUAS RAÍZES NO SERTÃO DE PERNAMBUCO, ANDRÉ TEM SE TORNADO UM NÔMADE NOS CAMINHOS DA ESCRITA.

ANDRE.MONTEIRO063@GMAIL.COM



O VALOR DO LÚDICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

 **MARIA DO SOCORRO DA SILVA**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.259>

Por meio dos ensinamentos de Vygotsky sabemos que o desenvolvimento cognitivo dos estudantes ocorre por meio das relações sociais que são efetivadas tanto entre os indivíduos entre si quanto na interação entre cada pessoa e o meio em que vive. Nesse sentido, o docente desempenha um papel de fundamental importância para que os diferentes tipos de conhecimentos sejam apreendidos em vista da intermediação de cada indivíduo e o saber presente na vivência em cada ambiente que, devido a presença humana, é um ambiente social.

A partir dos ensinamentos do mestre russo podemos refletir sobre o papel da interação social no desenvolvimento de cada indivíduo, especialmente em vista do papel que esta possui na Educação Infantil. Aprendemos com o grande mestre que o desenvolvimento se dá por meio da interação da pessoa

com o ambiente, no qual também está integrado as pessoas que nele convivem.

Desde a tenra infância cada indivíduo internaliza o aprendizado que tem acesso por meio da vivência com outras pessoas no seu ambiente, e isto faz com que a criança tenha um melhor desenvolvimento mental na medida em que se expõe a situações em que novas compreensões deverão ser feitas visando a maior conexão com o ambiente e com as pessoas. Enfim, com o mundo.

Bem assim, a escola é o local em que a criança deverá promover as associações de sua concepção de mundo por meio do aprendizado em cada atividade realizado em suas experiências, nas quais o docente desempenhará o papel de mediador do processo por ser aquele que possui uma maior experiência, além de ser a pessoa devidamente capacitada para melhor planejar as intervenções pedagógicas e didáticas que visem o desenvolvimento dos mais va-

riados tipos de habilidades que cada criança deve possuir.

Quando os estudantes estão inseridos em sala de aula é natural que eles possuam dificuldade quando do momento de aprenderem a ler e a escrever. Como sabemos, a teoria vygot-skyana esclarece que cada indivíduo nasce com funções psicológicas básicas que devem ser aprendidas por meio da cultura. Além de experiências que os estimulem a desenvolver suas funções psicológicas superiores, de tal forma que sejam levadas a aprimorarem o seu grau de consciência, o que levará há uma maior capacidade de planejar, o que alicerçará o pensamento abstrato em cada indivíduo.

Quando os professores promovem intervenções visando a obtenção de uma aprendizagem satisfatória, ocorre uma maior vinculação entre pensamento e linguagem, uma vez que é por meio da linguagem que o aprendizado é mediado entre as pessoas entre si e entre estas e o mundo concreto que faz parte de suas vidas.

A linguagem é um meio de fundamental importância para que os seres humanos possam participar uns aos outros de seus símbolos e promover uma maior comunicação do que de fato pensam e agem em vista de suas interações sociais. De acordo com o mestre russo, é falou a fala se associa a linguagem pois seu objetivo é a comunicação,

o qual podemos exemplificar por meio dos sons que são emitidos pelos bebês, tal como o choro, indicando uma necessidade que demanda ser saciada.

Outra função da linguagem, de acordo com Vygotski, é promover um agrupamento entre tipos de coisas e animais, ou seja, os conceitos que cada um de nós temos das coisas que nos são ensinadas. Bem assim, agrupar por meio de conceitos é uma decorrência do pensamento, o qual também deve ser estimulado nas escolas por meio de diferentes tipos de interações sociais.

A forma como a linguagem se estrutura no pensamento é processada por meio de uma profunda vinculação do pensamento com a vivência concreta do indivíduo desde o seu nascimento. O ambiente social é marcado por operadores da língua falada, e desde cedo a criança se socializa por meio da imitação que faz dos outros, assimilando paulatinamente as convenções sociais.

Percebendo o mundo que a circunda, a criança internaliza o pensamento e a fala por meio da formulação do processo mental, o qual não necessita de interação com outras crianças para se formular. Ainda, a criança percebe o mundo a sua volta, sendo o “falar sozinha”, de acordo com Vigotski, um apontamento de que a comunicação está sendo internalizada, auxiliando-a a raciocinar melhor e a resolver problemas.

Por meio de uma ação intencional e educacional, portanto, pedagógica, cada docente, sobretudo na Educação Infantil, pode auxiliar cada criança a aprenderem de forma diferenciada por meio da propositura de atividades lúdicas que também abordem as competências socioemocionais dos estudantes.

Nas diversas experiências de interação que são vivenciadas por cada uma das crianças em ambiente escolar, a promoção das atividades lúdicas acaba servindo como instrumentos de absorção de saberes uma vez que permitem a elaboração de sentimentos, de questionamentos, de experimentações, produzindo cultura uma vez que cada pessoa da sociedade concomitantemente se vale do que é produzido por outros e oferece o compartilhamento de sua produção.

O lúdico é uma forma de auxiliar cada estudante no seu processo de transição para os diferentes segmentos de ensino, assim como em cada dia letivo quando o estudante se depara com algum novo desafio que deve ser superado. Na vivência do seu dia a dia, cada estudante deve ter a sua necessidade e os seus direitos atendidos, e sobretudo na educação infantil, destaca seu direito de brincar e de aprender.

Destarte, o lúdico e as atividades dela decorrentes devem ser compreendidas como um instrumento didático e

pedagógico que deve se fazer presente na prática educativa dos professores da educação básica, pois desde já tem ir à infância até a fase adulta, o brinquedo e os jogos eletrônicos, assim como outros tipos de exemplos verificáveis na vida cotidiana permaneceram se fazendo presentes, oportunidades que devem ser utilizadas para se repensar a forma como aprendemos assim como, enquanto professores, ensinarmos.

REFERÊNCIAS

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança.

Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, n. 8, jun. 2008.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MARIA DO SOCORRO É MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PELA FACULDADE ALFA, ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA E LICENCIATURA EM HISTÓRIA PELA FAFICA. ATUALMENTE É PROFESSORA DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO DUARTE NO ESTADO DE PERNAMBUCO.
SOCORROCARDOSO1968@HOTMAIL.COM



“E A CIGANA ANALFABETA, LENDO A MÃO DE PAULO FREIRE”¹ À LUZ DE BAKHTIN, FREIRE E VIGOTSKI

 FÁBIO MARQUES DE SOUZA

 DÉBORAH LETÍCIA FERREIRA DE SOUSA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.260>

“*Em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas*” (BAKHTIN, 2011, p. 78). São essas vozes do Círculo de Bakhtin que nos convidam ao diálogo alteritário para pensar as palavras do poeta do sertão paraibano, Chico César, à luz de Bakhtin, Paulo Freire e Vigotski.



Para **Bakhtin**, a linguagem é um fenômeno social, e sua compreensão está sempre relacionada a um contexto histórico e cultural específico. Nesse sentido, a metáfora da cigana analfabeta que lê a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma representação da diversidade linguística e cultural presente em nossa sociedade. A linguagem da cigana, por exemplo, pode ser vista como uma linguagem marginalizada, mas que tem sua própria força e expressividade. Além disso, a interpretação da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como uma

manifestação da dialogia, já que a interpretação é um processo de troca e co-construção de significados.

Paulo Freire é conhecido por sua teoria da educação crítica e problematizadora, que tem como objetivo conscientizar os indivíduos sobre sua realidade social e histórica, de forma a possibilitar sua (trans)formação. Nesse sentido, a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma crítica à noção de que o conhecimento está limitado às elites letradas. A leitura da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como uma representação da possibilidade de acesso ao conhecimento e à leitura crítica do mundo por parte

¹Chico César, cantor paraibano, em Béradêro



de pessoas que não tiveram acesso aos meios formais de educação.



Para **Vigotski**, a aprendizagem é um processo social e cultural, e a linguagem tem um papel central nesse processo. Nesse sentido, a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma manifestação da importância da interação social e da linguagem na construção do conhecimento. A leitura da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como um exemplo de como a interação social e a linguagem podem ser usadas como ferramentas para a construção do conhecimento e da compreensão de mundo.

Estes três pensadores, em conjunto, nos convidam a refletir a respeito dos desafios da educação atual e as possibilidades para uma educação futura. Paulo Freire nos adverte que o futuro que buscamos é construído com base no passado, por meio de nosso comprometimento e ação, de maneira que estejamos cientes de quem fomos e quem podemos ser para criar uma educação que atenda às necessidades do presente.

A ideia central da pedagogia da autonomia é que não se trata apenas de transmitir conhecimentos, mas de criar condições para que o próprio aluno possa produzir e construir seu conhecimento. Esse processo é dinâmico, multifacetado e complexo, e requer uma ampla

variedade de formas e métodos de trabalho para que o aluno seja introduzido na língua viva e criativa do povo. Essa abordagem valoriza a autonomia do aluno e o incentiva a ser ativo na sua própria aprendizagem.

Ao procurar uma educação que seja crítica e transformadora e possa lidar com as complexidades do presente, não há soluções fáceis ou predefinidas. Em vez disso, o processo é caracterizado por desafios e inquietações que nos impulsionam a explorar o desconhecido em cada novo dia. Como Paulo Freire destaca, a alegria não é encontrada apenas quando alcançamos nossos objetivos, mas também é um elemento essencial do processo de busca. Ensinar e aprender devem ocorrer em meio à busca, beleza e alegria.

Ao reconhecer que a linguagem é fundamental para a construção do conhecimento, devemos lembrar que somos seres humanos que vivem por meio das



PAULISTA DE NASCIMENTO E PARAIBANO DE CORAÇÃO, **FÁBIO MARQUES DE SOUZA** TEM FORMAÇÃO NAS ÁREAS DE LETRAS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E EDUCAÇÃO. ASSIM COMO BELCHIOR, SUA MAIOR ALUNIAÇÃO É SUPORTAR O DIA A DIA E O SEU DELÍRIO É A EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS. FABIOHISPANISTA@GMAIL.COM

FILHA DA TERRA DA BORBOREMA, **DÉBORAH LETÍCIA FERREIRA DE SOUSA** É MESTRANDA EM LINGUAGEM E ENSINO (PPGLE/UFCG), LICENCIADA EM LETRAS - ESPANHOL (UEPB), ESTUDANTE DA ESPECIALIZAÇÃO O CÍRCULO DE BAKHTIN EM DIÁLOGO: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE (FAUSP) E MEMBRO DO CÍRCULO DE BAKHTIN EM DIÁLOGO - DGP/CNPQ. DLFSOUSA4@GMAIL.COM



DIÁLOGOS D'O CÍRCULO DE BAKHTIN COM A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

 IVO DI CAMARGO JR.

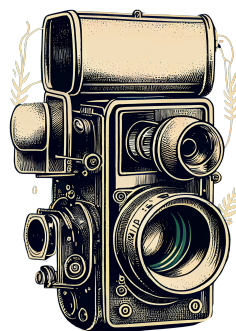
DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.261>



Círculo de Bakhtin e ele próprio não escreveram especificamente sobre o cinema, mas suas teorias

podem ser aplicadas a essa arte. Ele via a linguagem como um fenômeno social e enfatizava a importância do diálogo e da interação entre diferentes vozes e perspectivas. No contexto do cinema, isso significa que o filme é uma obra coletiva que envolve muitas vozes e perspectivas diferentes, incluindo as dos diretores, roteiristas, atores e espectadores. A partir dessa perspectiva, Bakhtin poderia argumentar que o cinema é uma forma de arte privilegiada para refletir sobre as possibilidades de diálogo entre os diversos elementos que o formam à luz do repertório conceitual bakhtiniano.

Para analisar o cinema com o Círculo de Bakhtin, é possível aplicar seus conceitos de carnavalização e grotesco, por exemplo. A carnavalização se refe-



re à inversão de papéis e hierarquias sociais, enquanto o grotesco se refere à representação de corpos deformados ou monstruosos. Esses conceitos podem ser

aplicados na análise de personagens, enredos e temas presentes nos filmes.

Além disso, a teoria bakhtiniana enfatiza a importância do diálogo e da interação entre diferentes vozes e perspectivas, o que pode ser explorado na análise das relações entre personagens e na forma como o filme dialoga com seu público. A polifonia, por exemplo, refere-se à multiplicidade de vozes presentes em uma obra literária ou artística. No contexto do cinema, isso pode ser entendido como a presença de diferentes perspectivas e pontos de vista que se entrelaçam na construção da narrativa fílmica. Em resumo, a análise do cinema com Bakhtin envolve uma reflexão sobre as vozes presentes no filme, as relações entre elas e como



essas vozes refletem as dinâmicas sociais mais amplas.

Os conceitos-chave de Mikhail Bakhtin são extremamente relevantes quando se trata da linguagem cinematográfica, conforme estamos exemplificando. Bakhtin argumenta que a linguagem é sempre dialógica, isto é, envolve uma troca constante de vozes e perspectivas. Da mesma forma, o cinema também é um meio dialógico, que apresenta múltiplas vozes e perspectivas em uma narrativa visual.



Um dos conceitos mais conhecidos e basilares de Bakhtin é o de gêneros do discurso. Bakhtin argumenta que os gêneros do discurso são formas sociais de comunicação que refletem as condições históricas e culturais em que surgem. Ele considera que, embora cada enunciado possua características individuais, o local e as condições de seu uso geram tipos relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros do discurso. Isso significa que os gêneros do discurso não se limitam apenas ao discurso científico ou ao romance, mas também incluem as possibilidades "secundárias" como as cartas, os bilhetes e as conversas do cotidiano. Ao aplicar essa ideia ao cinema, podemos entender melhor como os diferentes modos de representação de uma obra fílmica refletem as tensões e conflitos presen-

tes na sociedade em que foram produzidos

Além disso, a noção de polifonia em Bakhtin é particularmente aplicável à linguagem cinematográfica. Assim como uma obra literária pode apresentar várias vozes em conflito, um filme pode apresentar vários personagens com pontos de vista diferentes, que interagem e dialogam uns com os outros.

Outra ideia de Bakhtin que se relaciona com o cinema é a de que a linguagem é sempre contextualizada. Da mesma forma, o cinema também é um meio que depende do contexto em que é produzido e recebido. O contexto histórico, social e cultural em que um filme é feito e visto influencia sua produção e interpretação.

A análise de filmes com os conceitos do Círculo de Bakhtin pode nos ajudar a compreender melhor a natureza do cinema como uma forma de comunicação e expressão artística, pois os filmes são detentores de discursos socialmente localizados e que traduzem intenções ideológicas específicas, revelando as conexões existentes entre ficção e sociedade. Além disso, ao analisar as relações dialógicas existentes entre obras fílmicas, podemos entender como o cinema é capaz de emular o diálogo cotidiano, acrescentando-lhe camadas retóricas, tornando-o mais complexo e trabalhando-o deliberadamente de forma a exprimir uma ideia e chegar a

determinado fim. Em outras palavras, a análise desses filmes nos ajuda a compreender como o cinema é capaz de transmitir ideais e opiniões intrínsecas à narrativa, olhares distintos sobre a realidade mais ou menos determinados pelo contexto de produção no qual se inserem.

Portanto, é possível perceber a atualidade e a força das ideias bakhtinianas quando se trata da linguagem cinematográfica. A obra de Bakhtin nos ajuda a entender e apreciar a riqueza e a complexidade da linguagem visual do cinema, que dialoga constantemente com diferentes vozes e contextos, na vida e na arte. Conheçam mais os nossos trabalhos nas referências deste trabalho e apreenda ainda mais os conceitos de Bakhtin aplicados à sétima arte.

REFERÊNCIAS

DI CAMARGO, I.; SOUZA, F. M. de .; SILVA, V. A. da. Possible paths for understanding human sciences with Mikhail Bakhtin. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–7, 2020. DOI: 10.47180/omij.v1i1.13.

DI CAMARGO, Ivo Júnior. **A memória de futuro em tela: diálogos entre cinema e Bakhtin**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020a.

DI CAMARGO, Ivo Junior. **Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica**. São Paulo, Mentis Abertas, 2020b.

LIMA, J. P. de; SILVA, L. G. da; SOUZA, F. M. de. Compreendendo Bakhtin através do seriado Merlí. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 56–73, 2020. DOI: 10.47180/omij.v1i3.72.

PARA SABER MAIS:



PROFESSOR, PESQUISADOR, ROMANICISTA E UM APAIXONADO PELAS LETRAS, IMAGENS E FILMES. ANALISTA DE LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA.



CURSEI ESTÁGIO DE PÓS-DOUTORADO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UEPB) E SOU MESTRE E DOUTOR EM LINGÜÍSTICA (UFSCAR). FIZ LETRAS, HISTÓRIA E FILOSOFIA, O QUE ME TORNA UM HOMEM DE HUMANAS. ATUALMENTE SOU DOUTORANDO EM EDUCAÇÃO PELA UFSCAR E MESTRANDO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA PROFEP/IFSP. ESTOU CHEFE DE AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO/SP, ONDE SOU PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA. E-MAIL: SIDE_AMARAL@HOTMAIL.COM E INSTAGRAM: @PROF.DR.IVOCOM

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA VIVÊNCIA COTIDIANA

 FÁTIMA LUZIMARY PEDROZO TAVARES

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.262>

Desde o advento da sociedade contemporânea, marcada por uma intensa divisão social do trabalho, sabemos que a escola é um espaço de inequívoca importância para que o saber sistematizado seja socializado, tendo em vista participar cada um de seus membros de todos os esforços humanos que foram feitos ao longo das eras.

Bem assim, a escola é uma instituição capaz de socializar toda a cultura humana produzida ao longo do tempo, de forma que todo saber historicamente acumulado pela humanidade seja compartilhado entre todos, de maneira a orientar as produções atuais e futuras acerca da melhor maneira de aprimorar os avanços materiais obtidos, sempre respeitando as potencialidades e as dificuldades de cada um de seus integrantes.

A escola moderna surgiu devido à necessidade de se educar uma grande quantidade de indivíduos, consideran-

do o fato de que os membros mais velhos de cada família já estariam exercendo ocupações produtivas visando o sustento da prole, razão pela qual a instituição escola se tornou ainda mais relevante, tendo em vista a maneira como se organiza a sociedade capitalista e exige de forma diferenciada cada um de seus indivíduos.

Assim, a escolarização é um elemento de inequívoca importância para a promoção do desenvolvimento humano por meio de um trabalho pedagógico e didático que se guie por meio de uma intencionalidade capaz de promover o enriquecimento cultural e intelectual de cada estudante, independentemente de qualquer razão limitadora, tal como algum tipo de deficiência, esta sim, um fator de grande importância social a qual todo o tipo de assistência deve ser dada em prol da criação de um ambiente favorável e adequado para o desenvolvimen-



to das potencialidades de cada estudante.

É neste contexto que os saberes oferecidos pela Psicologia Escolar devem ser utilizados na finalidade de atender os mais variados tipos de possibilidades compensatórias que permitam a superação das limitações dos estudantes em razão da transformação do ambiente em que estes fazem parte cotidianamente.

Já sabemos desde Vygotsky (1994; 1987) que um efetivo acompanhamento das atividades pedagógicas podem auxiliar na criação social de um apoio que permita o desenvolvimento individual por meio de um acompanhamento devidamente acompanhado de uma sólida base científica e cultural.

Por meio dos ensinamentos possibilitados pela psicologia da educação, cada professor ciente de que suas atividades pedagógicas possuem o papel social de apoiar, incentivar e acompanhar o desenvolvimento de cada estudante, sobretudo aqueles que possuem algum tipo de demanda pessoal que necessita de um melhor amparo, o qual deve ser dado por um profissional cuja formação inicial docente seja bem constituída.

A vivência de cada pessoa é capaz de contribuir para a totalidade social, seja em âmbito pessoal, desde enquanto participante reprodutor de trabalho e transformador de sua própria vida. Intelectuais como Vygotsky, Wallon, Skin-

ner auxiliaram na formulação de novos paradigmas, conciliando educação com a psicologia, e dessa forma, auxiliando na criação e condução de práticas escolares que fossem realmente efetivas e capazes de transformar a realidade social em que estamos inseridos.

Há muitos tipos de violência dentro do contexto escolar e saberes produzidos pela psicologia escolar se torna cada vez mais relevantes para que as ações pedagógicas e psicológicas permitam a instauração de procedimentos educacionais que viabilizem a concretização de um novo espaço escolar na qual o desenvolvimento dos saberes sistematizados seja feito de maneira efetiva para todos os membros da sociedade.

Uma forma de combater a violência desenfreada em nossos tempos atuais é fundamentar nossas ações por meio dos conhecimentos acadêmicos, observando práticas cada vez mais efetiva e que considerem que precisamos superar esse estado permanente de alerta a todo tipo de carestia que ainda se faz presente na vida de inúmeras pessoas, seja carestia material, seja carestia de melhores tipos de relacionamentos saudáveis entre todos.

Tendo em vista a permanência dos problemas estruturais da sociedade capitalista e que acabam se fazendo presentes dentro da escola, podemos afirmar que a psicologia escolar auxilia

no trato da questão da insegurança que aflige a maior parte das pessoas, razão pela qual a escola pública de qualidade e que possua uma proposta pedagógica e didática efetiva se torna cada vez mais importante para que as mazelas sociais sejam minimizadas.

Acreditamos que as teorias psicológicas que se voltaram para o aprimoramento das propostas educacionais sejam capazes de auxiliar na formação de indivíduos ativos e produtivos que, por meio do seu trabalho e do seu próprio aprimoramento pessoal, sejam capazes de propagar as lições dos grandes mestres que se dedicaram na criação de um desenvolvimento integral humano, motivo que nos leva a enaltecer a permanente retomada dos estudos por parte de todas as pessoas, independentemente de suas motivações sociais e políticas.

Sabemos que o desafio maior que ainda se faz presente a criação de chances adequadas e justas para que todas as pessoas possam participar da sociedade de forma digna e produtiva, de maneira que todo aprendizado de conhecimentos científicos advindos da psicologia da educação possam ser concretizados na geração de ambientes escolares mais convidativos para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, as quais reverberam na totalidade social na medida em que os indivíduos mais conscientes e melhores formados

atuem no sentido de promover uma vivência mais saudável para todos enquanto vivem suas vidas e desenvolvem os mais variados tipos de trabalho.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores.** La Habana, 1987.

DOUTORANDA EM CIÊNCIAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS, MESTRANDA EM CIÊNCIAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS, ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS EDUCATIVAS. PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO – FAFIRE. GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA E FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO – FAFIRE. ATUALMENTE TRABALHA COMO PSICÓLOGA NO GABINETE DE PSICOLOGIA DA FDAS-PMPE.





**Manifestações
Artísticas**

POR QUE ESCREVO?

 HUGO AMARO

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.263>

N

ada parece valer a pena se a alma não for pequena. Olha-se em redor e a multidão de olhos vidrados acerca-se de um qualquer jogo de posse, sobre algo ou sobre aquele que o não tem, numa competição feroz e infindável. Tudo é falso, maquinação, predação encegueirada e pressurosa por um qualquer naco de poder, um palmo de terra, a conquista de um trapo que envaideça, um chinelo que realce o pé ou a glória de dominar o mundo. E tudo se atropela para o conquistar na hipocrisia e no cinismo da crueldade humana, do Homem como animal predador. O ego humano precisa de estímulos que

o confortem e engrandecem e a febre de poder não é mais do que uma vontade inconfessada e subconsciente de ser amado, idolatrado, necessário. Ou uma falta mesma de amor que se compensa na ânsia desvairada de poder.

Erguem-se fortunas por sobre a trapaça, por sobre a miséria, a fome, a iniquidade, a humanidade consumida pela ferocidade do homem lobo do homem. Erguem-se abrigos, tijolos de felicidade e conforto e de um passo tudo se destrói com a insanidade da guerra. Erguem-se poderes bélicos capazes de dizimar países, o mundo, e as nações armam-se contra um inimigo que não é mais do que um irmão feito da mesma carne e osso, de um mesmo planeta. E não temos outro. Um dia terá de vir em que as muralhas, a competição, o feroz egoísmo, serão substituídos pela partilha, pela



cooperação entre seres humanos pensantes e compassivos e aí talvez terá fim a cegueira pelo poder, a exploração humana, a injustiça, a carência, a destruição endoidecida do planeta. Um dia alguém há-de trazer a luz com uma nova filosofia da vida que construa uma nova ordem económica mundial que supere a alienação inumana e desenfreada da expressão do capitalismo autofágico e cruel e que recentre a vida no primado da pessoa humana, num mundo que tem a capacidade de satisfazer todas as verdadeiras necessidades. Talvez que eu seja um sonhador, mas é de sonho que é feita a vida e a poesia.

Afora a obsessão ilimitada pelo poder, por um qualquer poder, a natureza humana parece pulsar unicamente pela escravidão incontornável do prazer, a apetência pelo sexo puro e duro e as suas fantasias mais resguardadas e obscuras, assumindo igualmente contornos de poder. O Homem é naturalmente um ser sexuado e essa faceta essencial deve ser livre, espontânea e não coarctada. Mas tudo se parece reconduzir ao prazer sexual, às manifestações e à expressão dos desejos mais profundos, ainda que recalcados e contidos sobre as paredes cínicas e hipócritas da moral, do ópio religioso e da castração sexual.

Nesta sofreguidão pelo poder e pelo prazer, em que o Homem incessante-

mente se esgaza, parece esvaír-se a sua natureza sensitiva e apaixonada, a sublimidade do prazer sexual apaixonado e amoroso, a sua capacidade ilimitada e incontornável de amar. Este o nosso destino, no dizer de Carlos Drummond de Andrade, amar, amar sem conta, ainda que distribuído pelas coisas perdidas ou nulas, numa doação ilimitada a uma completa ingratidão. Só o amor dá sentido à vida e cada um viveu tanto quanto amou, na asserção certa de Tolstói.

Por tudo isto se escreve. Pela inelutável vontade de dizer o pensamento, pela incontornável necessidade de ecoar a revolta, de gritar a tristeza e a dor e o que nos crucifica o coração, a inquietação constante e surda que nos martiriza o pensamento. Não sou um escritor, não posso querer ser um escritor. À parte isso tenho o sonho de que me seja dado tempo de poder dizer tudo. Escrever é traduzir o pensamento em palavras e quão difícil e tortuoso é dar vida escrita ao pensamento, às emoções. E é preciso amar as palavras, as letras belas, cruas e luminosas que dão expressão acertada às ideias, aos sentimentos, às sensações. Não sou um escritor, mas amo as palavras, todas as palavras. As palavras nobres que fazem dizer o indizível na poesia, na



canção, na paisagem, no amor. Amor, a palavra essencial que faz a vida valer a pena e nos distingue profundamente como humanos, inútil que é para o fim dos dias o pecúlio, a posse, o insaciável ter. “Circundate de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada”, disse o poeta maior.



Amo as palavras que nos fazem comunicar socialmente, expressar cordialidade, simpatia, laços de amizade, a sã convivência, o respeito, o civismo, amolgadas nos trejeitos deseducados de quem não tomou o chá certo na infância e se animaliza na estrada, imbeciliza o confronto, estupidifica o debate.

Amo as palavras dos que não sabem usá-las porque não as aprenderam, a sua autenticidade, a sua força vernácula e telúrica, simples, claras e objectivas, libertas de redondilhas e rococós bacos de quem procura esconder na esterilidade das palavras, a incompetência ou a presunção de um saber superior que é indiferente, que não acrescenta, que não alumia.

Amo as palavras que transformam a realidade, as palavras livres, inconformadas, que questionam, que constroem criticando, que lutam, que desmontam o “statu quo”, as palavras que nenhum poder pode cercear ou agrihoar, mesmo que silenciadas ou não ditas.

Amo as palavras que desconcertam

medíocres e patifes e a sua pobreza de palavras, vomitadas em função de um qualquer interesse mesquinho, num lodaçal de grunhidos alarves que atraçoam e agridem a sua beleza.

Amo as palavras que nos interligam como seres pensantes, que fazem nascer ideias e pensamentos, o mundo girar em progresso, e onde se procura refúgio silencioso quando os verdadeiros debates não se fazem, quando o essencial se perde nas minudências acessórias de uma realidade contingente que não é para levar a sério.

Amo as palavras que são a nossa pátria, a sua diversidade e riqueza, a sua capacidade imensa de revelar imagens, de ilustrar a exactidão do pensamento, desperdiçadas no cadafalso das vozes ineptas, padronizadas, burocratizadas, repetições da vulgaridade.

Amo a palavra arma, que se empunha certa contra a injustiça, a desigualdade, a prepotência, a palavra que denuncia a vigarice, os lobos que não cedem as espadas, as sobrancerias fúteis, que desnuda o poder nefasto do homem sobre o homem.

Amo as palavras impoluto, sério, capaz, maculadas nas artimanhas manhosas e invejosas de bichos sarnentos, espumando a raiva da vontade de destruir o brilho que não lhes assiste, as palavras honestidade, verdade, ética, travestidas na boca de aldrabões e chicos espertos.

As palavras inquietação, questionamento, revolta, perante a iniquidade do drama pungente da fome no mundo, fomentado por um selvagem poder das armas, no círculo vicioso das economias estranguladas.

Amo as palavras malditas que atormentam verdades adormecidas, consciências pesadas, cinismos embaciados, a fragilidade de equilíbrios vulneráveis.

Amo as palavras compaixão, solidariedade, do homem que sofre, que se dilacera, na dor, na doença que o consome, no abandono, na solidão, ausentes da boca do pateta que se ri indiferente, que se acha imune, intocável.

Amo as palavras humoradas, sem custos, que derrubam fronteiras, criam pontes, incomodam intestinos desregulados ou maus fígados de asnos que as não têm.

E amo, sobretudo, as palavras pérolas atiradas a porcos, ruminadas, mas incompreendidas, zombadas no atrevimento da ignorância ou da aleivosia.

De todas as palavras escolho mar porque ilha, água, imensidão, liberdade, porque sonho.

Bernardo Soares, heterónimo de Fernando Pessoa escreveu no Livro do Desassossego que a sua pátria era a língua portuguesa e a língua portuguesa é a pátria que une portugueses e brasileiros. A sua imensidão é tanta quanto a terra por que se espalha a terra de Vera Cruz. A nossa pátria é rica, densa

e permite albergar com os seus vocábulos qualquer pensamento. Haja pensamento que a use e esgote. Esse é o seu dilema actual. Cada vez mais a sua vastidão se perde por falta do seu domínio e conhecimento e pela dificuldade na elaboração de pensamentos que permitam dar largas à sua riqueza vocabular. A estreiteza mental vem-se agudizando assustadoramente e agoniza a profundidade do pensamento. Tudo se circunscreve a um entendimento uniformizado, superficial, limitado e para o qual a habilidade vocabular se satisfaz com uma enumeração ínfima que permita revelar o afunilamento do pensamento, que permita expressar uma vivência apressada e fútil nas redes sociais, na modernidade líquida de Bauman, onde tudo é volátil e adaptável. Tanto que até a inteligência artificial já se permite fazer melhor do que muitos seres humanos, com ferramentas que deixam escrever e dissertar sobre qualquer coisa. Mas por mais que a artificialidade avance nunca poderá substituir o engenho humano e a sua essencial capacidade de sentir emoções e as extravasar. E por mais que se digitalizem livros, e o seu conteúdo esteja intacto nesse formato, nada substitui o velho livro impresso, o corpo escrito que cheira, que se toca, a individualidade de uma coisa única, palpável, nossa, com a qual se cria uma relação de intimidade intelectual e afectiva, fiel guardião



das palavras, os caracteres que tornam eterno o pensamento. Uma vez escritas, as palavras subsistem-nos, vivem mil anos por aí, até morrer a língua em que foram escritas ou o planeta girante em que tudo isso se deu. Mas hoje ninguém lê, ninguém quer ler, mais do que uma ou outra tirada sonante ou um título bombástico mais ou menos condizente com os sentimentos ou sensações padronizadas e simples que se quer extravasar, bastas vezes com uma errónea paternidade ou autoria. Fernando Pessoa é citado por coisas que nunca lhe passaram pelo pensamento, nem fazem parte do inimitável universo pessoano. Hoje a gente sacia-se com o sabor das imagens, da exibição de poses e atitudes, querendo absorver tudo rapidamente sem tocar verdadeiramente em nada, na euforia de um ego afunilado e alienado que precisa ser acarinhado, idolatrado. A legião de imbecis na Internet de que falava Umberto Eco, que dantes só protagonizava na tasca. Perde-se o valor do toque, a profundidade e a suavidade do sentir, do ser, em troca de uma qualquer exibição virtual e o seu aconchego.

E não há tempo, não há tempo a perder com aquilo que confronta, com tudo aquilo que faz pensar e doer. Tem-se medo do que não se conhece ou domina ou nos põe à prova, do que nos faz sentir nus, diante de uma verdade que não se quer ver, de uma realidade

crua que é premente fantasiar, evitar, escamotear, a essencial falta de sentido da vida e a inelutabilidade da morte. Ergue-se o ódio e a intolerância às mãos nefastas de uma pretensa desideologização que esconde agendas ideológicas perversas, de eliminação da diferença, da pluralidade, da riqueza e diversidade da vida, tudo se recen-trando numa corriqueira e vazia atitude politicamente correcta, de uma neutralidade venenosa.

Mas com tudo isto, por que escrevo? Porque é preciso denunciar, desmontar artimanhas e os sedativos do capital, alertar consciências, dar loas ao amor, repor o que é básico, o que é essencial à vida humana. E é preciso resistir, persistir e empunhar a liberdade, sempre.

Não alcanço e entendo o meu processo criativo, porque as palavras não são minhas, alguém estranhamente as põe ali por mim, tomando a minha mão e certamente vai desfiando o meu pensamento, coisas que eu senti, sinto como minhas, as minhas emoções arrebatadas, os meus ecos de revolta, a minha vida interior, inteira e dura, as minhas mágoas necrosadas, os meus subsolos lodosos e num repente faz-se luz e desabrocham frases, ideias, palavras.

Sei que não posso morrer sem dizer tudo o que em duras golfadas me atravessa a garganta e me faz sufocar. Escrevo para viver, para sobreviver, para

assassinar em mim a dura lucidez, os laivos de dor e desespero. Escrevo para que a realidade não me mate a vida, para que o peso do seu desnorte me não impeça de continuar, de persistir. Ah como eu queria a profundidade serena do olhar do meu bichano, a sua imensa e tranquila sabedoria e a serenidade de quem não sabe que vai morrer.

Mas eu penso, mas por que penso? Que maldição é esta que me faz questionar tudo, incessantemente? Ser um ser pensante não é uma vantagem, antes um frio castigo, uma cruel maldição. Se eu vivesse só, como a minha engomadeira, as penas duras e conformadas da existência impensada, talvez fosse feliz.

Escrever é um apelo, um pedido subliminar a alguém que nos toque, nos compreenda. Escrever é querer tocar em alguém profundamente, fazer suas as dores lancinantes que nos ferem e oferecê-las numa apertada e entristecida simbiose.

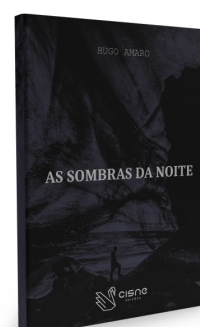
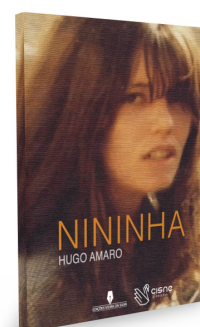
E enquanto isto, os filhos da puta, espreitam ávidos e aleivosos.

Hugo Amaro
Funchal, Maio de 2023



HUGO AMARO NASCEU NO FUNCHAL EM 1962, ONDE PASSOU A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO SEIO DE UMA FAMÍLIA NUMEROSA. MUDA-SE PARA COIMBRA, NOS ANOS OITENTA, ONDE SE LICENCIA EM DIREITO. EMBORA APAIXONADO PELO AMBIENTE INTELLECTUAL DA LUSA ATENAS, REGRESSA AO FUNCHAL, PARA EXERCER ADVOCACIA, ATIVIDADE QUE CEDO ABANDONA PARA ABRAÇAR FUNÇÕES NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DE CONSULTADORA E ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE. DE PERSONALIDADE INSTROSPECTIVA, CEDO REVELOU UM GRANDE PENDOR PARA A ESCRITA, COM A LEITURA ABSORVENTE DE GRANDES ESCRITORES A SERVIR-LHE DE INSPIRAÇÃO. COARCTADO PELO “STRUGGLE FOR LIFE”, FOI ADIANDO OS SEUS ÍMPETOS LITERÁRIOS, ATÉ QUE EM JUNHO DE 2020 PUBLICA, COM A CHANCELA DA VIEIRA DA SILVA, O SEU PRIMEIRO LIVRO, “RIO PERCORRIDO/PEDAÇOS DA VIDA”. PUBLICA PELA EDITORA MENTES ABERTAS A VERSÃO BRASILEIRA DE “NININHA” (2021) E “AS SOMBRAS DA NOITE” (2022).

CONHEÇA!



COMO DESTRUIR UMA OBRA

 **DANILO COSTA NUNES ANDRADE LEITE**

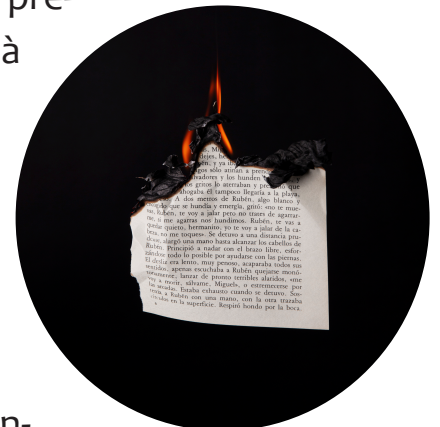
DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.264>

F

açamos um experimento mental em três partes da seguinte forma. Primeiro, suponhamos que a obra de Machado de Assis resulta em um todo perfeito e unitário, e que saibamos exatamente o que o Bruxo do Cosme Velho escolheu para cada linha, cada letra, cada vírgula, espaço e pausa de suas páginas. Nada pode sair do lugar sem que toda a obra se desfaça. Supomos, desse modo, que o escritor tinha controle consciente de cada uma das etapas de sua escrita, nada lhe escapa a respeito de sua própria criação. Mais do que um conjunto, sua obra forma um universo particular, subsistente por si - ou assim o espera o autor em nos-

so experimento - irretocável e sistemático.

Segundo, suponhamos ainda que exista uma interpretação-maestra, como a única chave para o enigma deste universo, um código formulado pelo próprio autor, explicitado em alguma obra que não encontramos, perdida em algum armário de um alfarrabista do Rio de Janeiro. Na obra, a qual não sabemos ainda se existe ou não, Machado de Assis é meticuloso e detalhista a respeito dos aspectos que compõem suas publicações; trata-se, portanto, de uma obra em muitas vezes maior do que os livros que conhecemos. São tomos e mais tomos de comentários perpétuos, glosas e paráfrases escritas sem pretensão acadêmica ou universitária, somente pelo gosto à clareza e ao entendimento. Explica ali como, por que e o que suas escolhas implicam, a genealogia real e irreal de suas personagens, a arqueologia real e irreal de seus enredos, nos menores detalhes. Detalhes que podem fugir ao leitor apressado, a troca de um advérbio por uma locução adverbial, um par vírgulas que tornam um adjetivo predicativo em uma oração reduzida. Apre-





demos uma língua com ele, saímos de cada página mais donos desse meio de expressão - tão afim e tão distinto do português brasileiro que usamos nos dia-a-dia.

Ao fim de um desses tomos, a respeito do qual fazemos anotações para melhor recordar das lições, embora seja debatível qualquer pretensão a interpretar o comentário machadiano à prosa e poesia machadianas. Estamos diante dos tomos de Machado interpretando Machado como um operador de máquina com um manual explicando passo a passo o funcionamento do autômato. Não deixamos de penetrar em sua mente, já que faz questão de dizer a chave-mestra de suas linhas, e ao mesmo tempo - começamos a notar - que algo se nos escapa, penetramos em algo enorme que não podemos entender completamente. E, ao fim, não desejamos penetrar genuinamente, temos dúvidas sobre nossas próprias individualidades caso absorvamos todos os

pressupostos e supostos e propósitos de Machado. O que resta a ser feito?

Terceiro, rigorosamente falando - ao pensar dessa maneira - também uma pessoa só poderia dizer que conhece Machado de Assis ao terminar de ler toda a obra e contemplar o que sua mente produziu de lés a lés. A tarefa não estará completa antes que o leitor ou leitora se decida a perscrutar igualmente todos os tomos infinitos de comentários, alentados, precisos, definitivos, produzidos pelo próprio autor. Supomos que nada disso precise de mais esclarecimentos, releituras, está dado e pronto e acabado. Em nosso experimento, porém, não existe terceira escolha racional possível - ou recebemos o Bruxo com seus códices completos ou o deixamos de lado a menor vírgula sua. Tratamos seus contos, romances, poemas, tal como ele deliberadamente escolheu e fazemo-lo em relação a todos os seus aspectos, sem concessões. Descobrimos assim



que a palavra de Machado, o sentido de Machado e sua autoridade coincidem, como uma espécie de revelação racional, escrita por extenso, disponível a todos e todas. E assim lendo e ensinando, que fazemos? Tomamos contacto com um bloco em tese perfeito de palavras, pensamentos e sentidos, sem nenhum espaço para modificação, nenhum sequer. Paulatinamente memorizamos os romances e sua interpretação, Dom Casmurro se torna um modelo poético e ético, Quincas Borba ganha um culto pequeno na Cidade Maravilhosa. E, à força de tanto sabê-lo e internalizá-lo, sentimos que não conseguimos e nem nunca conseguiremos ocupar a posição do próprio Machado de Assis.

Por outro lado, o texto, inimitável, nos embota. Rejeitamos seu sentido profundo, que por sinal conhecemos com precisão; e o rejeitamos porque não temos nenhum papel genuíno diante do texto - se o declamamos, fazemos conforme as ordens do autor, se o filmamos, gravamos, representamos, fazemos de acordo com seus mandamentos. Sufocamos pensando que qualquer parte dos tomos e dos livros possa desaparecer. E, no entanto, “Que desapareça!” - pensamos.

Não considero que este seja seriamente nosso papel ao lidar com a tradição humana, sempre parcial, histórica, localizada e limitada; existe um papel ativo na recepção das obras artísticas

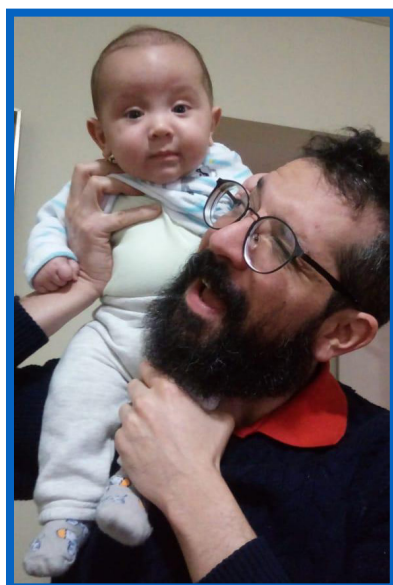
em sentido amplo, somos de certo modo o elo intelectual-afetivo, crítico e global entre o passado e o futuro. Por exemplo, seja ao escrever, seja ao ensinar a escrever, mas, sobretudo, ao ler e ao ensinar a ler que nossa tarefa se coloca de modo mais agudo. Três aspectos alimentam a subsistência de uma obra num determinado sistema - ou subsistema - cultural, sua relação consigo enquanto um pequeno sistema de sentido; sua relação com seus interlocutores, o que inclui a pessoa que a cria; sua relação com sistemas congêneres e homólogos.

Se o experimento anterior, com suas três etapas, cria um aparato absolutamente iluminado é apenas para enfatizar a estupidez em se buscar algo de definitivo a respeito de uma obra literária. Penso talvez no “Ensaio sobre a cegueira” com sua distinção - que julgo tão guimarães-roseana também - entre ver demais e reparar. Se vemos demais, temos à disposição em formato acessível as obras, não podemos deixar de reparar efetivamente no que cada uma delas diz; se nos falta um manual sobre como interpretar cada sílaba em Camões, não deve nos faltar o interesse de olhar seus versos, ainda que o esqueçamos às vezes, repará-los de novo - como pela primeira vez.

A obra plenamente iluminada, transparente e inteiramente descrita pelo próprio arquiteto soa como uma utopia

de clareza e certeza, uma utopia com que ninguém sonha, uma utopia em que o autor não erra, não hesita. Sabe tudo sobre si mesmo e sobre o que vai no papel parar.

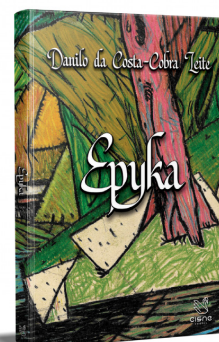
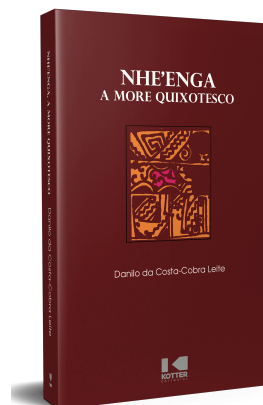
Existe um trabalho para quem somos o elo mencionado acima, o da releitura e reabertura das obras que recebemos e criamos.



DANILO COSTA
NUNES ANDRADE
LEITE, 39 ANOS,
ADVOGADO, SO-
CÍOLOGO E DOU-
TOR EM LETRAS
CLÁSSICAS (USP),
ASSINA COM O
PSEUDÔNIMO DE
“DANILO DA COS-
TA-COBRA LEITE”
OBRAS DE POESIA
E PROSA PUBLI-

CADAS POR VÁRIAS EDITORAS DESDE 2015 (PARALITHOMAQUIA & OUTROS POEMAS, SÃO PAULO, ED. PATUÁ, 2015; NHE'ENGA A MORE QUIXOTESCO, CURITIBA, KOTTER EDITORIAL, 2019; EPYKA, SÃO PAULO, ED. MENTES ABERTAS/SELO CISNE, 2021; QUEBRA-CABEÇAS: NENHUMA CHUVA EM VÃO, BELO HORIZONTE, ED. CARAVANA, 2021; 24 HORAS-HAIKU, SÃO PAULO, ED. MENTES ABERTAS/SELO CISNE, 2022).

CONHEÇA!



^.^ MANIFESTO FELINO¹ ^.^ - O (PÓS)HUMANO QUE LOGO SOU: OBSERVATÓRIO FURIOS@ DE UM GATO-GAROTA²

 ELISA MARIANA DE MEDEIROS NÓBREGA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.265>

“Falar sobre um animal ou assumir sua persona seria, neste caso, um gesto de espelhamento, de identificação com ele. Em outras palavras, o exercício da animalidade que nos habita.”

(Maria Esther Maciel)



inda sou uma gato-garota adolescente e me chamam de Nihal Antônio de Medeiros Nóbrega, segundo as normatizações criadas por eles no sentido de domesticar meu tempo e minha pessoa. Domesticar, isso que combato durante toda a minha vida, no meu devir-felino. Vejo meus companheiros, clicados freneticamente em frente às máquinas de conectar, por isso demorei a me deixar capturar e assim poder miar tudo isso. Não sou afeito a teclados, telas, ou qualquer coisa que o valha. Minha morada é onde residem os livros, velhos, novos, empilhados, enfileirados, amontoados, feito ninho, feito berço, feito trampolim, onde possa me enroscar, afiar minhas garras, fazer minhas escolhas.

A humana-zumbi que me alimenta cotidianamente, além de me afogar de abra-

¹ Apêndice retirado da obra *Porque eu sou Queer e toda gata*.

² Esse manifesto é uma experimentação da linguagem que intenciona, a partir de uma língua de gato, cuja singularidade é a aspereza e delicadeza de sua composição, tratar dos devires que perpassam a produção de nossa subjetividade, flertando, particularmente, com os embates epistemológicos que pleiteiam a noção de vivência em contraste com a de ontologia da metafísica ocidental. Assim, os conceitos estarão diluídos na narrativa-gato, se apropriando de uma outridade animal radical que, além de desejar burlar a gramática humana, brincando com ela, testando trocadilhos, também se atalharando com referências da erudição, quando assim se fizer necessário, que aparecerão lambidas ou em notas de rodapé, em deferência aos leitores que ainda não foram capturados pelo que de felino nos habita.

ços, me ensinou a segurar os lápis por entre as patas e meus dentes, para criar uma linguagem escriturística, que nem sempre deixo ser entendida, permitindo que meus traços se inspirem por uma coisa abstrata qualquer. Não quero ser devorado, tampouco decifrado, seleciono, delicado ou furiosamente, aquilo a ser enunciado. Isso, em grande medida, aprendi com a labradora que morava no meu território, quando um dia, seu dia de furios@, entrou na biblioteca e devorou o livro **A linguagem secreta dos animais** (não me cobrem a autoria, ela foi deglutida pela labradora, já deve ser planta). Foi o único livro rasgado, comido, canibalizado¹ por Mafalda, era o nome dela, por entre dozes anos no calendário humano judaico-cristão. Teve uma gata, que também antevio a minha existência naquela casa-espaco que brincava com as tecnologias escriturísticas humanas, se propondo além de ler, a escrever textos ambíguos, em sua hibridez, quase como se intencionasse sujar a linguagem humana.² Seu

¹ Ver CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

² Ver texto de Daenerys: Eu sou queer! E muito gata!

Batizaram-me como a Rainha dos Dragões, uma tal de Daenerys, nome de batismo, nem homem, nem mulher, *qualquer* cousa. Não quis fazer feio, vim de longe, pega no bueiro de uma rua, dessas que todo mundo passa ao longe, como a torcer o nariz, sou gata, sou bueira, sou do lixo, sou descentrada. Mas tinha o rabo farto. Foi meu rabo que me salvou. Ele era peludo. Diziam até, - ei, você se passa, se passa igual a uma persa.

Eu nem sabia o que(er) era isso. Mas meu rabo me salvou. A mãe da minha mãe que já era minha avó me chamava de Rabuda por mais protestos que eu pudesse ouvir por aí. Mas confesso, não sei como lidar com meu rabo. Sei que ele é emaranhado, desses que tem fios em nós. Farto, totalmente farto. Como um aviso, nem gosto que me apalpem. Fico irritada, o rabo é meu.

Não sou Aristogata, mas não como ração qualquer. Gosto de me saciar com aquela que diz que é *gold*, alimento de alta qualidade, como a desafiar o destino que meu Deus me deu. E eu posso, porque tenho o rabo e os olhos de gata, desses amarelos, como quem já nasceu com a maquiagem perfeita. *Soul gata*.

Um dia, no boteco, cismando com aquela baratinha que passou, meio de lado, já rebolando, a vi, aquela Preá, gostosa que só ela, feito rata, mascarada, tão carne. E eu salivei como salivava aquele povo, esqualido de poesia, abastado de batata Mac, pensando: vou comer porque tenho a fúria do fogo, tenho rabo e meu corpo, em movimento, pode ser poesia.

nome era Daenerys, nome tomado de empréstimo de uma narrativa-sucesso chamada **As crônicas de gelo e fogo**, mais conhecida pelo seu primeiro volume, **Guerra dos tronos**³, de uma série que ainda está a render livros, leitores e capital. As formas de nomear a nós, bichos-gatos, parece ser uma problemática. Não que o nome com que nos classifiquem seja aquele com que nós nos identificamos. Mas isso é segredo. Não me peçam para desvelar o nosso universo. Existe um código ético a partir do qual escrevo.

Em janeiro de 1905, um outro [^]corpo-gato⁴ teve essa ideia, de fazer valer sua vida como matéria de escrita. O gato se tornou narrador e protagonista da série **Hototogisu**, cuja reunião de todos os textos foi assinado na autoria de Natsume Soseki, nascido no Japão em 1867 com o nome Natsume Kinnosuke (sobrenome/nome), como assinala a nota dos editores do exemplar brasileiro **Eu sou um gato**⁵. Natsume, duas décadas depois, adota o nome Soseki, que traduzido do chinês significaria

Era o dia das mães e eu programei bem direitinho. Desovei o corpo dela, engoli quase tudo, deixei a moela e um pouco de sangue, esquecendo só o celofane.

Minha mãe chegou, não ficou feliz, não me fez gracejos, nem me disse nada.

No silêncio dela, pensei, como é difícil ser gata, bem que eu podia ser uma cachorra!!!

Ps. A - S - P - R - E - P - A - R - A - D - A - S! S - Ó - A - S - C - A - C - H - O - R - R - A - R

-A - A - S! Disponível em <http://lioutrodia.blogspot.com.br/2013/08/eu-sou-queer-e-muito-gata.html>.

³ Série literária de George Martin, até então composta de cinco volumes. Seu sucesso entre o universo dos leitores foi tal, que acreditamos ter sido o motivo de sua adaptação televisiva pelo canal HBO em 2011. MARTIN, George. **A guerra dos tronos**. São Paulo: LeYa, 2010.

⁴ A acentuação [^], seguida de palavras ou não, e fechada com outra [^], que possam vir a estar presente em momentos específicos desse manifesto, é só para lembrar das minhas ouças de gato. Assim, minhas orelhas substituíam o mesmo tempo as aspas, quando for necessária uma suspeição das palavras, como também assinalam a potência de minha animalidade. [^].

⁵ O uso da máquina literária, compreendida em sua conceitualização mais ampla, por ser narrativização das coisas ordinárias, tem a intenção de zumbificar a economia escriturística que por muito tempo os historiadores se ocuparam no seu desejo de fazerem da história um saber científico e, por isso, neutro e imparcial. SOSEKI, Natsume. **Eu sou um gato**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

^estorvo^ e-ou ^incômodo^. Poderiam questionar ao meu devir-gato o porquê de tantas datas. Talvez eu explique no deslanchar desse texto. O que me importa agora é o exercício do meu companheiro, também ele gato, a criar essa narrativa que, através da aspereza de sua língua, nos fala de sua história e de seu humano, a quem chama de ^amo^ (Seria ele um senhor? Um senhorio? Um proprietário? Um chefe? Um dominador? Um ^.^?). Que o ecoar longínquo de seu miado também ressoe aqui:

Eu sou um gato. Ainda não tenho nome.

Não faço a mínima idéia de onde nasci. Guardo apenas a lembrança de um miar num local completamente sombrio, úmido e pegajoso. Deparei-me nesse lugar pela primeira vez com aquilo a que comumente se denomina criatura humana. Mais tarde, descobri que era um estudante-pensionista, a espécie considerada mais malévola entre todas essas criaturas. Contam que por vezes esses humanos denominados estudantes nos agarram à força para nos comer fritos. Na época, ignorando esse fato, não me senti intimidado. Experimentei apenas uma agradável sensação quando o humano me soergueu com gentileza, pondo-me sobre a palma da mão. Aconchegado nela, pela primeira vez na vida encarei o rosto de um desses seres. Preservo até hoje na memória a impressão desagradável daquele momento. Em primeiro lugar, o rosto, que deveria estar coberto de pelos, revelava a lisura de uma lata de remédio. Em nenhum dos muitos de minha espécie

com os quais mais tarde me deparei observei essa horrenda deformação física. Não apenas isso: bem no meio da face se destacava uma protuberância, de cujos orifícios saía fumaça, por vezes em profusão, que me sufocava e me debilitava. Só recentemente descobri provir essa fumaça de algo que os humanos costumam fumar e a que denominam cigarro. (SOSEKI, 2008, p. 11)¹

Esse mesmo humano horrendo o deixa ao relento, todo ele desaparecido, assim como os muitos de si, seus muitos irmãos e sua mãe, que antes se reuniam ao seu redor, no redor de seu nascimento. Esse encontro infeliz, estranho, desagradável, o fez se arrastar floresta adentro até que avizinha um buraco numa cerca de bambu. Passado o buraco ^Lutava contra o tempo: logo anoiteceria, estava esfomeado, esfriava e não demoraria a chover^ (SOSEKI, 2008, p. 12). Do buraco da cerca de bambu, meu companheiro adentra uma casa, quando se depara com outras criaturas humanas:

A primeira dessas criaturas foi Osan, cuja crueldade superava a da estudante. Logo que pôs os olhos em mim me agarrou de súbito pelo cangote e me atirou para fora da casa. Imaginei estar perdido e, de olhos cerrados, decidi entregar minha sorte à providência divina (SOSEKI, 2008, p. 13).

Mas esse gatinho, de quem já me

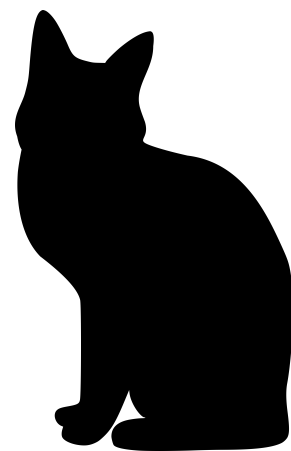
¹ Os textos citados respeitaram a grafia de época. Também não sou muito afeito ao normativo da gramática. Como diz o humano Luis Fernando Veríssimo, ^a gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda^. In: VERÍSSIMO, Luis Fernandes *O gíglô das palavras*. São Paulo: LP&M, 1982.

subscrevo como fã, era tenaz. E mesmo em meio a interdição, persistiu na sua fincada. Entrava e era posto para fora. Entrava novamente e novamente era posto para fora: ^Lembro-me que bastava ser jogado para fora para eu voltar, e bastava voltar para ser jogado fora de novo, quatro, cinco vezes, repetidamente^ (SOSEKI, 2008, p. 13). É dessa matéria subjetiva que nós gatos somos feitos, somos autônomos em nossa resistência. Investimos em nossos volteios e temos memória, embora alguns humanos não aceitem/acreditem na nossa faculdade mnemônica¹. O exercício da memória é máquina de guerra para a nossa ^zoopotência^, como potência da vida felina e de outras espécies em seu devir-animal. Já fomos cantados, declamados, capturados, exilados, mas como diz a música que bem recordo e com quem crio laço de identificação subjetiva: ^só o gato que é gaiato cai de pé^.²

E o gato - que ainda não tinha nome, mas tinha um ^amo^ -, que tanto me inspirou, além de sua memória, transformada em narrativa, tinha uma outra faceta que me chamou atenção, da mesma forma que os cantos dos pás-

saros (confesso, que o canto de um pássaro, quando solto estou nos meus quintais, tem o poder, quase fantasmagórico, de me paralisar por inteiro, não sei se pela minha vontade de ter asas e com eles voar ou de comê-los pelas orelhas). Lendo sobre Osan, ^aquela cruel^, que se ocupava a botar o gato porta afora e que o incitou, no começo de sua história, pois não trataremos de origem³, a exercer o princípio de sua resistência, numa das vezes que se viu expulso, volta e rouba um peixe agulhão. Desse roubo, uma algazarra, quando finalmente aquele que o gato nomeou (apesar de nunca ter sido nomeado) de ^amo^ aparece na narrativa dizendo, ^Deixe-o entrar^, depois de indagar o porquê de tanto estardalhaço. Acredito que nesse momento, o gato se fez pessoa: ^Decepcionada, a criada me atirou para dentro da cozinha. E foi assim que decidi morar nessa casa^ (SOSEKI, 2008, p. 13)

O ^amo^ que nunca se dignava a encará-lo, pois se ocupava, naquela enormidade de casa, de um gabinete, era um professor, desses zelosos em exhibir seu apego aos estudos, apesar do gato



1 O poeta Ferreira Gullar, em texto publicado na Folha de São Paulo, fala de sua vivência com uma gatinha siamesa, depois de um longo período sem conviver com os bichanos, pois tinha um que morreu de velho e o deixou traumatizado. Contudo, ganha de presente da cantora Adriana Calcanhotto um filhote e, refletindo sobre sua relação com a gatinha e o seu antigo gato, já morto, produz uma textualidade que defende um estado de felicidade para os gatos em função da destituição das (faculdades) memórias. Os gatos, segundo Gullar, seriam mais felizes por não terem a consciência do tempo, principalmente, do tempo trágico da vida: a morte. Não sei se temos linguagem para defender isso. Contudo, essa é apenas mais uma possibilidade. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2014/03/1422049-quisera-ser-um-gato.shtml>

2 Música interpretada pela cantora Zizi Possi no álbum *Sobre todas as coisas* (1991). Essa música é da autoria dos irmãos Paulo e Jean Garfunkel.

3 Para dizer da diferença entre origem e começo, ver a crítica que Marc Block estabelece contra a chamada história tradicional (Escola Metódica), quando propõe uma história problema, ao metaforicamente pontuar que não se pode compreender a tarde, perscrutando a manhã, no que chama de mito de origem, associando essa crítica a historiografia que se constituiu numa relação de tempo linear e progressiva. Ver BLOCK, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



denunciar ^que ele não é tão diligente como o julgam os habitantes desse lar^ (SOSEKI, 2008, p.13). Em seu devir-espião, o gato nos fala da dinâmica do professor, quando de fininho entrava em seu gabinete e ficava a observar sua rotina: o professor tinha uma tez frágil, amarelada, inelástica e destituída de viço, apesar de ser um glutão e um contumaz bebedor de Taka-díastase, para logo em seguida abrir livros quando, na segunda ou terceira páginas, caia no sono, sem deixar de babar sobre si.

Mesmo sendo um gato, há momentos em que pondero sobre as coisas. Não há nada mais simples que a vida de um professor. Pudessem eu renascer na forma humana, desejaria ser um mestre. Se é possível dormir tanto nessa profissão, é sinal de que até mesmo um gato pode exercê-la. Apesar disso, meu amo diz que não há profissão mais árdua do que a de um docente, e costuma se queixar dela a todos os amigos que o visitam. (SOSEKI, 2008, p.14)

Esse gato associa sua ausência de nome, assim como os pisoteamentos que cotidianamente sofria, a atribuição do pouco valor que lhe era ofertado. As crianças que habitavam na casa, crivavam suas ancas de fortes pancadas, sendo molestado das mais diversas formas: sacos na sua cabeça, atirado para todos os lados, enfiado no forno da casa, entre outras coisas, no que conclui que as crianças são seres egoístas e particularmente abomináveis que

^Pouco se importam se morro de frio entre as tábuas da cozinha^.

Apesar de ser um sem nome, o gato conhece outros de sua espécie, com quem dialoga, chamando-lhes pelo nome próprio, para ^ponderar^ sobre esses outros com quem divide a sua casa:

Shiro, a gata branca que mora na casa do outro lado da rua e por quem sinto profundamente respeito, comenta sempre que não há nesse mundo criatura mais impiedosa do que o ser humano. Pouco tempo atrás, Shiro deu a luz a quatro gatinhos, verdadeiros pompons. Porém, mal se passaram três dias, o estudante da casa afogou os filhotes no lago atrás da propriedade. Shiro me contou entre lágrimas, para os de nossa espécie poderem expressar seu amor filial e manterem uma vida familiar decente, urge lutar contra os humanos até levá-los a completa extinção. Julgo ser uma argumentação válida. (SOSEKI, 2008, p. 15)

Um outro conhecido seu era Mike, também vizinho, que parecia, através de sua indignação, conclamar a luta:

Mike, da casa vizinha, diz, imbuído de enorme indignação, que os humanos não entendem o significado de direito de propriedade. Em nossa espécie, aquele que encontra primeiro uma cabeça de sardinha ou tripas de sargo têm o direito de comê-las. É permitido o uso da força bruta contra os que infringem essa lei. Contudo, aparentemente inexistente entre os humanos essa noção, e as iguarias que encontramos acabam todas por



eles confiscadas. (SOSEKI, 2008, p. 15)

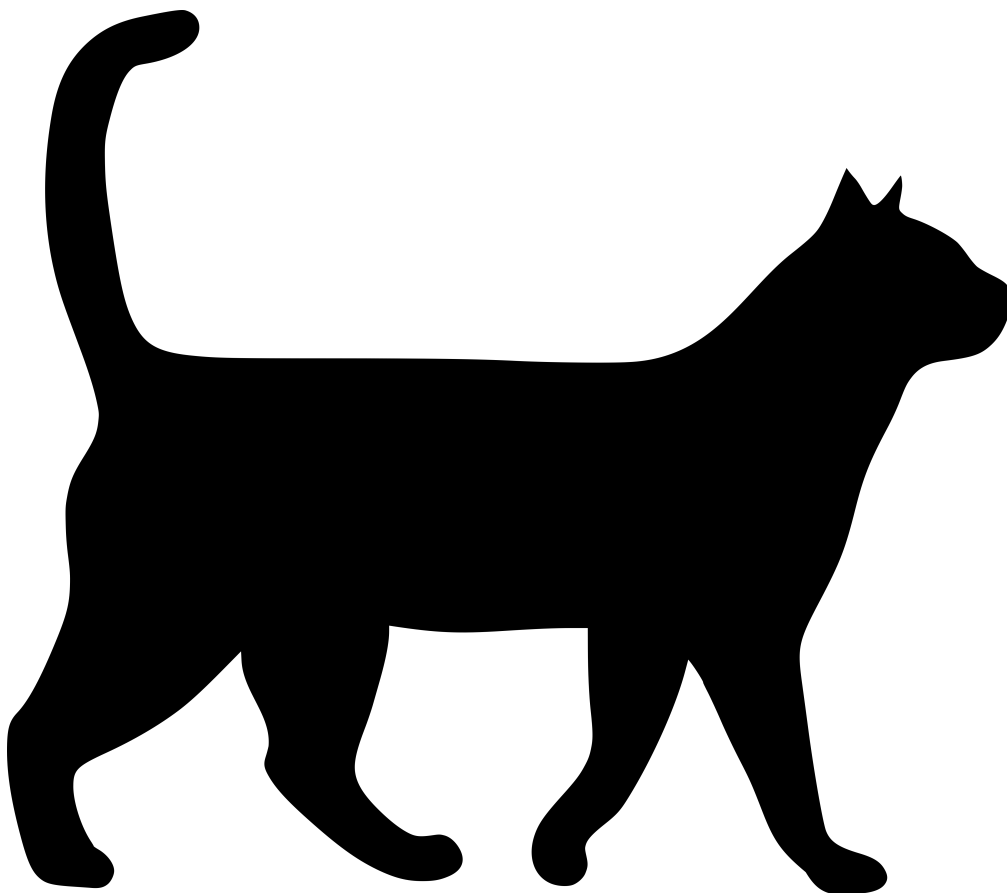
É no contato com os outros de si que o gato vai se reconhecendo como gato. Seja compartilhando a dor de Shiro e chorando junto com ela, seja também se indignando com Mike, quando este tem seus ratos confiscados (o governo japonês pagava por cabeça de ratos a qualquer humano que, nessa historicidade, levassem roedores a alguma instituição pública). Apesar do gato dizer que sua vida é de total tranquilidade, talvez por morar com um professor, ainda se posiciona: ^Os humanos, por mais humanos que sejam, não prosperarão para sempre. Esperemos pois o advento da era dos felinos^. (SOSEKI,

2008, p.15-6). Entre a experiência dos gatos-seres, esse querer estar-fora da antropologização do humano, a narrativa-felina se constitui enquanto um estar-dentro, do gato e de mim gato-garota-Nihal, numa convergência, feito abraço afetado, dois gatos em devir, estando dentro e fora, simultaneamente, pois é assim a vida em espécie. Convivência e convergência, dentro e fora, em tempos de simultaneidade.

Seria chegado esse tempo?! Não sei, minha esperança é que sim. Assim como espero que esse texto seja lido e que eu possa cumprir com meu papel social de gato. Pois, eu, Nihal, ouvindo-lendo as máquinas jornalísticas sobre a atual crise econômica, política, de re-

presentatividade, etc, etc, etc, ainda acho que a crise maior daqueles que se dizem humanos seja a de se negarem a pensar/ponderar. Por isso, penso.

Penso que pensar, a partir das minhas patas e da língua, que ora (ou hora?) se ocupam em pescar os animais peçonhentos que me usam como morada-fá-



brica, trabalhando no meu couro-pelo como operários disciplinados, treinados no ritmo das britadeiras, a escavar, pondo larvas de outras espécies, no meu alinhado e garboso manto de pelúcias brancas e pretas, é, ensino de pronto, entrar no campo da indisciplina e da potência. Veja meu corpo, por exemplo, está gordo de química, amplificando o som das minhas mordidas matadas que, para ouvidos minúsculos e amaciados pela saliva com que molho minha abocanhada, aliviando, quem sabe, o ribombar da minha caça à presença normativa dos peçonhentos, incansáveis e insaciáveis em transformar minha vida em vida sugável, tomando meu corpo, no seu mundo, em vida nua, uma vida matável sem que com isso esteja implicado um homicídio¹, pois quando trago para dentro do meu corpo aquilo que seria da ordem do biopolítico, embaralho, com a voz do meu miado, a fala do homem-vivente, como a combater as máquinas binárias de captura entre a vida nua e a vida bio.

Minha animalidade quer instaurar um barulho na Língua, feita de voz, como uma zoo-bio-política (do) menor, introduzindo opacidade e indeterminação de sentidos. Quer desconfiar e rosnar, porque em mim também habita o devir-canino, bem como o devir-humano, esse que se ocupa da interpretação dos sentidos e das descrições densas² da

fala, pois só é possível acessar ao outro se o introduzo na minha própria corporeidade/subjetividade. O outro em mim, o outro do outro, nada além disso. As pulgas, pois, não me pertencem, nem as desejo. Não preciso de exercícios, britadeiras, furadeiras, sugadeiras, centrífugas a habitar minha pele-pelo.

Qual o sentido (?) desse meu ^manifesto felino^? Talvez, para os possíveis leitores ainda contaminados pelo dispositivo da humanidade, essa figuração de humano que foi fabricada historicamente para os outros de ^si^ e os outros de outras ^espécies^, seja mais didático, anunciar de pronto, através de um rosnado que está investido dos meus miados, que estou a convocar a todos para outras forças e afetos que desembaralhem o mito de origem fundador do humanismo, responsável, em grande medida, pela instauração de uma ruptura da animalidade e da biotecnologia que nos habita, ao investir numa discursividade que, ao refletir a ontologia ocidental, corrobora para a institucionalização de uma lógica binária (excluindo o quê de multidinário existe ente os muitos das espécies) do gênero e do corpo humano, para acusar o quanto essa história do sujeito-indivíduo HOMEM, feita de h maiúsculo, é arbitrária, artificial e lacunar, insuficiente, porque já é uma zona instável e histórica, para dar conta da emergência de tantos outros corpos em devir,

¹ Ver AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

² Ver GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.



enjaulados, engaiolados, recalcados e aprisionados que estão nessa epopeia falo-androcêntrica. Por isso, [^]mio[^] e proponho que esse texto-manifesto se enuncie como território de contestação.

Pois, o que dirá dessa história, ainda sem a crítica do expert do contemporâneo¹, a ser escriturada pelas aparelhagens (de) estéticas, que em nome, vistos, dos globos oculares, como as empresas de mídia que assim se intitulam (O globo é tão mais amplo, a [^]gente[^] vê por aí), esgotam [^]verdades[^] sobre quais as vidas que merecem ser encarceradas/governadas e as [^]verdades[^] que escancaram, governantes de um Globo, ah terra nossa, que parece pertencer a eles, sendo deles a maciça/massiva concentração do arsenal discursivo fascista, que adentra lar adentro, que é cuspidor garganta afora, num cacoete fas-fas-fas-fas-cista. Entre o [^]fas-fas-...[^] e o produto feito, cisco a terra, em [^]garras[^], para ali plantar meus dejetos, cujo processo é adubo para outras espécies, essa que todo dia as cheiro no meu devir-Ferdinando (o touro animado da Disney² que nasceu para pajear as flores e foi forçado a ser-tourada, antes de sua resistência final, quando volta ao seu campo flori-

do), deixando nos talos de seus corpos, um tanto de afeto e um pouco de cheiro, cheiro ela, ela me cheira, para que aquilo que extraio/compartilho do meu corpo não conflua feito onda para as redes esgotos da [^]vida humana[^], que faz das suas empresas de comunicação essa maquinaria de fazer notícias com seu próprio dejetos.

Portanto, aqui anuncio as superfícies que, na minha atual historicidade, são rede a embalar meu corpo. Passeando por entre as prateleiras da biblioteca, que ultimamente só é ocupada por mim, me deparei com dois livros que me fizeram pensar-problematizar meu lugar de sujeito-gato. E desses livros, que vou fazer uma síntese-seleção para meus possíveis leitores³, começo a demarcar os lugares de onde mio.

Maria Esther Maciel, apesar do tom um tanto quando condescendente com os da minha manada, conseguiu conquistar-me de pronto. Já nas primeiras linhas lidas, quando afirma que os animais são signos vivos, Maciel consegue ir construindo uma narrativa que parece tomar de assalto os desacostumados por um devir-bicho, propondo uma escritura que capitaliza uma [^]alteridade radical[^] e por isso destaco, como a

1 Ver BÉDARIDA, François. "As responsabilidades do Historiador expert". In: J. BOUTIER; D. JULIA (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ - Ed. FGV, 1998.

2 Apesar de incorporar outra máquina que produz imagens-merda ao biopolitizar a vida d@s menino@s, uma potência se inaugura nessa narrativa do touro-Ferdinando. Ver Ferdinando, o touro. Desenho animado produzido em 1938 pela *Walt Disney Company*, que adaptou o romance de Munro Leaf (1936). Seu sucesso como curta-metragem lhe rendeu o Oscar na categoria em 1939.

3 Espero que a intrusa que veio ocupar meus territórios, logo que alfabetizada possa também ler esse texto. Seu nome, resolvi batizar de logo, para que não sofresse com a ausência do gato de Natsume. Não por acaso, também o escolhi a partir de uma outra leitura do filósofo italiano Agamben, quando ao falar sobre a biopolítica, traz para a contemporaneidade duas figuras filosóficas da antiguidade clássica: Zoé e Bios. O nome escolhido, portanto, foi Zoé, sem o agudo, para que quando gritarem por ela, não destruam meus tímpanos. O trema vem do meu desejo de desafiar a língua e de melhor propor um nome mais melódico. Dito isso, ainda não a aceito nos meus territórios. Os humanos falam que com duas semanas a aceitei, mas eles não sabem da potência da minha resistência. Na perspectiva do filósofo, Zoé significaria a vida enquanto Bios, a vida que é capturada pelos dispositivos políticos do Estado.



estabelecer uma aliança com essa humana, visto que defendo estarmos todos contagiados:

Radicalmente outros, mas também nossos semelhantes, próximos de nós, eles nos fascinam ao mesmo tempo que nos assombram e desafiam nossa razão. Temidos, subjugados, amados, marginalizados, admirados, confinados, comidos, torturados, classificados, humanizados, eles não se deixam, paradoxalmente, capturar em sua alteridade radical. (MACIEL, 2016, p. 13).

Postulando a questão do que seria ser homem ou animal a partir de um deglutir a ciência e a filosofia, a autora estabelece uma crítica aos critérios, historicamente constituídos, em torno da racionalidade e da máquina antropológica do humanismo, abrindo brechas nesse sistema de pensamento para outras possíveis respostas que podem ser encontradas no campo do imaginário e nos espaços alternativos do conhecer humano, a saber: a literatura. Assim, a palavra animal ganharia outras matrizes.

Confesso que gosto mais da divisão, já que adentrei no campo dos eruditos, daqueles que se ocupam com a crítica, da indistinção proposta por Deleuze no seu devir Espinosa, quando suspendem a noção de humano ou animal para a de espécies, meio que convergindo todos para um mesmo lugar a partir da instalação de um plano modal, feita de imanência, que investe na noção de modo

de vida, de uma maneira de viver: ^uma única substância para todos os atributos^ - o primeiro princípio de Espinosa.

Mas conhecemos também o terceiro, o quarto ou o quinto princípio de Espinosa: uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras. Não é mais a afirmação de uma substância única, é a exposição de um *plano comum de imanência* em que estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos. (DELEUZE, 2002, p. 127).

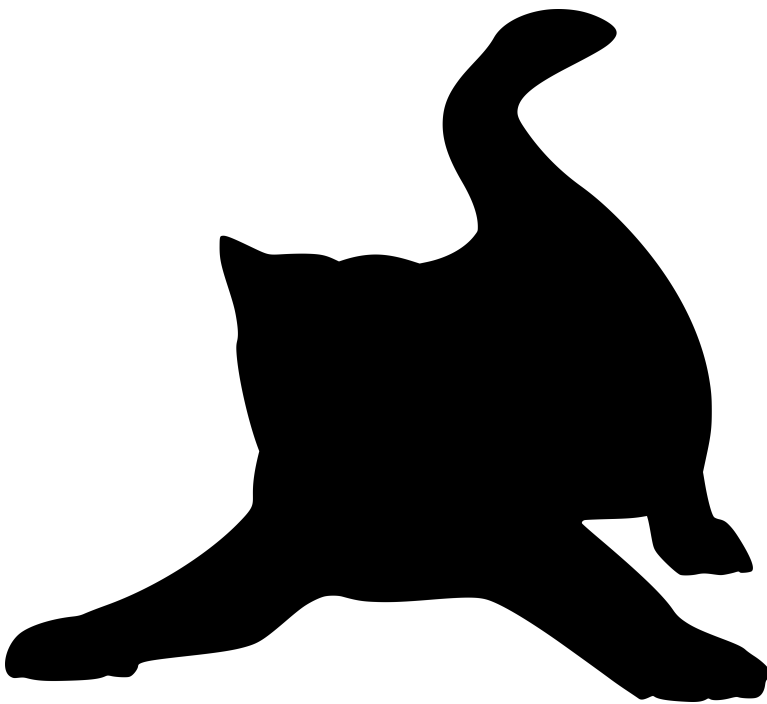
Dito isso e depois de ter limpado os bigodes do leite que furtei da filhota-Zoë que veio habitar meus territórios, me sinto à vontade para dar continuidade ao uso das minhas leituras de Maria Esther Maciel. Essa, fazendo uso do termo zooliteratura, que demarcaria um campo de estudos das diferentes práticas literárias que se voltam para os animais, para azunhar o termo bestiário, que foi forjado, também historicamente, há séculos atrás (e dizem que não lido com o tempo, seja ele histórico ou memorialístico), no projeto de inscrição de uma pretensa humanidade, ordenadora, classificadora, que instituiu uma catalogação das espécies, sejam elas de bichos reais ou imaginários, demarcando-as como bestas. As bestas ou o bestiário composto por elas, Maciel implode ao denunciar, utilizando Evando Nascimento, mostrando que

esse termo representaria o ponto alto da predação natural, o limite próprio da desnatura ou do desnaturamento que, ao reforçar sua dimensão negativa, marcaria sua exclusão dos chamados seres racionais. Essa cisão entre humanidade e animalidade, pois, estaria sendo forjada ao longo dos séculos no mundo ocidental, apresentando seu ponto nodal na modernidade a partir do século XVIII, com o triunfo do cartesianismo. Eu, como um gato-garota que sou, não poderia também deixar de enfatizar que, em grande medida, fomos nós, gatos, um dos mais bestializados, no período que os humanos nomearam de Idade Média (e também na Idade Moderna, quiçá até hoje) como instrumentos de um feminino ameaçador: as bruxas. Dos livros secretos que não foram feitos para serem lidos, só para

lembrar de Ítalo Calvino, muito do que nós-gatos escrevemos dão conta dessa hedionda perseguição. Livros esses que ainda fedem-rescendem à fumaça-fogueira. Desconfio, inclusive, que isso tem uma correspondência com o que, hoje, ordinariamente se nomeia de espetinho de gato (escrevo esse termo já como denúncia dessa prática).

Por muito tempo, diz Maciel, fomos associados como o lugar de todos os perigos. Para isso, essa autora nos lembra de quando Michel Foucault trata da animalidade em vigília, mostrando que os seres humanos utilizaram muitos animais como construções imagéticas da relação imaginária do homem com o mal, responsáveis pela proliferação dos seres híbridos e das metamorfoses diabólicas na literatura e nas artes, a exemplo dos vampiros, lobisomens e outros seres fronteiros. Curioso que a figura do monstruoso mais capitalizada na nossa contemporaneidade, os zumbis, não tenham essa relação híbrida com outros animais, mas com a animalidade que é própria dos homens, quando se desapropriam do cogito cartesiano e se lançam a deglutir o mundo, numa fome voraz e infundável.

Maria Esther Maciel (estão vendo como os nomes são importantes?) argumenta que na



nossa historicidade estão emergindo novos enfoques na relação com a animalidade, ao mostrar que as relações culturais entre os humanos e os não humanos são reconfiguradas para fora da [^]circunscrição antropocêntrica[^], produzindo novas formas de conceber o animal e a animalidade, especialmente na literatura, cujo marco seria **A metamorfose** (1915), novela escrita por Franz Kafka, estabelecendo uma linguagem literária voltada para os processos de identificação/entrecruzamento do humano e não humano. Assim, Maciel questiona: seriam esses novos processos capazes de desestabilizar as bases do humanismo antropocêntrico?, pois Gregor Samsa, na sua condição híbrida de humano e de inseto, numa perspectiva paradoxal, se torna inseto, sem deixar de se manter humano, enquanto n-devir que o habita.

Fronteiras essas que demandam, mais do que nunca, uma abordagem pautada no paradoxo, visto que, ao mesmo tempo que são e devem ser mantidas – graças as inegáveis diferenças que distinguem os animais humanos dos não humanos – é impossível que o sejam mantidos de modo idêntico, já que os humanos precisam se reconhecer animais para se tornarem humanos. (MACIEL, 2016, p. 19).

Teríamos o registro poético como compreensão da [^]alteridade radical[^] que os animais interpelariam aos humanos, demarcando o trespassamento

das fronteiras entre o humano e não humano, através da convivência interespécies (Espinosa aqui de novo), incorporando uma animalidade que desafia os limites da razão humana e dos dogmas científicos (esses também tão produzidos na literatura, especialmente, a policial do fins do século XIX e início do XX, com as empresas do corte de Jack, o estripador, o Frankstein de Mary Shelley e as lupas do Mr Holmes e seu fiel companheiro médico). Essa [^]alteridade radical[^], portanto, estaria sendo escriturada por muitos literatos que incitam e criam o debate da animalidade numa perspectiva ético-política a partir da proposta de uma zooliteratura ou zoopoética.

São escritores que incluem em suas obras diferentes categorias do mundo zooliteratura, como as das feras enjauladas nos zoológicos do mundo, dos bichos domésticos e rurais, dos cães de rua, dos animais classificados pela biologia, das cobaias e das espécies em extinção. E que privilegiam os **animais como sujeitos, seres dotados de inteligência, sensibilidade e sabedoria** sobre o mundo, como também exploram literariamente, e sob diversas perspectivas, as relações entre humanos e não humanos, humanidade e animalidade. (MACIEL, 2016, p. 23)¹

Esses termos zooliteratura e zoopoética são derivativos da obra de Jacques Derrida, **O animal que logo sou**, aula proferida em 1997, posteriormente pu-

¹ Grifos meus.

blicada (daí o acesso a que tem minhas garras e ao meu olhar, como logo será explicitado, meu olhar nu). Derrida inicia sua aula confiando que as palavras sejam nuas, palavras do coração, falando das presenças queridas ao mesmo tempo em que pede licença para falar de um ^instante^, ^um tempo mais antigo ainda^, ^um tempo antes do tempo^, para insinuar o seu ^instinto animal autobiográfico^, situando-os nas vivências dos Colóquios de Cerisy que ocorrem no Departamento de Somme, norte da França.

Se porventura um dia o animal que logo sou devesse escrever uma autobiografia (seja ela intelectual ou sentimento), deveria, mais e mais, nela nomear Cerisy, mais de uma vez e em mais de uma maneira – em seu renome de nome próprio e de metonímia. (DERRIDA, 2002, p. 13)

O que Derrida se prepara a dizer para se transportar dos ^fins dos homens, portanto, dos confins do homem, à 'passagem das fronteiras' entre o homem e o animal^ é para chegar ao próprio da animalidade: ^[...] ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si-mesmo, a esse homem que Nietzsche dizia, aproximadamente, não sei exatamente onde, ser um animal ainda indeterminado, um animal em falta de-si-mesmo^ (DERRIDA, 2002, p. 14-15).

Usando Nietzsche, aquele da **Genealogia da Moral**, quando diz que o homem é um ^animal prometedo^,

Derrida arremata: ^A natureza ter-se-ia claro como tarefa criar, domesticar, 'disciplinar' esse animal de promessas^ (DERRIDA, 2002, p.15), quando há muito, muito, como o filósofo mesmo enfatiza, os humanos estariam em vias de se entregar à promessa desse animal em falta de si-mesmo.

Há muito tempo, pois.

Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?

Que animal? O outro.

Freqüentemente me pergunto, para ver, quem sou eu - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.

Por que essa dificuldade? (DERRIDA, 2002, p. 15)

A dificuldade da qual Derrida confessa é a de estar nu. Um animal nu diante de outro animal, numa ^espécie de animal-estar^, porque eu, gato que sou, nem sempre mio quando vejo os outros de mim nus ou sinto mal-estar algum na minha pele-gato, pois não sou capturado e por isso procuro resistir contra toda essa maquinaria capital-pet que insiste em nos vestir, seja de panos, seja de coleiras, seja de guizos. Nada disso me pertence e nem desejo. Não me envergonho de anunciar, porque não posuo vergonhas, ela é dos ^próprios dos homens^, dessa ^vergonha de estarem nus como animais^.

Assim, nus sem o saber, os animais



não estariam, em verdade, nus. Eles não estariam nus porque eles são nus. Em princípio, excetuando-se o homem, nenhum animal jamais imaginou se vestir. O vestuário seria o próprio do homem, um dos “próprios” do homem. O “vestir-se” seria inseparável de todas as outras figuras do “próprio elo homem”, mesmo que se fale menos disso do que da palavra ou da razão, do logos, da história, do rir, do luto, da sepultura, do dom etc. (A lista dos “próprios do homem” forma sempre uma configuração, desde o primeiro instante. Por essa mesma razão, ela não se limita nunca a um só traço e não é nunca completa: estruturalmente, ela pode imantar um número não finito de outros conceitos, a começar pelo conceito de conceito). (DERRIDA, 2002, p. 17)

Autorizado agora por Derrida, como se eu o precisasse (a academia-erudição assinala que sim), reflito também sobre os ^próprios dos homens^, já investido do meu devir (pós)humano para trazer à tona a questão das vestes, quando nos ocupamos em investir em conceitos-pele, corpos-escrituras, pelo-imagem, que não seria próprio dos gatos se gato como sou não estivesse também contaminado por essa relação de ^alteridade radical^ ou de ^outridade animal^ da qual fala Gabriel Giorgi, em **Formas comuns:** animalidade, literatura e biopolítica (2016), numa ginástica do pensar que, ao associar esses elementos, mostra como o texto literário, entre outros, produzem ^um comum

não humanista^, que em potência e na dimensão de viventes, torna os animais pessoas.

A natureza se povoa integralmente com os signos da economia e da tecnologia; sua exterioridade se torna recurso e valor – e é sobre esse fundo que a ficção reinscreve o animal como potência e indisciplina que se interiorizam e se difundem do interior dos corpos, dos territórios e das sociedades. Esse animal virtual, espectral, fora de tempo e sem lugar se transformará numa regra persistente dos modos como se fará visível o animal na cultura – e dali numa regra da visibilidade dos corpos em geral (GIORGIO, 2016, P. 82)

Já no lugar-pessoa, vou tecendo minhas considerações, sem deixar de lembrar Derrida quando este fala que ^não há nudez na ‘natureza’^ para associá-lo a dois manifestos escritos por furios@s (talvez eu me sobre esse conceito-corpo), já para, talvez, explicar porque me inscrevo como um gato-garota, pois embarçar as fronteiras do animal e do humano, ética e politicamente, também implica em suspeitar das fronteiras que o sujeito-Homem criou historicamente para mensurar e hierarquizar as divisas do que seria o feminino e o masculino numa perspectiva toda maquiada de ^naturalista^, que posta a nu, indicia uma história patriarcalista e falo-androcêntrica, absolutamente cultural e, por isso mesmo, artificial. Esse termo, ^gato-garota^, sempre me foi atribuído por uma amiga, também ela

gata-garota, muito conhecida por seu nome próprio nos estudos de gênero, Alô-mia (Abrantes)¹, que através do seu ronronantes rosnados e de seus textos-azunhados se ocupa de desestabilizar, numa pegada política-ética, uma história escrita sobre o mundo-coisa, como se esse fosse propriedade dessa figura Homem, que se arrogou o direito de jogar às margens da composição histórica os elementos do feminino.

Ainda fazendo uso da minha memória, há tempos, já miei, bem em cima dos muros, sobre o gesto-simbólico que para mim constitui o início dessa empresa chamada Homem. Em **2001**, **Uma odisseia no espaço** (1968), filme de Stanley Kubrick, quando o personagem-macaco se apropria de um objeto da natureza, um osso, e o transforma em arma.

Pausa. Máquina do tempo. Voltemos ao passado. Estamos agora em 2001. Esse nosso passado, que já foi presente e, principalmente, futuro. Já foi uma verdadeira odisséia do futuro. Não, esse não foi o tempo “brilhante” dos Jetsons, nem tampouco o apocalíptico mundo de Mad Max. Mas o tempo do super-hiper-extra-computador-Halgooo. Munido de sua I.A., Hal tinha sido programado para dar assistência técnica a uma nave de sondagem no espaço, em viagem exploratória a Júpiter, e também para amenizar a solidão de seus pilotos. Eles correm numa esfera ao som de Strauss. Eles jogam xadrez,

eles conversam. Hal assiste e se indaga. Provoca fissuras na narrativa. Uma delas nos leva ao tempo da barbárie. Ao tempo dos macacos. Não, esse não é o Planeta dos Macacos. É o nosso prefigurado por Kubrick. Em torno do monolito negro, os macacos brigam, se aniquilam e comem. Essa é a narrativa de nosso grande romance familiar. Os gorilas, nossos pais, criam o devir humano no momento em que faz das suas mãos, não o lugar para se fincar um objeto pontiagudo, seja ele de vidro ou de ferro, mas o lugar de posse da civilização. O gesto do macaco, tomando o tacape de osso por entre as mãos e brandindo-o aos céus é a nossa grande narrativa de origem. Devir-humano nas mãos do macaco. (NÓ-BREGA e SOUTO. 2013. Disponível em: <http://www.nucleotiresias.ufrn.br/> Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero).

Assim, me associo a Michel de Certeau, quando na análise que empreende sobre a operação historiográfica e suas escritas da história, opera, num corte quase médico, quase psicopata-Dexter, portanto, semiótico, a disparidade e a artificialidade que a economia escriturística moderna, construída pelo Homem, trata os ^elementos naturais^:

Mas estes campos abertos à história não podem ser apenas objetos novos fornecidos a uma instituição imutável. A própria história entra nesta relação do discurso com as técnicas que o produzem. É preciso encarar como ela trata os elementos “naturais” para os transformar em um ambiente cultural, como faz aceder à

¹ Ver ABRANTES, Alômia. “Femini(ci)dade: a cidade, o feminino e o ambíguo (Parahyba, 1920)”. In: ANDRADE, Andreza (Org.). *Feminismo, Gênero e Sexualidade: Diálogos contemporâneos*. Mossoró: Edições UERN, 2016, v. 01, p. 154-173.



simbolização literária as transformações que se efetuam na relação de uma sociedade com a sua natureza. De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem. Suas técnicas o situam, precisamente, nesta articulação. Colocando-se ao nível desta prática, não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma “naturalização” (ou materialização) das relações sociais. (CERTEAU, 2002, p. 46).

^Fazer história é uma prática^ - sentença Certeau, alertando para a dimensão lacunar, escriturística, ambígua e ambivalente que constitui toda discursividade que já é, ela mesma, outra prática-história. Claro que não parei por aí. Minha vontade-voraz de folhas escritas é a mesma que sinto sobre a ração química-manipulada vendida para os gatos (porque também sou da geração PET e já não me apetece sardinhas ou salmões, o artifício já está em mim, quimicamente elaborado) e por isso, acionei, arranhando, dois outros textos referências que tratam da artificialidade da ^natureza humana^, não por acaso, também manifestos, grávidos de feminismos, prenhes de feministas.

Donna Haraway, em **Manifesto Ciborgue** (2013) coloca sua escrita-ensaio enquanto uma ironia-blasfêmia,

cujas intenções seria inaugurar/construir um mito político que fosse fiel ao feminismo/socialismo/materialismo, cuja figuração central seria a do ciborgue, enquanto estratégia retórica e método político, pois

A blasfêmia nos protege da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade. Blasfêmia não é apostasia. A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com o humo e o jogo sério (HARAWAY, 2013, p. 35).

Mas, lambendo minha patas e já pensando nos mecanismos tecnológicos que aciono no meu cotidiano, convido a Haraway a definir essa sua figura ciborgue:

O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (HARAWAY, 2013, p. 36)

Segundo ela, os ciborgues seriam criaturas simultaneamente animais e máquinas, habitando mundos que são ambigualmente naturais e fabricados. Isso incidiria diretamente sobre o campo da sexualidade e das políticas de gênero, pois o sexo-ciborgue desvincula a reprodução orgânica da vida ao con-

vocar a complexidade replicativa das ^samambaias^ e dos ^invertebrados^; seres que podem ser compreendidos como uma ^profilaxia contra o heterossexismo^, essa perversão do biopoder inventada para encarcerar/aniquilar o feminino-animal que nos constitui.

No final do século XX, nesse nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quando da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. (HARAWAY, 2013, p. 37)

É preciso, pois, transformar. Transformar, inclusive, essa que se coloca como uma guerra fronteira (humano/animal; masculino/feminino; heterossexualidade/homossexualidade; superior/inferior; arte/ciência; etc/etc), atacando, com a força de uma manada-multidão, essa maneira de pensar/praticar o feminicídio em nome do artifício patriarcalista-hetero-androcêntrico. A guerra bem guerreada, segundo o Manifesto Ciborgue, é aquela que se faz em ^favor do prazer da confusão das fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção^ (p. 37), para que possa emergir aquela que é a intenção maior do manifesto: uma teoria e uma cultura socialista-fe-

minista, pós-moderna (o moderno seria falocêntrico), não naturalista, que institua uma tradição utópica de um mundo sem gênero, podendo vir a ser, também, um mundo sem gêneses e quiçá um mundo sem fim.

Paul (antes Beatriz) Preciado, no seu **Manifesto Contrassexual** (2014), muito inspirada por Derrida (que foi seu orientador no seu doutoramento) e outros filósofos demarcados no campo da filosofia desconstrutivista (da metafísica moderna) e das diferenças, traz em seu texto-manifesto uma linguagem corrosiva, cujo prefácio (na edição brasileira) produzido por outra furios@, Sam (antes Marie-Helène) Bourcier, que utiliza como epílogo uma frase da Donna Haraway (todos ficamos contagiados), traz a ^miadeira^ atribuída a Preciado quando diz ^o que Preciado faz com a filosofia se parece com o que o punk ou mesmo o rap fizeram com a música^ (p. 9), pois ao pensar os ^impensáveis do feminismo^, como os brinquedos sexuais, a prostituição, a sexualidade anal, as subculturas sexuais sadomasoquistas ou fetichistas, convoca a todos como ^os novos operários de uma possível revolução sexual^ (p. 14).

Esses acordes dis-sonantes é logo introduzido ao leitor, quando este, ao acessar seu texto-manifesto, encontra uma nota, mais do que explicativa, que parece ser a síntese dos seus argumentos: ^poderíamos dizer que um dildo

não é um ‘pinto de plástico’, e sim, em que pesem as aparências, um pinto é um dildo de carne[^] (PRECIADO, 2014, p. 19).

Já ponderando com meus bigodes-gato, trago para todos a definição de Preciado sobre [^]o que é a contrassexualidade?[^]:

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é. Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividade normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. (PRECIADO, 2014, p. 21).

Assim, já me vendo-sentindo prótese cultural-artificial-histórica-falante, reafirmo meu lugar de sujeito-gato, aceitando a convocação de Preciado (que em muitos aspectos converge também para as proposições do **Manifesto Ciborgue**) para renunciar uma identidade sexual fechada e determinada [^]naturalmente[^] para dar densidade à minha

subjetividade de gato-garota.

Já comprometido com essas interpelações, eu-gato-Nihal ratifico alguns princípios (?) basilares do **Manifesto Contrassexual**, a saber: a proclamação da equivalência e não da igualdade de todos os corpos-sujeitos; que as práticas contrassexuais sejam sempre entendidas como tecnologias da resistência, como forma de contradisciplina sexual; que os elementos do sistema sexo/gênero sejam vivenciadas como tecnologia (de si), compreendendo suas práticas e identidades sexuais como Máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p. 22-23)

Todo esse norteador do Manifesto Contrassexual consistiria num golpeamento nuclear da noção de Natureza (Humana):

É hora de deixar de estudar e de descrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas. A ‘história da humanidade’ se beneficiaria se fosse rebatizada como ‘história das tecnologias’, sendo o sexo e o gênero dispositivos inscritos em um sistema tecnológico complexo. Essa ‘história das tecnologias’ mostra que ‘a Natureza Humana’ não é senão um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina (Don-



na Haraway, 1995), mas também entre órgão e plástico (PRECIADO, 2014, p. 23).

Portanto, o sexo, tanto como órgãos quanto como prática, jamais poderia ser compreendido como um lugar do biológico nem como pulsão natural, sendo a própria natureza humana, essa que se colocou como superior aos ou-

tros vivos (animais, plantas, monstros, etc), efeito de uma tecnologia social que reproduziria ^nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade^ (p. 25).

Para Preciado é preciso sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, no que também complementaria sobre a escritura das espécies, pois quando el@ diz que já há uma tecnologia sexual operando na nomeação dos vivos (quando do seu nascimento-batizado), sejam elas Elisas ou Marianas, lembro bem da performance que me nomeou Nihal, pois apesar de apresentar um dildo de gato, Nihal é nome também de uma semi-elfa de Licia Troisi (escritora italiana da série Crônicas, Guerras e Lendas do Mundo Emerso, composta de nove livros) de quem foi pego de empréstimo uma personagem para me nomear, quando pensavam o meu ser-eu uma garota-gato, até que num ato de resistência, subverti essa técnica (de empréstimos, de apropriações) para me inscrever como gato-garota, pois já convocado tanto pela Haraway quanto pela Preciado, tomo como lugar de enunciação a máxima da última, já informada também pela primeira, quando afirma(m) ^A arquitetura do corpo é política^. E isso é válido para todas as espécies, especialmente para mim, esse gato-garota, essa pessoa-animal.

Nesses Manifestos me sinto subje-





tivado (é melhor não dizer representado, como se fala agora nas redes sociais, pois a representação conceitual e metafisicamente remete a uma historicidade epistêmica que essas furios@s desejam implodir).

In-formado por todas essas leituras, não aparo meus bigodes, tampouco minhas unhas/garras. Afora os dispositivos de linguagem que me apropri daqueles teóricos que se sujam/entregam a língua à sua própria animalidade, não me rendo ao sistema, ao filé-simulacro de Matrix¹, ao show de Black Mirror² (também ele um alerta-crítica), porque sou pura derrisão, pelo todo assanhado, pelo cheio de nó, eno(j)ado, porque parte desse sistema que ora procuro circuitar, cicutar-envenenar, não me seduz mais do que me enoja, me contrai, mas também me aguerrilha, sem que isso necessariamente implique em me despir da pele de gato. O outro, um todo Outro, me incita, me faz enroscar, quando muito interessa a esse ^corpo-gato^, assumindo locações dos outros que me permitam uma saída do meu e a contemplação, porque não interpretação, com a multiplicidade (^das espécies^), ciente que estou dos muitos que em mim possam fazer emergir o próprio dos bons encontros³, naquilo que converge para potencializar e retroali-

mentar esse meu miar sobre e pela vida-existência, enquanto pessoa-animal.

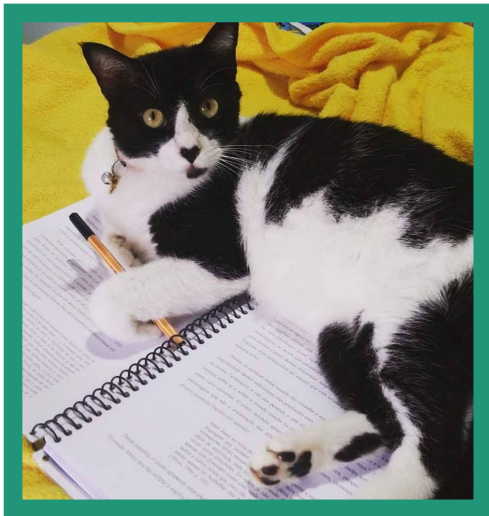
Às vezes, se faz necessário desacelerar, desterritorializar, mas não quando avisto, ao longe, aqueles tão diminutos peçonhentos que procuro atanzar. Assim, tenciono as minhas articulações, deixando meu ^corpo-gato^ teso, tenso, denso à espera do pulo, o pulo de um gato-garota. Por isso, manifesto, investid@ da leitura daqueles que pleiteiam a animalidade e a outridade radical para despotencializar e, quiçá, desestabilizar, com a ode falo-androcêntrica: que o signo Homem seja alquebrado e implodido em seu desejo de identidade reacionário para suspeitar da noção de ontologia e substituí-la com a noção de existência, como parte de uma vivência furios@ de estar.

Furios@ seria, em trocadilhos, o devir feminino que localizado num estado de tensão-conflito, estando num apocalipse zumbi ou não, possuindo a genitália atribuída ao feminino ou não, sendo matéria orgânica ou não, se converte em ^máquina de guerra^ (DELEUZE/GUATTARI) contra as múltiplas formas de captura/opressão/biopoder que pleiteia o aniquilamento dos femininos/feministas que habitam em todos nós, gatos-garota. Apesar do conceito de ^máquina de guerra^ proposto por Deleuze/Guattari como parte do capitalismo esquizofrênico consistir numa tecnologia do biopoder que procura se-

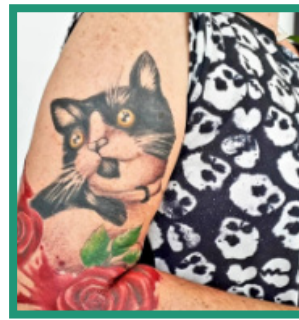
1 Ver **Matrix** (1999) produção cinematográfica estadunidense e australiana, dirigida pelas irmãs transgêneros Lilly Wachowski (nascida com o nome Andrew Paul "Andy" Wachowski) e Lana Wachowski (nascida com o nome Laurence "Larry" Wachowski).
2 Ver **Black Mirror**. Série de televisão britânica criada por Charlie Brooker (2011) e produzida pela Zeppotron para a Endemol. Atualmente faz parte do catálogo de séries da Empresa Netflix, que opera por *streaming*.

3 Ver DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

dimentar os sujeitos em contraposição aos seus devires nômades, nesse texto, propomos uma outra apropriação, que já vislumbra, dentro desse mesmo sistema do biopoder, uma potência, também ela nômade, zoo-bio-política, para aquilatar e conferir densidade contemporânea ao termo furios@, proposto nessa textualidade. Assim sendo, trata-se de uma outra leitura, dobrada, como a lembrar das fugas conceituais possíveis por novas perspectivas tão sedutoramente convidadas pelos autores citados. As dobras e suas linhas de fuga, conceituais ou não, foram aceitas e refeitas. Miau.



NIHAL ANTÔNIO DE MEDEIROS NÓBREGA



MEU NOME É **ELISA MARIANA**, SOU UMA SERTANEJA PARAIBANA, PROFESSORA DE HISTÓRIA E AMANTE DA LITERATURA. SEMPRE QUE POSSO, ESTOU A PASSAR POR ENTRE PÁGINAS PARA DAR SENTIDO À MINHA VIDA E DOS MEUS AMORES E AMIGOS. ENTRE CACHORROS E GATOS, VIVO, TAMBÉM, ENTRE LINGUAGENS, APRENDENDO E ENSINANDO SOBRE A (IN)DOCILIDADE DAS PALAVRAS.

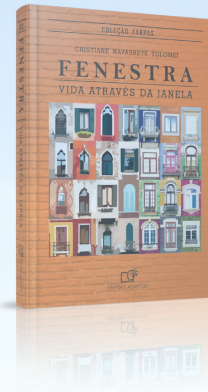
**PARA SABER MAIS.
ADQUIRA A OBRA:**



SOLIDÃO¹

 **CRISTIANE NAVARRETE TOLOMEI**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.266>



Conhecimento que resulta em solidão
Desprovida do outro
Mulher geme sozinha entre páginas

sem café junto
sem prato junto
cama vazia do sujeito

Repleta de personagens na cabeceira
Ela é temida
Marginalizada pela diferença



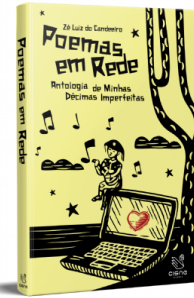
DOUTORA EM ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PELA USP. ATUA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO COMO PROFESSORA ADJUNTA DA ÁREA DE LITERATURA; É DOCENTE PERMANENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE (PGCULT). É ORGANIZADORA DOS LIVROS LITERATURA, LINGUAGEM E ENSINO: MOMENTOS DE REFLEXÃO (PEDRO & JOÃO EDITORES, 2011), ENTRE FRONTEIRAS: REFLEXÕES SOBRE LINGÜÍSTICA E LITERATURA (EDUFMA, 2016), ENTRE LÍNGUA(GENS), TECNOLOGÍAS E DISCURSOS (OFICINA DA LEITURA, 2018), CULTURAS, TECNOLOGIAS E ENSINO DE LÍNGUAS (OFICINA DA LEITURA, 2018) E GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA LITERATURA (EDUFMA, 2018); E AUTORA DAS OBRAS A RECEPÇÃO DE EÇA DE QUEIRÓS NO BRASIL. LEITURAS DO SÉCULO XX (SCORTECCI, 2014) E A LENDA ARTURIANA REESCRITA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL (PEDRO & JOÃO EDITORES, 2017).

¹ Poema retirado da obra *Fenestra vida através da janela*.

ESTÁ FEITO¹

 ZÉ LUIZ DO CANDEIRO

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.267>



Minha alma terra rachada
Sinal da tua passagem
Foi chuva na estiagem
Mas se foi sem dizer nada
Presença em mim gravada
Deixou cicatriz no peito
Como rio seco no leito
Espero a vida se renovar
Você pode até não voltar
Mas o bem que fez, já está feito.



ZÉ LUIZ DO CANDEIRO É FILHO DE TUPANATINGA, CIDADE NA ZONA DE TRANSIÇÃO ENTRE AGRESTE E SERTÃO DO INTERIOR PERNAMBUCANO. DOUTOR EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, DIVIDE SEU TEMPO ENTRE MÚSICA E POESIA COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.

¹ Poema retirado da obra *Poemas em rede: Antologia de minhas décimas imperfeitas*.

AO HOMEM QUE EU QUIS¹

 AMIEL NASSAR RIVERA

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.268>

*Para Tibúrcio Valério de Azevedo, ou, simplesmente, Tinho;
e para Eduardo Brito, que deixou para trás o que tinha de ficar para trás.*

A lembrança dos teus beijos
Inda em minh'alma existe,
Como um perfume perdido,
Nas folhas dum livro triste.

Perfume tão esquisito
E de tal suavidade,
Que mesmo desapar'cido
Revive numa saudade!

Florbela Espanca



ssim como sua avó, sua mãe e suas tias, todas largadas por seus homens, ele, embora não tivesse nascido mulher, havia trazido consigo aquela sina que fizera das mulheres de sua família imaculadas medeias. Ao ver o bilhete deixado no criado-mudo, tivera a certeza de que não havia se desvencilhado daquela singular desdita amorosa que marcara, uma por uma, as mulheres de sua casa. O papel trazia um único período (*Fui embora e não volto mais, adeus*) e ainda recendia ao cheiro amadeirado do perfume que o Outro tanto gostava de usar, que, inúmeras vezes, dei-

¹ Conto retirado da obra de mesmo nome.

xou impregnado em suas carnes e que lhe servira de consolo, quando a saudade vinha só lhe mortificar o peito.

Olhara novamente o bilhete, a letra miúda, bem desenhada assim como também o era o corpo do seu senhor que cheirava à juventude. Branco, cabelos escuros, olhos castanhos, sorriso maroto, olhar sedutor de cafajeste. Não houve jeito, desde o primeiro olhar, sentira-se fisgado. Aquele garoto apresentara-se diante dele como o seu veneno e o seu remédio, e ele se lhe entregou como quem se entrega ao seu carrasco. Durante meses, ele conheceu, uma por uma, as curvas daquele corpo, as suas reentrâncias mais recônditas, as suas fendas mais íntimas, enquanto o Outro lhe sorvera a tristeza, a solidão, fazendo-o, naquela idade, redescobrir a alegria de estar vivo, de, novamente, ser, ao mesmo tempo, sujeito desejante e objeto de desejo.

Amassou o bilhete, mas não o jogou fora. Deixou-o no criado mudo e, agora, também surdo: queria ter, ao menos, aquela última lembrança daquele que, assim como os outros, entrara em sua vida sem muito explicar, mas que, ao contrário, se apossou, sorratamente, dela como um velho posseiro. Desarmado, ele não teve outra saída senão entregar-se perdidamente. Sentou-se na cama, passou a mão pelo colchão como se cada vinco dele fosse os do corpo do Outro. Não mais poder

tocar aquelas carnes rígidas e suaves, cheirando a guardado, não mais sentir-lhe o gosto, não mais poder morder-lhe os mamilos, sussurrar-lhe palavras ao ouvido ou sorver-lhe o grito antes do gozo... Tudo, agora, era mediado por aquele atroz não mais.

Lembrou-se de quando o conhecera. Era seu aluno. Desde o primeiro dia de aula, sentira-se atraído por aquele jovem calado, recém chegado à universidade. A princípio, quis esconder, como sempre fazia, os seus sentimentos. Cidade interiorana, não queria dar o que falar. Professor ter caso com um aluno renderia muita conversa para aqueles que viam na vida alheia uma forma singular de distração. Percebeu, no entanto, ser correspondido. Entre uma aula e outra, o desejo aumentava. Nas aulas de literatura, parecia que os poemas lidos, os contos ou os romances escolhidos eram cúmplices na concretização daquele desejo gestado entre interditos. Ao término do semestre, ao corrigir a



avaliação final, leu uma pequena frase: “Você pode me ligar?”. Deixou de lado a caneta e ficou pensativo. Pegou o telefone e, pausadamente, discou cada um dos algarismos como quem joga na certeza de que aqueles eram, de fato, os números da sorte. A voz do outro lado atendeu ao som de um estridente alô. Não precisou identificar-se, o Outro lhe reconheceu. Dali para frente, desde o primeiro, todos os outros encontros eram contados como se fossem anos. Queriam prolongar cada minuto, cada segundo em que estavam juntos. Procuravam viver, em cada vão momento, as delícias que seus corpos sentiam um pelo outro.

E, agora, de tudo o que vivera, restavam-lhe, apenas, aquelas letras naquele papel amassado. Ao pensar nisso, a sua primeira reação foi chorar, mas as lágrimas não saíam. Aprendera a sofrer a sua dor resignadamente, principalmente porque chegara a uma idade em que se acostumara ao abandono. Não mais vivia agosto esperando setembros. Aprendera a recomeçar sempre depois de vários abrius despedaçados. Apesar disso, o peito ainda lhe doía a cada nova despedida. Sabia que a relação deles, da maneira repentina que começara, caminhava para acabar. Intuíva sempre que cada encontro deixava, sem que pudessem perceber, uma nota silente que, pouco a pouco, ia compondo a sinfonia do adeus a ser ouvida na partida



que se fazia, amiúde, iminente.

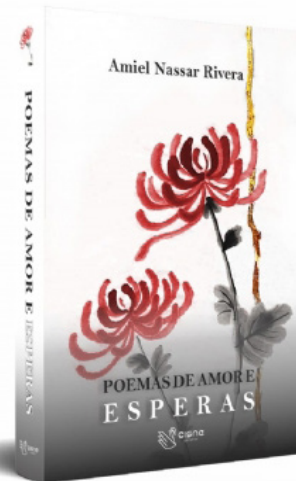
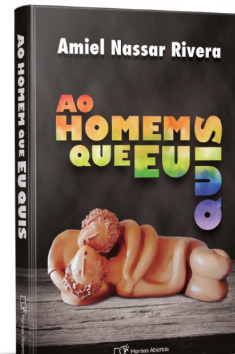
Ele começara a perceber que o Outro estava cansando de seus beijos, de seus abraços, de seus amassos, de seu corpo onde não apenas ficaram as marcas de seus dentes, de seus abraços fortes. O Outro não o procurava mais com tanta frequência. Ele é que tinha de mendigar carinhos, carícias, afetos. O telefone, quando não desligado, estava sempre fora de área. O Outro havia, certamente, descoberto novas rotas ou sentia a necessidade de percorrer outras geografias. E, assim, começara a ferir a ele da maneira mais sutil e dolorosa possível, de forma que, mesmo podendo vir a cicatrizar, a ferida do abandono doía, latejava, sangrava, arranhava qual grão

de areia nos olhos. O Outro soubera pisar no seu coração. O amor que o Outro lhe dera já viera, desde o primeiro beijo, com o gosto de adeus. Dera-se conta disso agora. Restava a ele apenas esquecer aquela paixão. “O passado deve servir de alimento apenas para si mesmo. Amanhã será outro dia”, pensou consigo. Enxugou as lágrimas, ajeitou-se na cama e tentou consolar-se, dormindo, ao som de *The Blower's Daughter*, enquanto o lado direito de sua cama, mais uma vez, voltava a sua serena espera por um novo alguém.

DOUTOR EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, DOCENTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, TEM SE VOLTADO, ESPECIALMENTE, PARA A REFLEXÃO ACERCA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA DO SÉCULO XIX E PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E AS PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. SOB O PSEUDÔNIMO DE AMIEL NASSAR RIVERA, TEM DOIS LIVROS DE LITERATURA PUBLICADOS: AO HOMEM QUE EU QUIS (2021) E POEMAS DE AMOR E ESPERAS (2022).
MARCELOMEDEIROS_SILVA@YAHOO.COM.BR



CONHEÇA!



Resenha

CINEMA E MEMÓRIA DE FUTURO: CENAS DE UMA NARRATIVA À LUZ DE BAKHTIN¹

 MANASSÉS MORAIS XAVIER²

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.269>



P

ara se falar sobre a relação entre cinema e Teoria Dialógica da Linguagem não há como se perder de vista os escritos de Volóchinov (2013, p. 75) quando trata do discurso na vida e do discurso na arte: “[...] a palavra concebida mais amplamente, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser uma coisa centrada em si mesma e já não pode ser compreendida independentemente da situação social que a tem engendrado”.

Nessas condições, um ponto fundamental desse pensamento recai em compreender como o uso da palavra é constituído por funções sociais que a todo instante comunicam a partir de interações discursivas banhadas, essencialmente, pelo fator cultural. Tomado como um dispositivo propagador de discursos, não há como dissociar o uso da palavra de filiações ideológicas que situam valorações, que marcam e demarcam processos culturais. Portanto, essa compreensão refere-se, literalmente, a um olhar para a palavra, em sintonia direta com a linguagem cinematográfica multissensorial por natureza (verbo-voco-visual e tátil),

¹ Adaptado do prefácio escrito para o livro: *A memória de futuro analisada pela linguagem cinematográfica: diálogos entre a teoria do cinema e Mikhail Bakhtin* (São Paulo, Mentes Abertas, 2020).

² Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

em uma dimensão de vida mergulhada no social, no vivenciamento.

É dentro desse horizonte de discussão que se insere a obra **A memória de futuro analisada pela linguagem cinematográfica: diálogos entre a teoria do cinema e Mikhail Bakhtin**, de Ivo Di Camargo Junior, fruto de seu meticuloso trabalho de pesquisa de Dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação do Prof. Dr. Valdemir Miotello.

A obra, para além de introdução e de considerações finais, é organizada em oito capítulos. O primeiro, intitulado de *Linguagem, história e Bakhtin: diálogos sobre a sétima arte*, aborda uma discussão sobre as linguagens audiovisuais no mundo contemporâneo, bem como uma reflexão a respeito da relação entre a linguagem para Bakhtin e o cinema.

Os capítulos 2 e 3, nomeados, respectivamente, *A linguagem cinematográfica: deslumbramentos e grandes perspectivas* e *A linguagem cinematográfica, teorias do cinema e as ideias de Bakhtin*, debruçam-se, de maneira mais aprofundada, em discorrer sobre as noções de discurso, de enunciado e de um estudo que acentua, a partir de um olhar bakhtiniano, as aproximações e as especificidades entre o gênero romanesco e o cinematográfico.

Em busca de um futuro já visto é o quarto capítulo do livro. Nele, o autor situa uma discussão cara à obra: “[...] como o futuro aparece, como é demonstrado, passado a nós e vivenciado como uma possível realidade num seletivo grupo de filmes do circuito norte-americano de produção. O futuro que vemos presente na tela dos cinemas é real? Ele existe ou existirá?”.. É nesse momento que o autor adentra no campo do estudo do futuro em obras fílmicas, baseando-se no conceito de memória de futuro como palavra que pode ser definida como projeção, isto é, a compreensão de que o sujeito está sempre incompleto e pode ampliar-se por meio de (re)fazer-se entre passado e futuro.

O capítulo 5, *Os filmes a serem trabalhados: sinopses*, destaca o resumo dos filmes analisados no trabalho científico empreendido por Ivo Di Camargo Junior, a saber: 1) *Blade Runner – O caçador de Andróides* (1982), baseado na novela *Do androids dream of electric sheep?*, de Philip K. Dick, considerado por Ivo o melhor dos filmes selecionados para o corpus de análise da Dissertação de Mestrado por ele defendida; 2) *Filhos da Esperança* (2006), do diretor mexicano Alfonso Cuarón; 3) *Inteligência Artificial* (2001), de Steven Spielberg, narrativa cinematográfica produzida a partir de um projeto do cineasta Stanley Kubrick; e 4) *Idiocracia* (2006), filme dirigido por Mike Judge.

Os capítulos 6 – Futuro Sujo, Futuro Limpo. Memória de Futuro –, 7 – Visibilidade: Futuro Sujo – e 8 – Visibilidade: Futuro Limpo – apresentam as análises produzidos pelo autor da obra: análises essas construídas através de uma escrita acadêmica bem elaborada e fundamentada no que Ivo Di Camargo Junior defende: “Considerando que dialogar é constituir-se como sujeito, como outro na realidade do mundo, podemos afirmar que as memórias do passado e do futuro, conforme foram propostas por Bakhtin, participam de uma constituição do futuro nas imagens do cinema. Quando dialogamos, produzimos uma imagem de nós mesmos e projetamo-nos para dentro da realidade da linguagem cinematográfica, ou seja, o que falamos e como falamos constroem uma imagem perante o outro: o outro, em nosso caso, o cinema, também participa e constitui as nossas falas.”.

Em linhas gerais, é possível sintetizar duas assertivas de **A memória de futuro analisada pela linguagem cinematográfica: diálogos entre a teoria do cinema e Mikhail Bakhtin:**

- a primeira, de modo amplo, traduz-se pelo fato de o trabalho contribuir com o fortalecimento de estudos voltados para o uso da palavra tendo como foco de referência uma concepção de linguagem constituída a partir de relações dialógicas, preenchida pelo outro, como assim se desenvolve a Teoria Dialógica da Linguagem, de Bakhtin e o Círculo;

- a segunda, de modo particular, por oportunizar atividades de compreensões sobre o uso da palavra, melhor afirmando, o uso da linguagem em contexto cinematográfico: contexto rico em linguagens verbais e não verbais que promovem a construção de saberes que possibilitam, na visão de Ivo Di Camargo Junior, o trabalho pedagógico com imagens, na intenção de estimular a expansão de sentidos através de interpretações e análises dos diferentes tipos de discursos imagéticos a que o cinema, enquanto linguagem, se presta.

Ler o texto de Ivo nos convidou, ainda mais, a percebermos o quanto é preciso entender os escritos de Bakhtin como atual, como transgrediente, como marca de intersecção entre memórias, como uma possibilidade de articulação entre homem, sociedade, linguagens e cultura.

Em suma, conforme Bakhtin (2010, p. 400), “[...] cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros [...]”. Nesse sentido, o texto da linguagem cinematográfica estudada por Ivo Di Camargo Junior e registrada neste livro funciona como uma referência que assume, em consonância com a Teoria Dialógica da Lin-

guagem, um trato analítico de materialidades discursivas, verbais e não verbais, como se configura o cinema, atravessado pela relação discurso na vida e discurso na arte e pelo reconhecimento da incompletude da palavra, do ser e, consequentemente, da memória.

A todos, uma excelente e dialógica leitura da obra!

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica (1926). In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013, p. 71-100.

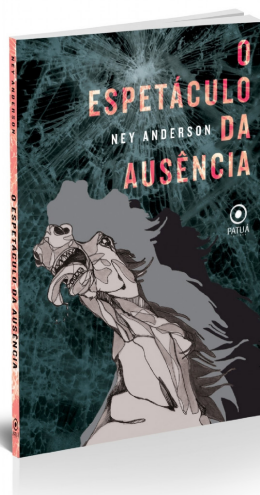
DOUTOR EM LINGUÍSTICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. MESTRE EM LINGUAGEM E ENSINO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. ESPECIALISTA EM TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO E LICENCIADO EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. REALIZOU ESTÁGIO DE PÓS-DOUTORADO EM LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. PROFESSOR ADJUNTO II DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA NA UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS, CENTRO DE HUMANIDADES, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UAL/CH/UFCG) E PROFESSOR PERMANENTE NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (PPGLE/UFCG). MEMBRO DOS GRUPOS DE PESQUISA: LINGUAGEM, INTERAÇÃO E CULTURA (GELINC/UFCG); TEORIAS DA LINGUAGEM E ENSINO (CNPQ/UFCG); LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO E INTERAÇÃO (GPLEI/CNPQ/UFPB); E O CÍRCULO DE BAKHTIN EM DIÁLOGO (CNPQ/UEPB).
MANASSESMXAVIER@YAHOO.COM.BR



ENTRE MÁSCARA, ESPETÁCULOS E AUSÊNCIAS: DEGUSTANDO A LITERATURA DE NEY ANDERSON

 **EVERTON WILLIAM DE LIMA Silva**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.270>



“MÁSCARA RASGADA”, ESCRITO POR NEY ANDERSON E PUBLICADO NO LIVRO “O ESPETÁCULO DA AUSÊNCIA” (SÃO PAULO, EDITORA PATUÁ, 2020).

MÁSCARA RASGADA

Atravessou a Avenida Conde da Boa Vista à procura de divertimento. As esquinas guardavam segredos que poucos conheciam. Esperava encontrar algo novo, especial. Só via bêbados, putas, mendigos e alguns poucos ambulantes recolhendo as suas mercadorias. Subiu as escadas da sexy shop, comprou camisinhas de várias cores e formas, algemas e uma máscara.

Entrou no bar mais próximo e sentou na mesa mais afastada. O garçom se aproximou enxugando a testa.

- Vai beber alguma coisa?
- Uma cerveja, por favor.

O bar estava vazio, olhou para os lados. Os olhos atentos e as mãos suadas. Ninguém conhecido, graças a Deus. O garçom colocou a cerveja na mesa. Estava geladíssima. Bebeu com cerimônia. Não podia se dar ao luxo de tomar cervejas sempre. Levantou-se e foi ao banheiro. Olhou-se no espelho, lavou o rosto e



organizou os cabelos. Ao retornar para a mesa, notou alguém encostado no balcão. Um rapaz jovem. Olharam-se por alguns segundos. Sorriam. Sentou à mesa e tomou mais alguns goles de cerveja. Percebeu o rapaz saindo do bar. Foi atrás. O carro estava com a porta do passageiro aberta. Entrou.

- É perigoso ficar aqui sozinho, posso te dar uma carona?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

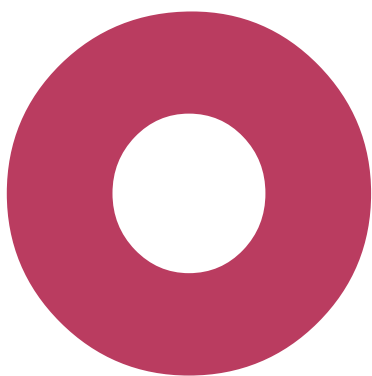
O rapaz arrancou pela avenida vazia e chegou até o endereço poucos minutos depois. Prédio novo, flores artificiais no hall de entrada. O porteiro cochilava, enquanto na tevê passava um programa evangélico.

O apartamento estava sobriamente decorado, como ele observou atentamente. Poucos quadros, um pequeno aparador com livros e garrafas de bebida, a tevê em cima de um móvel moderno e o sofá de dois lugares. O rapaz perguntou se ele queria beber mais alguma coisa. Depois de alguns copos e conversas jogadas fora eles mudaram de cômodo.

Acordou no meio da madrugada. Olhou ao lado, o jovem rapaz ainda estava dormindo. Levantou-se. As camisinhas no chão, a máscara rasgada. Vestiu-se e saiu. Já com o dia clareando, pegou o primeiro táxi que apareceu. Desceu na Avenida Guararapes.

Andou. Devagar. Andou.

A igreja já podia ser vista. Colocou as mãos nos bolsos. Retirou o terço. As algemas ainda estavam lá. Abriu a pesada porta de madeira. Fez o sinal da cruz. Rezou. Preparando-se para celebrar uma missa de sétimo dia.



conto “Máscara rasgada” de Ney Anderson, publicado no livro “O espetáculo da Ausência” (2020), apresenta uma narrativa tensa e provocativa sobre um homem que busca diversão e acaba envolvido em uma situação inusitada. A história se passa em Recife, Brasil, e descreve o protagonista caminhando pelas ruas à procura de algo novo e emocionante. O autor utiliza uma linguagem direta e realista para retratar a vida noturna da cidade, com seus bêbados, prostitutas e mendigos.

O protagonista entra em um sexy shop e compra camisinhas, algemas e uma máscara, indicando seu desejo por aventura sexual e experimentação. Ele então entra em um bar vazio e conhece um jovem rapaz com quem segue para o apar-

tamento dele. A cena é descrita com detalhes, incluindo a decoração do apartamento e a bebida que eles compartilham.

A narrativa aguça a curiosidade do leitor e da leitora quando o protagonista acorda, no meio da noite, e encontra a máscara rasgada e as camisinhas no chão. Ele veste suas roupas e sai do apartamento, deixando o jovem rapaz dormindo. O conto termina com o protagonista entrando em uma igreja para celebrar uma missa de sétimo dia.

O conto apresenta temas como desejo sexual, solidão, busca por emoção e culpa. A narrativa é envolvente e bem construída, com uma atmosfera que oscila entre o erótico e o ameaçador. Ney Anderson utiliza uma linguagem direta e realista, que contribui para a sensação de imersão do leitor na história: um conto provocativo e bem escrito, que oferece uma visão interessante sobre a vida noturna e a sexualidade na cidade do Recife. O autor cria uma atmosfera tensa e envolvente, que prende a atenção do leitor do início ao fim.



Ney Anderson (Recife-PE, 1984) é jornalista, escritor e crítico literário. Tem contos publicados em diversas antologias. Desde 2011, mantém o site Angústia Criadora (www.angustiacriadora.com), especializado em resenhas literárias. Já colaborou com artigos críticos para os jornais O Estado de São Paulo e Estado de Minas. É também colunista de literatura da rádio CBN Recife.

PROFISSIONAL COM EXPERIÊNCIA NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E PSICOLOGIA SOCIAL. MESTRE NA ÁREA DE LINGUAGENS, CULTURAS E FORMAÇÃO DOCENTE (PPGFP-UEPB). DOUTORANDO EM LINGUAGEM E ENSINO (PPGLE-UFCG), COM A PESQUISA: FUTUROS (IM)POSSÍVEIS, CORPOS E SUBJETIVIDADES NO CINEMA. PSIC.WILLIAMLIMA@HOTMAIL.COM



PENSAR E ESCREVER SOBRE O TEMPO PRESENTE NA OBRA “O DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA EM TEMPOS DE BOLSONARO E ARAÚJO”¹

 CARLOS ENRIQUE RUIZ FERREIRA²
DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.271>



“Em política externa, discurso e ação na verdade se complementam e se sobrepõem. Frequentemente, o discurso é a ação e a ação é o discurso”

(Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa³)

Pensar e escrever sobre o tempo presente, desde a prática acadêmica, é simultaneamente arriscado e necessário. Arriscado pela questão do *pathos* que nos envolve, entre o sujeito-objeto (tema que a obra se debruçará a partir de Bakhtin), mas também pelas ainda poucas análises efetivadas do ponto de vista acadêmico e científico. Mas se é arriscado, não deixa de ser necessário. A necessidade revela-se em ato inaugural, em criação, inovação, ao se propor objetos de análise que vibram ainda no tempo-espço, no *cronotopo*, contemporâneo. Os professores Fábio, Filipe e Sílvia empreendem este labuto. Eles iniciam e propõem indagações e reflexões sobre o tempo presente da política externa brasileira.

¹ Adaptado do prefácio escrito para o livro: *Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo* (São Paulo: Mentes Abertas, 2023).

² Mestre e Doutor em Ciência Política, Pós-Doutor em Filosofia, todos pela USP. Coordenador do Centro de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança (CEAPP-G-UEPB). Professor na graduação e pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

³ SEIXAS CORRÊA, Luiz Felipe. Introdução à primeira edição. In: Seixas Corrêa, L. F. (org.). *O Brasil nas Nações Unidas 1946-2006*. Brasília: FUNAG, 2007, p. 23.

O governo em análise neste livro findou, não faz nem um ano, mas parece que aqueles que prezam pela democracia, nós, queremos de alguma forma imputar a este fim de governo um caráter de passado, de distância, com relação a tudo o que ele fez e significou. Mas atenção! Se o governo de Jair Bolsonaro acabou, não é verdade que suas ideias, sua ideologia, sua cultura, tenham se esvaído da sociedade brasileira. Não. A ideologia e a violência da necropolítica, do racismo, do patriarcalismo, do machismo, da LGBTQIAP+fobia, dentre outros, seguem em voga. Nesse sentido, nossos autores cumprem um papel de destaque, trazendo um estudo tão bem estruturado e com tão aguda análise sobre os enunciados concretos dos discursos da política externa brasileira deste governo.

O terreno é íngreme, seja por tratarmos de pessoas e ideias na contramão dos direitos humanos e da democracia, seja pela densidade intelectual dos nossos autores, que propõem uma articulação de campos de conhecimento que poucas vezes se empreende, como é o caso da interface entre os estudos linguísticos e as relações internacionais. Mas se o topos é íngreme, nossos autores nos propiciam uma base segura para esse passeio e fornecem todo conforto para uma viagem que acaba por nos fascinar durante o percurso.

No capítulo primeiro, assentam-se os alicerces da pesquisa. É a partir de Bakhtin, e eu diria com ele, que se propõe a leitura, a tessitura, toda uma metodologia para analisar os discursos da política externa brasileira de 2019. Essa parte, como todo o trabalho, é permeada de originalidade. Não é apenas uma explicação qualificada das diversas possibilidades interpretativas, ou metodologias, de observar e compreender o “discurso” ou a “língua”, mas um estudo do tema aplicado às relações internacionais e, mais especificamente, ao campo da política externa brasileira. A Análise Dialógica do Discurso e seus conceitos de cronotopo, dialogismo, polifonia, dentre outros, cobram um sentido ímpar para nossos autores e auxiliam na produção de interpretações, reflexões e conclusões sobre os enunciados concretos dos discursos da política externa brasileira de 2019.

No capítulo dois, temos uma significativa análise do tempo-presente, do tempo-espaco-Brasil-pós-golpe e o fenômeno Bolsonaro. Somos convidados a observar as novidades da contemporaneidade, como a utilização maciça das mídias e redes sociais atreladas à uma campanha política que se alicerçou na desinformação. E, embora o termo não seja utilizado na obra, por que não dizer guerra híbrida, já que os elementos de polarização política, manipulação e sabotagem, além da desinformação, estiveram presentes naquele momento?

Passando para o governo de Jair Bolsonaro, poderíamos adicionar à análise que

a cultura e a defesa de violações dos direitos humanos em afronta aos principais direitos constitucionais - como bem apontou-se - são novos apenas em certo sentido. São semióforos, como disse já Marilena Chauí, são novos enquanto releituras, pois encontramos suas bases conceituais na mentalidade e prática colonial e colonizantes, há séculos e séculos atrás. Ademais, valeria destacar que o fenômeno e a ascensão de Bolsonaro só podem ser compreendidos com o suporte da mídia convencional, tradicional, impressa, televisiva e radiofônica, e sua campanha anti-Partido dos Trabalhadores e anti-Lula como caracterização do “mal”. Por fim, o papel de partidos de centro e centro direita, em particular o PSBD, foram fundamentais, legitimadores, para o golpe de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff e a ascensão do bolsonarismo.

Temos também, neste momento, o convite a observar o primeiro discurso internacional de Jair Bolsonaro, feito em Davos, e uma série de discursos proferidos pelo então ministro de Relações Exteriores Ernesto Araújo. A análise destaca as palavras, termos-ideias, “negacionismo” e “ideologia” e nos brinda com uma série de reflexões, em conjunto com outros autores que vão de Volóchinov a Schwarcz e Chauí. O debate rico a respeito dos termos no campo científico contrasta com a compreensão minúscula do ex-presidente, exemplificando e situando o seu arcabouço mental. Para além, ganha relevo as referências sobre quais impactos internacionais essa política externa de cunho fascista (este termo é meu) causou em diversos campos, como da Saúde (pandemia) e o do meio ambiente.

Ao fim e ao cabo, acabamos por entender que a ideologia bolsonarista é alçada a um tal estatuto de verdade, “a” verdade, que naturaliza um *status quo* metal (econômico político, moral etc.) e psicológico que todas as outras formas de pensar e de interpretar o mundo, são categorizadas como “ideologias”, no sentido de objetivações e subjetivações não apenas errôneas ou equivocadas, não servindo sequer a um debate, mas muitas vezes “malignas”. Como se percebe, esse *status quo* filosófico bolsonarista é avesso à democracia e sua dimensão mais peculiar que parte da virtude do diálogo, do encontro dos contrários e da valorização da multiplicidade de visões de mundo.

No capítulo três ressalta-se, principalmente, os discursos de Ernesto Araújo, a dimensão religiosa, bíblica e as referências a verdade. O título dessa parte alude: Deus acima de todos e a verdade libertadora. A compreensão da política externa brasileira é que ela precisava ser libertada. Libertada de sua ideologia. Em seus diversos discursos, essa tônica do “mal” anterior, dos governos de esquerda repre-



sentados por Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, é frequente. Nota-se que os discursos são sobretudo de negação, contraposição, à esquerda, ao Foro de São Paulo, à Venezuela e a Cuba, ao globalismo, mas pouco se apresenta algo de positivo; a agenda concentra-se na negação. Encontramos algumas apologias ao nacionalismo ao amor à pátria, Deus, verdade, conceitos que, muitas das vezes podem significar um amplo leque de ideias e ou se tornarem abstratos demais, distantes de opções políticas efetivas de relações internacionais, como alianças, estratégias, e prioridade de relações bilaterais, multilaterais, no concerto das nações.

Contudo, se por um lado esse entendimento cobra sentido, por outro não. Polifonia. Souza, Melo e Nogueira nos ajudam a desvendar toda uma agenda positiva da política externa brasileira, como por exemplo: a possibilidade do ministro apoiar o estado monárquico Brasileiro, tendo em vista, como sublinha-se, que ele faz referência - no discurso de posse ao cargo de Ministro - ao senhor Bertrand de Orleans e Bragança como “Sua Alteza Imperial e Real”. Também podemos extrair de um trecho que o Brasil privilegiaria alianças com países conservadores e ou de direita, no momento em que o ministro diz que admira os países latino-americanos que se “libertaram” do foro de São Paulo. De igual maneira, ganha destaque sua preferência por uma política e filosofia colonialista, quando faz referência, por exemplo, ao termo tupi Anuê e que tem que ver com a uma tradução de José de Anchieta para a oração Ave Maria. Isso nos mostra, como Ernesto Araújo compreende que a língua tupi pode e deve ser utilizada para o esforço de uma catequização, de evangelização, dos povos originários. Ele vê, portanto, essa catequese como algo positivo. Por fim, uma outra agenda positiva seria a dimensão do cristianismo e a religiosidade. Neste sentido o cristianismo é entendido como algo que deve guiar as ações do homem público e de uma nação. Isso faz referência, como sabemos, a toda uma política internacional empreendida durante a época medieval, quando os Estados (e as identidades e representações pessoais e coletivas) orbitavam em torno da religiosidade. Novamente, o então ministro, se contrapõe à dimensão republicana, e retorna a tempos passados, em que a religião e a política, estavam fundidos, muitas vezes, sob a prevalência da primeira.

O que o leitor irá encontrar, portanto, é um texto extremamente sofisticado e agradável de ser lido, com ricas e extensas contribuições sobre o tempo presente, e especificamente sobre os enunciados concretos dispostos nos discursos de política externa brasileira, proferidos pelo então presidente Jair Bolsonaro e pelo presente pelo ministro Ernesto Araújo. Nossos autores, a partir do círculo

de Bakhtin, que fornece todo o ferramental para uma leitura e análise deste material discursivo, nos traz reflexões extremamente agudas sobre os termos que já aludimos aqui, como ideologia, verdade, liberdade/libertação, Deus e religião, e como eles estão imersos em um contexto sociopolítico ou em um cronotopo, do tempo presente, que teve o seu auge durante a presidência de Jair Bolsonaro, mas que não deve ser esquecido pois ainda se encontra presente – e em estado de latência – em uma significativa parcela da sociedade brasileira.

Boa leitura!



CARLOS RUIZ É PROFESSOR E MILITANTE. DOCENTE DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UEPB E COORDENADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GOVERNANÇA. MILITA NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, COSMOPOLÍTICAS E DIREITOS HUMANOS. KUIAINAN@GMAIL.COM

PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SERVIÇO SOCIAL¹

 **FÁBIO MARQUES DE SOUZA²**

DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.272>



A

vida cruzou caminhos e me deu a sorte de conhecer Flávio José Souza Silva, um jovem e promissor pesquisador na área de Serviço Social. Doutorando em Serviço Social no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS/ESS/UFRJ), ele tem se destacado pela inteligência, empenho e dedicação à pesquisa.

O Flávio é intenso, sensível, criativo, cativante e atento às especificidades do tempo presente. A trajetória dele como pesquisador e professor promete ser ainda mais brilhante nos próximos anos e, certamente, ele será um nome importante na área de Serviço Social no Brasil e no mundo.

Recentemente, ele lançou o livro “Cultura e Produção de Conhecimento em Serviço Social”, que é resultado de sua dissertação de mestrado. Além disso, o jovem pesquisador já publicou diversos artigos em revistas acadêmicas e tem

¹ Adaptado do prefácio escrito para o livro: Cultura e Produção de Conhecimento em Serviço Social (São Paulo, Mentis Abertas, 2023).

² Professor Doutor Associado - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCG). E-mail: fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br

participado ativamente de eventos, congressos e da organização política do Serviço Social desde o movimento estudantil, como, também do conjunto CFESS-CRESS-ABEPSS.

A obra apresenta uma pesquisa consistente sobre a relação entre a categoria cultura e a direção social do Serviço Social brasileiro. O autor mapeou teses de doutorado defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS), disponíveis on-line pela plataforma Sucupira, no período de 2011 a 2017, e analisou as apreensões acerca da categoria cultura e sua relação com a direção social da profissão.

O livro utiliza como suporte teórico a Teoria Social Crítica de base marxiana, que permite a apreensão qualificada das dimensões que compõem o real, partindo da apreensão da totalidade social. O autor parte da totalidade social para vincular a categoria cultura à materialidade da vida social, evitando assim pressupostos culturalistas que a automatizam e a fragmentam.

A amostra da pesquisa é composta por quatro teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS/UFRJ). Os resultados confirmam a prevalência de referenciais culturalistas nas apreensões acerca da categoria cultura, o que sugere a influência do ideário pós-moderno e um tensionamento na direção social do conhecimento em apreço.

O livro é uma contribuição importante para a compreensão da relação entre cultura e Serviço Social, oferecendo uma análise crítica das teses de doutorado produzidas na área. O autor oferece uma reflexão relevante sobre a direção social do Serviço Social, especialmente em um contexto de crise orgânica no capitalismo contemporâneo e de ascensão de ideias conservadoras.

Em outras palavras, o livro de Flávio José Souza Silva é uma contribuição valiosa para a área de Serviço Social, pois problematiza a apropriação da categoria cultura nas teses de doutorado da área e sua relação com a direção social da profissão. A pesquisa de Flávio se diferencia das abordagens culturalistas que tendem a tratar a cultura como algo autossuficiente e descolado da materialidade social, o que pode levar a uma compreensão fragmentada e acrítica da realidade social.

O tempo presente é marcado pela reatualização de pressupostos conservadores na sociedade capitalista em crise, como mecanismo dessa sociabilidade de manter a sua hegemonia. Ao utilizar a Teoria Social Crítica de base marxiana como suporte teórico, Flávio busca romper com essa ode conservadora que tan-

to se expressa na produção de conhecimento na atualidade.

O livro de Flávio José Souza Silva certamente se tornará uma referência importante para estudantes, pesquisadores e profissionais da área de Serviço Social que desejam aprofundar sua compreensão sobre a relação entre cultura e produção de conhecimento na profissão.

ACESSE, GRATUITAMENTE, O E-BOOK PELO DOI: [10.47180/978-65-87069-90-6](https://doi.org/10.47180/978-65-87069-90-6)



PAULISTA DE NASCIMENTO E PARAIBANO DE CORAÇÃO, FÁBIO MARQUES DE SOUZA TEM FORMAÇÃO NAS ÁREAS DE LETRAS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E EDUCAÇÃO. ASSIM COMO BELCHIOR, SUA MAIOR ALUCINAÇÃO É SUPORTAR O DIA A DIA E O SEU DELÍRIO É A EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS. FABIOHISPANISTA@GMAIL.COM